

Moira Bianchi

Gatas & Ciladas

Não dá para fugir do ronronar do Destino



Gatas & Ciladas

Não dá para fugir do ronronar do Destino

Gatas & Ciladas

Não dá para fugir do ronronar do Destino

Moira Bianchi

1ª edição

Copyright © 2016 Moira Bianchi
Copyright © 2018 Editora Bezz

Título Original: *Gatas & Ciladas*
Revisão final: Vânia Nunes
Capa: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Bianchi, Moira
Gatas & Ciladas, Moira Bianchi. 1ª edição. São Paulo. Editora Bezz, 2018.

Obra registrada no EDA Biblioteca Nacional – Ministério da Cultura – Brasil - 2016 com título provisório ‘À vontade’.

ISBN – 978-85-54288-02-0

1.Romance 2.Nacional 3.Ficção I.Bianchi, Moira II. Título

Editora Bezz
Rua Milton Ferreira Franco, 101 – Pirituba
Arujá – SP – 07417– 160
contato@editorabezz.com
www.editorabezz.com

ÍNDICE

Uma Nota

Felinos e Felinas

Bruxa & Vagabundo

PARTE 2

PARTE 1

PARTE 2

PARTE 3

Abi & Torto

CONHECER

NAMORAR

DECIDIR

Mulher-gato & Doutor

TERRA DA CHATICE

TERRA DOS SONHOS

TERRA DO NUNCA

PARTE 4

Viver

Terra do Futuro

Cara de um, focinho de outro

Moiras Felinas

Sobre a Autora

Uma Nota

Sempre me considerei uma amante de cachorros.

Provavelmente por influência de ‘Lord’, um Pastor Alemão muito apaixonante e inteligente que ganhei aos oito anos de idade. Ele marcou minha vida. Seu falecimento aos quinze anos, devido a complicações de displasia coxofemoral, drenou meu estoque de amor incondicional por bichos de estimação.

Anos atrás alguém me ofereceu um gatinho vira-lata, muito pequeno e muito preto. ‘Seu filho vai amar’, a pessoa disse. Acredito que sim, meu filho adoraria o ‘Pelo curto Brasileiro’, mas meu nariz protestou assim que cruzamos olhares – o felino e eu. Não o adotamos, porém, ele ganhou meu coração a ponto de estar presente no *‘The Prince of Pemberley’* – o livro que escrevia na época. Ganhou o nome de ‘Shoyu’ e o amor incondicional daquela heroína.

Desta forma, este livro foi escrito com o gatinho preto que não trouxe para casa em mente; também, com meu amor a Lord e o de todas pessoas que adoram seus bichinhos – especialmente os amantes de gatos.

Com o tempo, as ciladas do destino e a dureza da vida, nos apareceu a oportunidade de aumentar a família com uma criaturinha peluda e desconfiada que batizamos de ‘Almirante Horatio Nelson’. E, adivinha: meu filho se apaixonou imediatamente pelo gatinho preto&branco muito voluntarioso e de personalidade forte.

Confesso que insisti para que adotássemos o gatinho... Escrever este livro mudou minhas convicções quanto ao afeto que conseguimos destinar a animais de estimação e domou meu receio de piorar as alergias.

Espero que você também reconheça seu amor (felino) de estimação bem representado aqui.

Várias obras são mencionadas, como *‘Um bonde chamado Desejo’*, de Tennessee Williams’, *‘Luzes da Cidade’*, de Charlie Chaplin, *‘O Pequeno*

Príncipe', de Saint-Exupéry, Agatha Christie e Sir Arthur Conan Doyle, contos de fadas, o poetinha Vinícius de Moraes, Seu Jorge e, como o terceiro protagonista tem uma banda, Dire Straits e Rolling Stones. A autora não tem direitos sobre as obras mencionadas, mas agradece a inspiração.

Felinos e Felinas

‘Existem coisas conhecidas e existem coisas desconhecidas, no meio existem as portas da percepção.’

Ao que me parece, gatos são os porteiros.

A frase sugestiva de Aldous Huxley provavelmente não era, mas poderia se referir aos muitos simbolismos que aos gatos têm sido atribuídos com o passar do tempo. Deuses no Egito, guardiões em Roma, condutores para os Celtas, mensageiros de felicidade no Japão: em várias culturas, gatos carregam incomensurável carga positiva.

Gato(a) é uma pessoa bonita e atraente, um *jazzman* em inglês - como ser mais legal que isso? Ou, uma contravenção, uma adaptação para surrupiar alimentação de energia, por exemplo. Quão sugestivo...

Animais domésticos, eles são conhecidos por terem funcionários, não donos. Gatos são independentes, inteligentes, curiosos, negam-se a executar qualquer ação que não lhes agrade e, ainda assim, são... Fofos. Pequenos e poderosos indivíduos que graciosa e sorrateiramente perambulam pela vida escolhendo lugares confortáveis para se aninhar; ora aqui, ora acolá.

Tudo isso poderia ser facilmente traduzido em: gatos são o ‘destino’ incorporado: fazem o que querem bem na sua cara!

Se as famosas Moiras da Mitologia Grega, as deusas irmãs que tecem o fio da vida de cada pessoa na Roda da Fortuna, fossem senhorinhas, seria fácil vê-las com gatos ronronando aos seus pés e brincando com seus novelos. Ou, quiçá, bruxas com gatos pretos...

Três mulheres poderosas; Clotho, Láquesis e Átropos, aqui, são princesinhas felinas Persas bem peludas: Bureau, Stella e Tigresse. Para ajudar, vem Constelação, Sal e, por fim, Manekineko. Meninos bonzinhos sempre ficam para o fim mesmo, diz o ditado.

Ligando três histórias de amor, esses gatos tecem, costuram e entrelaçam novas possibilidades e finais felizes para as ciladas que o destino apresenta.

Tanto faz começar pela primeira, pela terceira ou pelo meio...
Escolha uma porta, abra e se divirta.

PARTE 2

Bruxa & Vagabundo

Começa no meio porque em muitas situações difíceis a gente só percebe que está enrolado quando já está muito envolvido.

Ela vagava pelo sítio da irmã durante o churrasco, feliz por ser verão. Cabelo solto, ribana branca, calça de malha cinza, sem maquiagem, sapatos ou preocupação de se arrumar para homem algum. Era uma festa grande, muitos amigos e familiares e pessoas que ela não conhecia; conversava com um ou outro aqui e ali; se mantinha ocupada ajudando o pessoal do buffet: queria continuar livre e solta.

De repente, ela viu uma silhueta atraente passar e seu coração deu um sobressalto. Era já o meio da tarde, ela pensou que ele não viria. Ótima aparência, ainda mais bonito do que meses antes. Camisa branca e bermuda cargo, despojado e viril e lindo e louro.

A aparência dela era pior; claramente não eram feitos um para o outro. Triste com a cruel realidade, ela decidiu ir à casa principal para curtir sua fossa no ar condicionado de seu quarto por alguns minutos. Se jogou de cara na cama sem se importar com lençóis amarrotados e seu suor, ela só precisava perder uns momentos lembrando e lamentando o namoro que tiveram.

Algun tempo depois, talvez muitos minutos, ela ouviu seu telefone bipar e tentou ignorar, mas o aparelhinho dos infernos continuou com os bipes irritantes. Sua irmã perguntando onde ela estava, amigos chamando para a beira da piscina. “Cadê você?” “Preciso contar um lance” “Pique-esconde sozinha não tem graça”. Ela suspirou fundo e levantou se espreguiçando. A banda tocando perto da sua janela a distraiu e sua mente vagou pensando na grana do cunhado. Da sua irmã, na verdade. Já estavam casados há algum tempo, era a última festa antes que o bebê nascesse – ela seria tia logo.

O telefone bipou mais uma vez, ela o deixou sobre a cama e marchou para o jardim usando a porta dos fundos para fugir da bagunça. Dava para ver a grande estrutura da cozinha *gourmet* ao lado na piscina, a estrutura branca

parecendo exuberante contra o pôr do sol alaranjado, mas antes que ela chegasse perto, ouviu um primo distante do pai chamando seu nome. *Droga, ele vai querer que eu saia com o filho dele de novo, parece que nunca vai desistir!*, pensou preocupada em fugir. Seu pai poderia ajudar, poderia dizer para o cara deixá-la em paz, mas não... Ele só dava aquele risinho e... Ela parou em um supetão, olhos arregalados, chegou a ofegar.

— Oi!

— Oi. — O homem louro levantou as sobrancelhas, coração acelerado na garganta.

Eles ouviram alguém chamar o nome dela.

— Droga. Tenho que ir. — Na verdade, dessa vez, ela agradeceu aos céus a insistência do primo chato e até sentiu uma pontada de arrependimento por ter dito ao filho dele que tinha acabado de se inscrever em um Convento.

— Quem é? — Ele franziu a testa olhando em volta.

— Primo do meu pai, você nunca conheceu. Não pode me achar.

— Por quê?

Ela mordeu o lábio num sorriso maroto.

— O que você fez? — Ele sorriu de volta.

O nome dela mais uma vez.

Ela olhou para a direita e para a esquerda procurando para onde ir e ele silenciosamente apontou uma cerca viva alta. Ela balançou a cabeça e rapidamente pulou para trás, mas percebeu que não escondia muito. Se virou e se surpreendeu com o cara louro, seu ex, a apertando contra a parede da casa de máquinas da piscina. Sem pensar, ela estendeu os braços na intenção de abraçá-lo a cintura, mas louca, pensou que o primo chato poderia reconhecer seu esmalte rosa e abaixou as mãos.

Ele levantou as sobrancelhas de novo pensando que ela possivelmente fosse atacar-lhe a virilha. Ele adoraria, mas não era o estilo dela; com certeza não faria sem um convite antes.

— Não quero que ele descubra que estou aqui. — Ela sussurrou.

Ele concordou com a cabeça dando mais um passo em direção a ela até que não havia mais espaço entre eles.

Com as mãos dele espalmando a parede dos lados de sua cabeça, ela podia sentir o perfume dele, e ele cheirava tão bem, como homem bonito limpo, como bons tempos perdidos no passado. Seu sistema inundado, ela levantou o queixo, encontrou aqueles olhos letais a encarando e uma reação automática lhe tomou conta: o atacou com um beijo certo. Vagamente percebeu sua surpresa inicial.

Ele estava um pouco relutante, acertou a coluna a fazendo subir nas

pontas dos pés descalços, deixou que a língua dela invadissem sua boca e, por fim, beijou-a de volta.

A memória lhes veio como um baque violento, faminto e dolorido ao mesmo tempo para os dois, os enchendo de amor e desejo. Apesar de serem meses, parecia que haviam provado um ao outro poucos minutos atrás.

Durou pouco.

Quando ela cortou o beijo, ainda roubou uma última bitoca barulhenta só para ficar com um pouquinho mais dele.

— Desculpe, eu andei bebendo. — Balbuciou.

Ele concordou de novo e abaixou a cabeça para outro beijo. Não era mais uma surpresa, estavam reacendendo o que tinham tido e perderam. As mãos dela acharam o cabelo dele, as dele, a cintura e as omoplatas dela e acabou tendo que apoiar o peso dos dois nos braços contra a parede. O tempo ajuda quando alguém precisa, Newton e Einstein devem ter descoberto alguma teoria sobre isso no passado. Naquele momento, quando o desejo deles finalmente igualava a dor em seus corações, era como se o tempo atrasasse até quase parar para lhes dar cobertura.

Estudaram um ao outro depois dos beijos, os dois ainda sem ar: ela com olhos sorrindo, ele com sua apreensão clara no rosto mostrando o que acontecia no seu peito. Para ela, ele ainda era o Sr. Perfeito e ela ainda era tudo que ele amava, inacreditavelmente.

— Oi! — Ela tentou de novo. — Bom te ver.

Ele sorriu de lado e aceitou outro beijo como resposta. Sempre adorou a língua dela o invadindo a boca; era atrevida e doce ao mesmo tempo. Uma bitoca longa e barulhenta encerrou a carícia desta vez. E, então, ele desferiu seu golpe: — Provavelmente deveria contar que estou saindo com alguém.

Êpa!

Vamos dar uma parada.

PARTE 1

Caro leitor, este casal se apresentou a mim como pessoas sem nome e não importa o quanto eu quisesse os chamar de William e Elizabeth ou Carlos e Roberta, nada nunca pareceu certo. Também insistiram que sua história deveria ser contada começando pelo meio, o que fiz.

Mas, claro, todo mundo precisa ser devidamente apresentado.

Então, vamos continuar usando **ELE** para o rapaz e **ELA** para a garota. Caso você seja mulher, insira em ***ELE*** o nome de um cara bonito e instigante que já cruzou caminhos com você e que esquivou-se demais para ficar por perto; e em ***ELA*** seu nome. Caso seja homem, moça bonita e evasiva em ***ELA*** e você em ***ELE***.

Fique à vontade, a história é sua daqui para frente.

E então, vem o início.

‘Ele’ tinha trinta e poucos, louro escuro, (a menos que prefira trinta e muitos, moreno, negro. Novamente, fique à vontade), atlético, profissional de Segurança Nacional, solteiro, duas irmãs, filho de pais vivos e casados, morava sozinho; achava sua vida boa.

Após uma semana estressante no trabalho, ele foi ao seu bar favorito para despressurizar e, por acaso, encontrou um amigo. Alguns minutos depois, chegou outro, mais um e logo tinham um grupo rindo e bebendo cerveja. Alguns amigos trouxeram as esposas ou namoradas e essas sempre tinham uma amiga para apresentar. Assim, não demorou para que houvesse uma mulher bonita batendo as pestanas para ele com grandes sorrisos e risadinhas, a ele bastava reciprocá-las. Aquela não era exatamente o seu tipo, mas fazia esforço para agradar. Na realidade, ‘seu tipo’ era *mulher bonita mais nova ou ligeiramente mais velha que ele, minimamente inteligente, agradável tanto em aparência quanto socialmente*: isso cobria quase trinta por cento da população mundial. Excluindo as muito jovens ou nem-tão-belas, ainda haveria mais de um bilhão de

possibilidades, a moça ao seu lado incluída.

Sem aviso prévio, ela se instalou no seu colo, só Deus sabia o motivo, e riu dizendo que não havia cadeiras suficientes. Bem, ele precisava relaxar... Um segundo, ele considerava a possibilidade e, no seguinte, estava hipnotizado pela chegada de uma linda ruiva na roupa mais inacreditável que uma mulher adulta poderia escolher: *collant* e meia-calça de bailarina rosa-bebê, uma saínia fina que mal lhe alcançava os joelhos, sapatilhas pretas. Ele precisou piscar.

‘Ela’ é uma mulher bonita de vinte e muitos/trinta e poucos (se você passou desta fase, use sua lembrança, ou se ainda não chegou lá, sua imaginação, por favor), cabelos do tom de louro escuro mais ambíguo possível e que, infelizmente, precisavam de empurrões constantes para se decidir entre ruivo ou castanho (considerando que seu cabelo era incapaz de se comprometer, ela escolheu ruivo e, com cuidado, fazia mechas regularmente com tintura medicamentosa), altura média, magra, inteligente, pedagoga de alta formação, tinha uma irmã, pai viúvo e era solteira.

Aqui precisamos de um minuto para dizer que, apesar de todas as qualidades listadas acima, ela era solteira porque em algum ponto de sua vida ela desenvolveu uma neurose por arrumação e limpeza. Talvez tenha começado no final de sua adolescência quando o mundo provou ser uma fonte inesgotável de alergias e ela precisou tomar muito cuidado com o que comia e onde ia. De qualquer forma, garotos tendiam a ver sua neurose como uma coisa ruim e sempre se ofendiam quando ela pedia um atestado de saúde antes de permitir algo mais íntimo que um beijo. Surpreendentemente.

Balé era mais uma terapia ocupacional do que atividade física para ela. Era um bom exercício, estiloso, alternativo, apazível, dava-lhe um diferencial. Ela adorava, praticava duas vezes por semana, tinha amigos na dança. Naquele final de tarde, a irmã tinha lhe deixado uma mensagem de voz dizendo que encontraria o marido em um bar no mesmo prédio do estúdio de balé e ela resolveu parar por uns minutos antes de ir para sua casa, bem perto.

— Qual o nome daquela ratinha, cunhada? Aquela de focinho e tutu cor-de-rosa? — Seu cunhado implicou. Ela sacudiu o nariz fazendo cara feia, ele riu, e só depois ela se inclinou para beijar a bochecha da irmã. — Ah, por favor cunhadinha, faz aqueles passos que eu gosto tanto de ver!...

— Quando minha irmã te der uma filha, você vai poder ver toda hora, cunhadinho! — Ela implicou de volta e a irmã riu do marido.

— Ah, vai... Por favor. Sabe que não estou te sacaneando...

Ela suspirou contrariada. A mesa tinha vários homens e algumas mulheres, muitas pessoas que ela não conhecia e estava pateticamente vestida em rosa-pétala, sem maquiagem, suas sapatilhas pretas velhas um tamanho

maior para dar aos seus dedos uma folga depois de hora e meia de ponta, sainha de Georgette que provavelmente abriria um pouco se ela dançasse. — Sério? — Ele balançou a cabeça sorrindo como um anjo. Ela sabia que não era maldade, ele realmente gostava de assistir. — É bem ridículo. — O cunhado juntou as mãos como se implorasse.

Sua bolsa no chão, ela cruzou as pernas, torceu o tornozelo direito, depois o esquerdo para que dedos encontrassem o calcanhar oposto e levantou os braços: quinta posição. Ela sorriu, sacudiu a cabeça para que o cabelo caísse atrás dos ombros e, em um salto rápido para o lado, fez um *bourée*, um *plié degagé*, uma pirueta *piqué* e terminou em um *arabesque* caindo nos braços de uma de suas amigas do balé. Elas riram e agradeceram juntas em um gracioso *plie* sendo ovacionadas por todos em volta da mesa.

— Não sabia que ia precisar de um dos caras... — Sua amiga sorriu de lado. — Quer que suba correndo para ver se algum deles ainda não foi embora depois do ensaio?

— Não!... — Ela riu. — Também não sabia que ia precisar!

— Eu adoro essa coreografia. Vivo tentando convencer minha esposa a dançar com a irmã, mas ela nunca aceita. — O cunhado reclamou.

O casal recomeçou a discussão antiga sobre aulas de balé, ela indicou a mesa ao lado e a amiga entendeu que era sua deixa. O bar estava cheio e a melhor opção era uma mesa alta perto do pequeno palco a poucos metros da mesa grande. Ficaram de pé as duas mulheres de olho nos amigos da irmã.

— O moreno dá um caldo.

Ela balançou a cabeça e bebericou seu *Bloody Mary*. — Gostei mais do negro alto.

— Lindo. — A amiga concordou sorrindo.

— Impossível não apreciar um deus de ébano...

— O louro também é gato.

— Muito. Mas quando cheguei, a pescoço-comprido-peito-grande estava no colo dele.

— Ih... Odeio colo com dona.

— Como não odiar? — Ela suspirou e como se ele a tivesse ouvido, seus olhos se encontraram. Ela bebeu seu drink, ele, sua cerveja.

— Está sozinho agora.

— Mas bem perto dela ainda...

As duas mulheres balançaram a cabeça ao mesmo tempo e devagar.

A amiga suspirou com pesar, entristecida por mais um homem bonito ter o colo loteado. — A que horas temos que chegar à festa?

Ela até precisou piscar para se livrar do poder daqueles olhos nela. Ele se

mantinha de pé atrás da mulher que ocupava sua cadeira, alto e charmoso, em forma, olhos letais. — Mmm... Duas horas. — Ela virou o rosto para olhar para a amiga. — Mais ou menos.

— Melhor irmos então.

— Ok.

Ele ficou triste de vê-la ir embora. Uma bailarina cor-de-rosa adulta lhe pareceu muito atraente, a cabeleira ruiva dava um toque especial na inocência que a roupa sugeria. Tão bonita com aqueles olhos e movimentos graciosos, dançou no meio do bar! *Aquela mulher* era seu tipo. Seu amigo não tinha lhe dito que a cunhada era muito doente ou muito doida ou muito os dois? Pareceu-lhe muito gata, isso sim.

Mais uma cerveja e ele considerou pedir o telefone dela para o seu amigo. Ele poderia aturar duas horas de um espetáculo de balé, já tinha feito uma vez... Não. Era ópera... Ele franziu a testa levando a *long neck* à boca quando ela voltou. Caralho. Puta. Merda.

Quase duas horas de cuidados de beleza certamente a fariam mais bonita, ela pensava. Seu espelho dizia que ela estava ótima, estava confiante e animada em encontrar os amigos depois de passar no bar para dar um beijo na irmã.

— O que acha?

— Amei! — A irmã se levantou para admirar a fantasia. — Deu certinho! É como se o chapéu e a maquiagem já tivessem vindo com o vestido!

— No final das contas, sua madrinha era mesmo uma bruxa! — Ela riu, a irmã riu e o cunhado sacudiu a cabeça.

— Dá uma voltinha para eu ver bem.

Enquanto a irmã explicava e justificava mais uma vez porque tinha escolhido preto para suas madrinhas de casamento, ele admirava à distância.

O vestido preto de um ombro só ficava entre inocente e provocante. Tinha uma saia rodada, mas também um decote, marcava a cintura, os joelhos e os ombros. Por um segundo ele considerou que perfume sentiria quando seus lábios encostassem naqueles ombros... Ela percebeu que ele a estudava e levantou uma sobrancelha, ele balançou a cabeça piscando devagar como se desse sua aprovação. *Bruxa danada de bonita*. Ela prendeu um sorriso de lado, ele fez o mesmo.

— A maquiagem ficou ótima! Fez o contorno preto sozinha? — A irmã perguntou inspecionando as pesadas ondas negras saindo dos cantos dos seus olhos até encontrarem o nariz, a sombra verde e violeta, os cílios postiços pretos. — Queria ter aceitado ir nessa festa...

— Cunhadinho ia odiar se travestir para mais uma festa!

— Não vou ser um travesti. — O cunhado franziu a testa com raiva. —

Na verdade, nós todos... — Ele gesticulou indicando os amigos em volta da mesa. — Estamos deixando a barba crescer para sermos lenhadores em duas semanas. Muito machos. Lenhadores durões.

As mulheres riram.

— Vou indo. — Ela beijou a bochecha da irmã de novo e ajustou o chapéu pontudo no cabelo bem escovado. — Tenho um monte de gente para enfeitar. — Ela piscou, arriscou uma olhadela nele e saiu um pouco frustrada por não tê-lo visto mais. Nem a pescoço-comprido.

Ele não estava mais em volta da mesa, estava sozinho perto do balcão do bar a admirando de longe.

Duas semanas depois, a barba coçava; chateações no trabalho e na família alimentaram seu mau humor nos últimos dias, ele não via a hora de encher a cara. Segunda cerveja desde que chegou à grande festa de Halloween, camisa de lenhador meio aberta, machado de plástico perdido em algum lugar, olhos nas mulheres bonitas em volta.

— Então, você nunca disse que sua cunhada era tão gata. — Reclamou com o amigo.

— Disse sim.

Ele sacudiu a cabeça. — Disse que era doente e doida.

— É também.

— Explica. — Ele resmungou de mau humor.

— Ela tem alergias, das grandes. Lembra na outra semana? Quando estava vestida de bruxa?

Ele balançou a cabeça achando engraçado o amigo imaginar que ele havia se esquecido daquele dia. Não conseguia ver solução para o dilema bailarina comportada X bruxa provocante – na verdade, nem sabia qual gostava mais.

— Ela quase foi parar no hospital. Os cílios postiços acabaram com ela, terminou a noite com olhos inchados e lacrimejando. Coitada...

— Então, ‘muito doente’ é alérgica? — Ele desdenhou, o amigo balançou a cabeça. — Por que ela não toma remédios?

— Centenas. É neurótica com eles e com poeira, o que pode comer, onde pode ir, limpar a casa... Meu sogro ficou aliviado quando comprou um apartamento para ela morar sozinha e deixá-lo em paz!

Ele balançou a cabeça. Era potencialmente ruim, mas não decididamente ruim.

— Ela não é ruiva natural, sabia? — Um sorrisinho de lado.

— Importa?

Sorriso grande. — Nem um pouco. — Os dois homens acharam graça. — Minha mulher fala uns termos complicados para justificar a grana que gastam no cabeleireiro, não sei quais são, mas a cor de cabelo é feita no salão. Quando ela começou a pintar o cabelo de ruivo, falei para minha mulher tentar também.

Ele fez cara de dor. — E ela deu chilique achando que estava de olho na cunhada.

— Foi. Puta merda, foi horrível. Já tinha falado que ela deveria dançar balé também...

— Muito atraente.

Os dois concordaram em silêncio. — Elas dançavam quando crianças, mas pararam por anos. Minha cunhada recomeçou há pouco tempo e dança bem. Não para apresentações ou profissionalmente, mas... — Ele parou para pegar o telefone do bolso quando tocou. — Caralho! — Ele torceu a mão para mostrar a mensagem que tinha recebido. — *Estamos chegando!* — Dizia o texto com uma foto de duas beldades de cabelos negros como a noite, olhos esfumados e batom preto.

— Bruxa. — Ele sorriu de lado. Ele escolheu bruxa.

— Oi.

Ela estremeceu.

— Desculpe por te assustar, Bruxa. Pensei que vocês tinham sexto sentido ou coisa assim.

Ela suspirou. — Consegue guardar segredo? — Ele balançou a cabeça olhando para ela com curiosidade. — É um disfarce.

Ele contraiu todos os músculos do rosto para não sorrir. — Nunca ia descobrir se não falasse.

Ela balançou a cabeça. — Não conta para o meu cunhado, ele ia correr para contar para minha irmã. — Ele franziu a testa. — Ele conta tudo para ela.

— Seu cunhado? — Ele a olhou de lado.

— Você não é um dos amigos dele? — Ela apontou para os suspensórios pendurados da cintura da calça e a camisa xadrez. — Barba grande para não serem travestis de fadinhas como minha irmã queria.

— Odeio essa merda. — Ele coçou o rosto. — Devia ter usado o chapéu coco que achei no sótão da casa dos meus pais.

Ela piscou os olhos esfumados, os cristais aplicados nas têmporas brilharam e a boca pintada de preto se esticou em um sorriso preguiçoso. — Lenhador e chapéu coco?...

— Só o chapéu coco.

— Uau! — Ela explodiu em uma gargalhada.

Ele corou e riu baixo. — Não foi isso que quis dizer, não viria de *stripper*...

— Charlie Chaplin! — Ela disse antes que ele explicasse a fantasia de *stripper*. — *Luzes da cidade*.

Ele levantou as sobrancelhas. — Chaplin. Meu pai até tem a bengala do meu avô.

— Seria bacana também. Fica bem de lenhador, apesar da barba que coça. — Ela enterrou os dez dedos na raiz dos cabelos e grunhiu. — Entendo perfeitamente. — Ele ficou curioso. — Que horas são? Estou contando os minutos para ir embora.

— Já? Acabou de chegar. — Ele se entregou.

— Não aguento essa tintura temporária! Preciso lavar a cabeça e vai ser impossível salvar a maquiagem. — Ela apontou para os cristais aplicados nas teias de aranha que saíam de seus olhos marcantes. — Melhor ir para casa ou então esperar e ir direto para o hospital. Falei para minha irmã que meu limite eram duas horas.

Não fazia nem uma hora que ela tinha chegado, ele era um homem atento. — Posso ajudar?

— Pode lavar meu cabelo para mim? — Ela levantou uma sobrancelha sorrindo docemente. — Como um cabeleireiro? — Ela inclinou a cabeça para trás para deixar o cabelo longo descolar das costas. — Tomando cuidado para não estragar minha maquiagem? — Ele era lindo e divertido e alto e amigo do seu cunhado e tudo, mas ela tinha mesmo que ir embora para lavar aquela titica do cabelo antes que seu couro cabeludo ficasse em carne viva.

— Posso tentar.

Os dois sorrindo, olhos nos olhos, corações ligeiramente acelerados, segundos se passaram como se estivessem sozinhos e não em uma festa lotada.

— Posso?

Ela deu de ombros. — Não aguento mais. — Ele balançou a cabeça. — Não imagino onde vamos achar um salão aberto a esta hora.

Ele terminou a cerveja em um longo gole, colocou a garrafa na primeira mesa que achou e a pegou pela mão, discretamente subindo as escadas com ela. — Esse banheiro vai servir. — Fechou a porta atrás deles, olhou em volta e achou uma banqueta estofada pequena.

— Como sabia...

— Já precisei do *toilete* hoje, cheguei cedo e a cerveja está gelada. — Ela achou graça. — Senta e inclina a cabeça na pia.

Que coisa estúpida para se fazer.

Se trancar em um banheiro estranho com um cara lindo que queria mexer com a cabeça dela.

E ela nem tinha bebido tanto assim.

Mas a alergia estava quase a vencendo e, bem, melhor ser assassinada com cabelo perfumado, não é? Ela sentou e se inclinou para trás.

Ele enrolou as mangas mais alto e considerou como se lava cabelo longo. Shampoo, claro, ia precisar de um tipo qualquer de sabão. Ele remexeu armários e achou um vidro grande, mas antes de abrir ela tomou de sua mão.

Apertou os olhos e inspecionou o rótulo. — Esse não, por favor.

— Por quê?

Ela apontou para as letrinhas miúdas logo abaixo da logo chique. — Sou alérgica a este componente.

— Entendo. — Ele concordou. — Algum desses? — Ele apontou para os outros no armário e observou-a se inclinar para frente mexendo nos vidros. De repente, ela se endireitou com olhos arregalados. — Que foi?

— Talco de bebê, terrível. — Ela espirrou. — Odeio. — Outro espirro.

Ela espirrava baixinho como se prendendo a expulsão de ar, como um gatinho. Ele sorriu de lado enquanto ela espirrava pela terceira vez. — Melhor lavar o nariz?

— Estou bem. — Ela disse com voz nasalizada antes de espirrar mais quatro vezes em seguida e coçou a cabeça.

— Talvez sem shampoo nenhum?

— Seria ótimo. Obrigada. — Ela sorriu sem jeito.

Ele a segurou pelo ombro trazendo as costas de volta para a pia e abriu a água. Assim que as pontas das longas mechas foram encharcadas, a tinta preta começou a girar em direção ao ralo revelando o ruivo. Era trabalho duro, sem shampoo ele ia precisar de muita água e pentear muito. — Vamos para a banheira. Vai ser mais fácil usar a ducha de mão.

Ela balançou a cabeça, mas assim que sentou, o cabelo encharcou o vestido preto bonito de gola em V de babados. — Droga. — Ela grunhiu segurando o cabelo de lado e ele rapidamente achou uma toalha para lhe estender.

— Desculpe, sou um péssimo cabeleireiro.

Ela riu. — Mas o personagem vagabundo seria perfeito para você. Um homem pronto para ajudar é sempre charmoso.

— Você não é uma florista, é uma bruxa...

— Nunca poderia ser sua florista... — Ela sorriu constrangida sentando no chão ao lado da banheira. — Não suporto pólen. Primavera para mim é pura

tortura.

Ele pegou a ducha de mão do chuveiro e testou a temperatura da água antes de cuidadosamente correr os dedos na raiz dos cabelos dela. — Não posso te mandar flores, então?

— A menos que queira me matar, não. — Ela sorriu tristemente e abriu o fecho que segurava as alças do vestido atrás do pescoço. Estava ensopado, mas seria pior se não tirasse de perto das mãos desajeitadas dele.

Incrivelmente era agradável lavar os cabelos dela. Ver o preto deixar as várias nuances de louro escuro a ruivo livres era hipnotizante. Ela ajudou esfregando as partes onde doía mais e ele direcionou o jato d'água até que todo traço do preto escorresse pelo ralo da banheira.

— Está livre, mas infelizmente sua maquiagem não foi poupada. — Ele sorriu para a Bruxa que segurava o decote do vestido com cuidado para não deixá-lo ver demais. — Está manchada aqui e aqui. — Ele lhe tocou as têmporas de ambos os lados. — Desculpe de novo.

Ela suspirou feliz correndo os dedos no cabelo longo molhado e abriu os olhos. — Obrigada mesmo assim.

— Prazer foi meu.

Seus rostos estavam tão próximos que podiam sentir o perfume da pele um do outro, quase podiam adivinhar como seria a pressão dos lábios quando se tocassem. — Você é muito...

— Tosco?

— Não... — Ela engoliu em seco para matar o fantasma do gosto que não tinha experimentado. — Gentil.

Ele sorriu e se esticou para recolocar a ducha no gancho. Tinha estado perto de beijá-la enquanto ela estava sentada no chão com o vestido aberto. Logo estaria deitada, meio nua e por mais excitante que a possibilidade fosse, não era assim que ele queria que acontecesse dessa vez. — Precisa de ajuda para secar?

Ela se debruçou na banheira para torcer o cabelo e enquanto se maravilhava com a água tão limpa que pingava, tentou acalmar o coração. Ela esteve perto de beijar um homem estranho de quem ela não sabia nada. Se sua pasta de dentes era segura para ela, seus hábitos de higiene, consultas ao dentista, exames de saúde, não sabia nada. — Acho que não aguento o secador. Minha cabeça está dolorida. — Ela resmungou tentando fechar o botão unindo as alças do vestido atrás do pescoço e sentiu os dedos dele tocarem os seus.

Com o vestido recomposto, seios protegidos e arrumados dentro do decote profundo, ela se levantou secando o cabelo na toalha. Deu um sorriso tenso de lábios fechados para o lenhador lindo com quem estava trancada em um banheiro estranho (e limpo), se olhou no espelho e sua expressão despencou. As

teias de aranha que sua irmã tinha tido tanto cuidado para desenhar estavam muito borradas. — Ai... Realmente arruinada...

— Tentei mesmo fazer direito.

— Nem um cabeleireiro profissional teria evitado esse desastre. — Ela se virou e tocou o ombro dele que sorriu de lado, lábios presos. Quando ela percebeu os olhos dele atentos à sua boca, voltou sua atenção para o espelho. — Acho melhor limpar o que está borrado e tentar salvar o que dá.

— Como faremos isso? — Ele perguntou aparecendo atrás dela no espelho.

Nossa, que bela imagem... — Se estivesse em casa, teria cotonetes e demaquilante ... — Uma expressão travessa passou pelos olhos dela.

Ele teve que sorrir. — O que é?

— Acha que seria extrema calhordice remexer nos armários um pouco mais? — Ela sussurrou. — Você já fez...

— Acho melhor eu mexer... Não queremos mais cheiro de talco de bebê.

— Oba! — Ela bateu palmas e ele riu baixinho. — Adoro ter comparsas!

Ele remexeu os armários altos com ela no seu ombro como papagaio de pirata direcionando onde investigar até que acharam uma bolsa de maquiagem pequena. Ela arfou. — Marcas que eu uso! — Saltitou na ponta dos sapatos altos e ele sacudiu a cabeça para a felicidade dela.

Cotonetes, um restinho de demaquilante no vidro quase vazio e o delineador manchado estava limpo, mas as teias de aranha estavam tão diferentes que mal podiam ser identificadas.

— Parece que estou soltando raios dos olhos. — Ela torceu os lábios para um lado. Apoiado na parede ao lado da pia, ele concordou. — Estranho, né? Vestido preto com esse babado todo, cabelo claro e raios.

Ele inclinou a cabeça a estudando e pulou para o lado segurando a porta quando alguém tentou abrir. — Ocupado! — Ele gritou e trancou a fechadura. — Não queremos ser pegos no flagra. — Ela corou, ele riu. — Deixe-me olhar para você, Bruxa ruiva.

— Falsa bruxa... — Ela forçou um sorriso amarelo deixando que a mão dele no seu queixo levantasse seu rosto. — Também não sou ruiva na verdade. — Ela levou o dedo indicador aos lábios pedindo segredo.

— Imagino... — Ele se inclinou para frente pensando que gostaria – não – ele queria descobrir a cor natural, o poder real que aquela mulher tinha sobre ele, as alergias e a maluquice e o gosto que ela tinha. Ele encostou os lábios nos dela e, felizmente, ela respondeu ao selinho. Ele abriu a boca para deixar sua língua traçar os lábios pretos e a ouviu suspirar antes de abrir a boca também. As línguas se tocaram, mas os lábios não se colaram, foi um toque rápido, quase

como se tivessem se lambido.

Ela pensou em beijar aquela boca misteriosa tão atraente; o homem misterioso que parecia tão saudável e inofensivo para suas alergias, mas tão perigoso para seu coração, e deixou que as línguas se encontrassem. Ele tinha gosto bom, língua fina, forte. Ela lambeu-lhe a língua uma vez, duas.

Ele inclinou a cabeça para trás sorrindo de lado achando graça.

— Eu... — Ela gaguejou. — Tenho tantas alergias, tenho que...

— Tenho experiência em salvar pacientes em choque anafilático.

— Jura? — Ela levantou as sobrancelhas inclinando a cabeça para trás também e dando mais espaço entre suas bocas.

— Não. — Ele sussurrou nos lábios da mulher bonita. — Mas dirijo rápido *pra* caralho e sei o caminho para o hospital mais próximo. — Colou os lábios nos dela com as mãos no seu pescoço.

Para ela foi impossível resistir. As mãos dela foram para a cintura dele, seus olhos se fecharam e a boca recebeu o beijo mais delicioso que já tinha provado na vida. Invasivo e carinhoso, tranquilo e doce; um beijo de alguém que realmente queria beijá-la. Cabelo molhado, raios no rosto, barba coçando, nada os incomodou durante aqueles minutos.

Quando ele se inclinou para trás novamente, os lábios dela estavam manchados de preto, mas ela sorria de olhos fechados, raios e cristais e cabelo louro avermelhado. Diabos, ele estava apaixonado. O polegar dele acariciou o pescoço dela, a outra mão que de alguma forma tinha achado a cintura dela, a segurou firme. — Vai precisar de batom novo também. — Os olhos dela abriram rápido como asas de borboleta. — Tem algum que goste naquela bolsinha?

Ela virou o pescoço para olhar no espelho e teve que piscar em resposta à imagem do homem lindo atracado no seu rosto onde seus lábios a beijavam, seus próprios lábios sujos de preto. — Eu trouxe.

— Rosa? — Ele perguntou quase na orelha dela. — Gosto de rosa em você. — Ela o estudava no espelho. — Existem bruxas boas? Com certeza me enfeitiçou.

Ela capturou sua boca de novo. Não para um beijinho leve, de mocinha; foi para um beijo do tipo salve-se-quem-puder. De repente, ela estava inundada em adrenalina e desejo por aquele homem que tinha gosto bom, lavou seu cabelo e disse que estava enfeitiçado por ela. — Posso ser uma bruxa boa para você.

Ele concordou com olhos fechados querendo mais beijos, braços enrolados nela a trazendo contra seu peito. — Vou querer.

Os beijos eram longos e intensos alternando entre desejo amoroso e curiosidade crua. Bocas abertas, línguas explorando, centenas de milhões de germes passando alegremente de um para o outro. Mas ela não ligava. Ele disse

que dirigia rápido, não disse?

Quando ele afastou o rosto mais uma vez, as mãos dela no seu cabelo, tinha um cristal pendurado na têmpora delicada. Ele tirou com cuidado e ela piscou sentindo a cola puxar a pele até sair. — Vou guardar isso e você vai ter que aceitar um segundo encontro para reaver sua joia.

Ela riu. — Chantagem, Vagabundo?

Ele sorriu inspecionando a gota de cristal falso. — Veja se consegue transformar os raios em espirais, daquelas que uma bruxa boa tem saindo de garrafinhas de poção do amor.

Ele a observou desenhar a pele com o único lápis de olho que achou. Era verde escuro e apesar dela precisar retocar toda a maquiagem para justificar a cor diferente, ele achou que ficou perfeito. Ela limpou o batom preto da barba dele e, com os dedos, escondeu quase toda deixando só um bigodinho aparecer. — Um vagabundo é assim.

— Já saqueamos esse banheiro, posso procurar um barbeador.

Ela sacudiu a cabeça. — Deixa o lenhador esconder o vagabundo que só eu vejo.

Diabos, se ele não estava enfeitiçado!

De volta à festa, ela escolheu ficar perto da piscina para pensar direito. Quão fora de padrão para ela, cair nos braços de um homem tão desesperadamente... Ele tinha sumido com a desculpa de cerveja gelada e ela não poderia culpá-lo. No meio de suas rumações, ela achou os olhos da irmã e sacudiu a cabeça coçando o ar em volta das têmporas.

— Alergia? — A irmã perguntou silenciosamente e fez cara de dor quando ela concordou.

— Estou legal. — Ela respondeu também silenciosamente e estremeceu quando ele se materializou na sua frente com duas cervejas e um pequeno buquê de flores.

— Plástico. — Ele sorriu charmoso.

Ela riu e pegou. — Onde conseguiu achar?

— Cozinha. — Ele bebeu de uma das *long necks* e entregou-lhe as duas. — Segura. — Pegou as flores e, enquanto ela equilibrava as duas garrafas, ele tirou três flores para arrumar atrás da orelha dela com o cabelo em volta das pétalas. — Perfeita. — Ele sorriu. As flores rosa claro, o cabelo ruivo, as espirais verdes saindo dos olhos bonitos, o batom brilhante, a gola de babados — Uma perfeita bruxa boa. — Ele tirou o telefone do bolso e a fotografou.

A princípio surpresa, ela sorriu e posou para ele tirar várias fotos. Lábios esticados, beicinho, juntos para um beijo, olhando para ele por entre os cílios. Ele riu encantado e ela provou a cerveja.

— Bruxa. — Ele digitou a fazendo rir mais. — Número.

Ela considerou rapidamente não lhe dar seu telefone, mas ele era lindo e estava enfeitiçado. Quem diria que ela podia fazer isso com alguém? Ela ditou os nove números e estremeceu quando seu próprio celular tremeu dentro do bolso do vestido. — Me ligou?

— Sim. Agora você pode me ligar quando precisar de uma carona para o hospital. — Ele pegou a cerveja de volta e bebeu. — O quão alérgica você é?

— Tanto a ponto de me preocupar com a pasta de dentes que você usa. — Ela deu-lhe um sorriso amarelo.

Ele engasgou na cerveja e riu alto. — Sério? — Ela concordou. — É um tubo que fica em pé, branca com listras verdes, tem gosto de menta, uma moça bonita com olhos de gato diz na TV que ajuda o sorriso a ficar mais saudável.

— Bom, minha garganta ainda não fechou, então, acho que não tem problema...

— Me avisa quais são seguras, eu troco.

As sobancelhas dela levantaram. — Jura?

Ele deu de ombros. — Perfume, loção de barbear, shampoo também?

— Quase uma deficiência física. Desculpe. — Ela suspirou e ele sacudiu a cabeça. Ela então lhe contou como as alergias começaram a piorar quando sua mãe faleceu e quantos problemas já tinha tido. Apesar de interessado, ele continuou a coçar o rosto e ela passou sua garrafa para ele. — Posso? — Ela ofereceu e mais acariciou do que coçou suas bochechas com as pontas dos dedos dentro dos pelos. — Sei tudo sobre coceiras e como a pele sofre depois.

Os dez dedos delicados no rosto dele, olhos na sua barba, sua bruxa era encantadora. Seus braços a envolveram pela cintura, as curvas femininas contra ele e os lábios se encontraram novamente no meio da festa por vários minutos.

— Melhor?

— Não. Pior. — Ele murmurou nos lábios dela.

— Que ruim. — Ela franziu a testa e recomeçou a coçar carinhosamente.

— Agora quero te levar daqui. — O tom de voz dele era tão sugestivo que ela mordeu o lábio. — Quer ir?

Ela gostou dele, era um homem bonito, gostoso e quente, atencioso, gentil até. Mas ela não era assim tão corajosa. — Sempre assusto os caras nessa parte...

Ele desconfiou. — No primeiro encontro, não? — Ela sacudiu a cabeça. Ele já esperava algo assim, a caça era tão excitante quanto a conquista. — Vamos sair de novo amanhã. Cinema?

— Engraçado. — Ela prendeu os olhos. — Não me lembro de ter sido convidada.

— Quando peguei suas joias, esqueceu? — Ele sorriu de lado charmoso, maroto. — Às sete?

No segundo encontro também não. E agora ele entendia o ‘muito louca’.

— Alérgica a camisinha também.

— Sim. — Ela estava determinada a não esconder nada e dispensar o cara com delicadeza. A implicância e torcida da irmã durante o dia tinham sido impiedosas. — E por causa das alergias eu fico assim... Preocupada com limpeza e arrumação. — Ele piscou do outro lado da mesa do restaurante, ela até já podia vê-lo se afastar. — Fico mais confortável quando sei dos hábitos de higiene do cara, exames de saúde também, então... É basicamente por isso que sou solteira.

— Entendi. — Ele tomou um gole grande do seu chope.

— Moro perto, não precisa me levar em casa.

Ele apertou os olhos e se inclinou nos cotovelos sobre a mesa ameaçadoramente. — Está me dispensando ou querendo me assustar?

— Com a verdade? — Ela deu de ombros. — Antes cedo do que tarde. Rejeição dói tanto em mim quanto em qualquer mulher.

— Usa suas alergias para espantar caras que você não quer.

Ela corou violentamente. — Culpada.

Ele a pressionou no seu olhar letal até ela abaixar o olhar para as mãos na mesa. — Quais?

— Não entendi.

— Quais exames e quais marcas? — Ele exigiu empurrando seu telefone para ela sobre a mesa. — Escreve tudo, eu cubro seu blefe.

— Não estou blefando.

— Vem para minha casa comigo agora, então. — Ele pressionou. — Paramos em uma farmácia e compramos a marca de camisinha que você prefere.

— Não estou inventando, tenho mesmo muitas alergias e...

— E não quer ficar comigo.

— Quero! — Ela falou sem pensar. — Quero dizer, fiquei um tempão escolhendo o que usar para você gostar e...

— Escolheu bem.

Houve uma batalha silenciosa de olhares desafiadores.

— Escreve, Bruxa.

Ela escreveu.

Durante a semana, os horários dele eram insanos, ele nunca conseguia tempo para surpreender galantemente uma mulher com almoços ou encontros românticos. Dependendo se o projeto onde estava envolvido tinha sigilo legal, ele sumia por dias e foi isso que aconteceu. Segunda e terça foram lotadas de

torpedos e ele adorou conversar por mensagem com ela, lhe mandou foto do curativo no braço provando que tinha tirado sangue, ela lhe mandou melhoras, ele disse que não estava doente, ela ofereceu carinho assim mesmo, ele aceitou, ela lhe mandou desenhos de Charlie Chaplin, ele mandou receitas de feitiços. Mas nos dias seguintes, teve que desaparecer para trabalhar em um caso importante. Era manhã de sábado quando ele escapou decidido a tirar alguns dias de folga para despressurizar.

Foi diretamente para a casa dela, mas ela não estava – ao menos não atendeu a campainha. Um vizinho disse que ela havia saído cedo, ele deveria ligar para o celular dela. Ele ligou e ela não atendeu. Muito ansioso para ir embora, ele sentou no carro para esperar e acabou cochilando; a batida na janela o assustou, mas ver a bailarina sorrindo o ajudou a acordar de bom humor apesar do pescoço dolorido.

— Bom dia. — Ele resmungou se esticando.

— Quase tarde. — Ela sorriu. — Está esperando há muito tempo?

Ele saiu do carro, se espreguiçou e estendeu um envelope para ela. — Queria te dar isso, mas achei que seria estranho deixar na caixa do correio.

— Ah... — Ela balançou a cabeça prendendo os lábios desapontada por ele ter uma razão para estar ali além de vê-la. Segurando as sapatilhas de balé enroladas na fita comprida, ela pegou o envelope gordo achando ser um documento qualquer. Nada seria tão excitante quanto o homem lindo dormindo no carro na calçada na frente do seu prédio. — Obrigada. Quer tomar café ou coisa assim?

— Claro. — Ele sorriu admirando quão adorável ela era vestida de bailarina. *Collant* branco com um casaquinho cobrindo os braços e os seios, sainha rosa-bebê, meia-calça solta dos tornozelos e sapatilhas pretas. — Balé no sábado de manhã? — Ele trancou o carro com um bipe alto.

— O professor teve problemas essa semana e precisou remarcar a aula de quinta. — Ela deu de ombros. — Se importa de subir no meu apartamento? Saí correndo e só trouxe minhas chaves.

Claro que ele pagaria pelo café, mas visitar a casa dela parecia uma ótima ideia. Era um pequeno apartamento de um quarto, piso e teto de concreto envernizado, tubulação aparente arrumada em linhas retas, somente um tapete fino perto da cama, um velho baú de madeira servindo de mesa de cabeceira e uma cômoda verde do outro lado, um sofá branco, TV grande, paredes brancas, exceto uma. — Todos esses tons de rosa... Até parece folha de catálogo de tinta.

— E é. — Ela fez uma careta engraçada. — Quase enlouqueci minha arquiteta insistindo em alinhar a tubulação, não queria uma bagunça de linhas tortas. Quando chegamos à cor de parede, ela sugeriu várias, mas não consegui

me decidir, então, ela mandou pintar todas em sequência. Adorei.

— É bem legal. — Ele sorriu e apontou para o envelope.

— O que é isso, hein? — Ela perguntou distraída. — Você não respondeu meus torpedos e pensei que tinha se cansado da piada do Chaplin... — Ela se calou.

— Não, Chaplin é bacana. Meu trabalho às vezes precisa de concentração, peço desculpas por ter sumido. — Ele observou os olhos dela percorrendo os resultados dos seus exames. — Acho que está completo.

— Não falei nada sobre narcóticos.

— É exigência do trabalho, tenho que fazer regularmente. Só pedi para incluir os que você queria.

— Olha, não queria nada. — Ela suspirou e andou até a cômoda verde ao lado da cama, longe dele. — Só disse que fico mais confortável quando conheço o cara. — Ele tirou uma pilha de papéis da primeira gaveta e estendeu para ele.

— Agora me conhece por dentro. — Ele levantou as sobrancelhas ironicamente e as manteve altas olhando os exames. — Não preciso disso, Bruxa. — Ele devolveu. — Teria te levado para minha casa na noite da festa.

— Não tem medo de doenças?

— Não a ponto de virar uma neurose. Posso ver que é saudável.

— Não tem como saber ao certo.

— Faz visitas ao psicanalista?

— Duas vezes por semana. Ajuda muito.

Ele concordou e sacudiu as mãos quando ela tentou lhe devolver os exames. — São para você.

— Para guardar como lembrança? — Ela perguntou irônica. — É a primeira vez que um cara me oferece livremente...

— Segundo melhor presente. Flores estão proibidas.

Ela achou graça. — Que constrangedor. — Tirou o casaqueto *cache-coeur* mostrando as alças do *collant* cruzando nas suas costas. — Quer o café? Tenho uma máquina de expresso.

— Seria bom.

Eles tentaram conversar durante a mísera xícara de café que cada um tomou, mas não havia clima. Ela se sentia como um vulcão inspecionando a oferta de sacrifício.

Ele estava cansado demais, muito mais do que imaginou. Ela era adorável vestida de bailarina, o *collant* colado nas curvas bonitas, mas também arredia. — Te pego às sete?

— Sete. — Ela considerou se o encontro era pagamento pelos exames, ele provavelmente estava esperando transar já que havia se dado ao trabalho. —

Você parece cansado, talvez seja melhor marcar para outro dia.

— Estava melhor quando cheguei, mas esperar por você me fez ver como estou morto. — Ele balançou a cabeça. — Te ligo depois?

Ela concordou e se encostou na porta tristemente depois que ele foi embora. Por vários minutos ela considerou a chance de achar um cara lindo que aceitava sua deficiência. Se inclinou para fora da janela apoiada na barriga procurando o carro dele. Vaga vazia.

— Vagabundo? — Ela arfou no telefone. — Volta?

— *Quase em casa, Bruxa.*

— Oh, ok.

— *Vem?* — Ele convidou não acreditando na sua sorte. — *Te espero na porta.*

— Trinta minutos? Vou tomar um banho e trocar...

— *Vem agora, Bruxa, como está.* — Ele queria a bailarina linda e adorável de *collant* branco e meia-calça rosa, cabelo castanho claro avermelhado em uma trança de lado, sem maquiagem. — *Estou te esperando.*

Ela estava de calça de *yoga* enrolada na cintura, ele viu contrariado. Pegou na mão fina a ajudando a sair do taxi e, com um braço em volta da cintura, a trouxe para o seu peito. — Cadê a saia? — Ele sussurrou nos lábios dela. — Adoro aquelas sainhas finas.

— Quer que vá buscar?

— Não. — Ele a beijou. — Quero tomar banho com você.

— Que promissor!...

— E higiênico o suficiente. — Ele sorriu. — Espero.

No elevador, ela correu os dedos no cabelo dele. — Por que não está incomodado comigo?

— Mas estou, enfeitiçado até.

— Alergias, exames de sangue, você debocha das minhas neuras, perguntou da minha terapia.

Ele deu de ombros e abriu a porta para ela. — Sua armadura não me assusta.

— Armadura? — Ela perguntou indignada. — Tenho mesmo... — Um espirro alto.

Ele sorriu espantado. Não foi um espirro de mocinha, de gatinha segurando o ar, foi um espirro violento. Depois outro e mais um.

— Desculpe. — Ela resmungou. — Às vezes um lugar diferente me deixa desconfortável. Vou me acostumar... — Um espirro e um miado. Ela congelou, olhos arregalados. — Um gato?

— Bureau!

Ele chamou e uma gata muito gorda, muito peluda, muito fofa e muito mal-encarada andou lentamente até eles para se enroscar languidamente nas pernas do Vagabundo.

Ela sacudiu a cabeça em pânico, deu um passo para trás. — Não posso. — Espirro.

— Miau. — Olhos felinos absolutamente surpresos fixaram nela.

— Oi, princesa! — Ele sorriu olhando para baixo, feliz em ver o focinho plano de sua Persa. Desconfiada, a gata tentou cheirar as pernas da Bruxa, mas ela deu um pulo. A gata imitou mostrando os dentinhos. — Pedi um banho especial no *petshop* essa semana. Ela deve ser segura para você. — Espirro, miau, espirro. — Vocês duas fazem uma sinfonia!

Ela se virou para voltar ao elevador, ele a segurou pela cintura. — Melhor eu ir embora e a gente se vê depois... — Espirro. Miau.

Olhos felinos ainda atentos a ela, um ganido começou. Bureau estava muito desconfiada. Miau.

— Você nunca espirra perto de mim. — Ele pegou a bolsa das mãos dela e colocou na poltrona grande. A gata pulou imediatamente para investigar e cheirar a bolsa. Miau. Depois foi ao sofá onde deitou se esticando e convidando seu dono a lhe fazer carinho. — Foi treinada por uma ótima *pet sitter*, é muito esperta. — Disse orgulhoso. — Está esperando um afago, mas melhor não. Né?

— É uma gata muito... — Espirro. Miau. — Bonita. — Apertou os olhos e espirrou de novo, desta vez como um gatinho fazendo força para se controlar. — Sinto muito. — Ela prendeu os lábios.

— Eu não. Bureau mora aqui, você é visita. Prefiro fazer carinho em você. — Ele a trouxe para seu peito novamente, mas desta vez ela estava tensa. — Relaxa. — Ele pediu nos seus lábios. — Toma um anti-histamínico se vai te fazer se sentir melhor. É coisa da sua cabeça, Bruxa; você nunca espirrou perto de mim antes e eu sempre estou com minha gata.

— Você não tem pelo longo. — Espirro. Miau.

Ele riu a empurrando para uma porta fechada. O apartamento era arrumado e colorido, tinha várias armadilhas mortais para ela: a gata, prateleiras de livros provavelmente cobertos de poeira, cortinas, tapetes... Era um lugar legal que infelizmente a fazia se sentir constrangida de seu próprio medo. O quarto dele era espaçoso, tinha uma cama grande, lençóis brancos e travesseiros que pareciam não ter sido usado por dias, uma TV enorme, um *closet* sem portas — Ai, Jesus! Mais poeira. Ela grunhiu.

— O que foi? Não gostou daqui? — Ele fechou a porta atrás dele para ter certeza que a gata ficaria na sala.

— Já sinto meus olhos coçando, melhor pegar meus remédios antes que...
Um beijo a silenciou. — O chuveiro será seguro.

— Camisinhas e meus remédios estão na bolsa ao lado da sua gata peluda.

— Não disse sexo, disse chuveiro.

— Que decepcionante. — Ela fez bico. — Ainda assim preciso dos meus remédios. — Espirro apertado.

— Hoje não. Hoje eu vou ser sua cura. — Ele sorriu de lado tão charmoso que ela teve que beijá-lo de novo.

Ele gostou quando ela segurou seu pescoço e subiu nos dedos dos pés para esticar o beijo por longos minutos que a língua invadiu sua boca exigindo atenção e que ela gemeu quando ele a apertou com mais força. Quando seus dedos acharam um mamilo durinho, ela estremeceu assustada, ele sorriu. — Relaxa, Bruxa. — Ele sussurrou na orelha delicada acariciando com cuidado.

— Desculpe.

— Aqui neste quarto você tão tem nada para se desculpar. — Os dedos dele puxaram a fita nas costas dela e ela tirou o casaqueto, ele beijou-lhe o ombro correndo os dedos no osso protuberante e abaixou a alça do *collant*. Ela tremeu sentindo os lábios beijarem sua pele e quando eles acharam o mamilo que ele tinha estado acariciando, ela estremeceu de novo. Ele riu baixinho, lambeu e abocanhou fazendo-a gemer e sentir o *collant* muito apertado.

Ela puxou o cabelo dele para trazer os lábios de volta para os seus e abaixou a roupa até a cintura, abriu a camisa dele e o ajudou a tirar. — Você é lindo! — Ela murmurou Tateando-lhe o peito e abdome às cegas.

— Isso é lindo. — Ele segurou ambos os seios dela e apertou com tesão. — São espetaculares. — Sorrindo de lado, olhos atentos ao que acariciava, ele deu passos lentos para trás sem a soltar.

Conduzida desta forma sensual, ela andou com ele para dentro do banheiro e viu mesmerizada quando a bunda dele encostou na pia e ele se inclinou para beijar um, depois o outro mamilo. Com o beijo subindo para o pescoço, ele empurrou as roupas dela para baixo passando pelos quadris; calça, *collant*, meia-calça, tudo enrolado junto mostrando o corpo bonito, curvas, os pelos bem contornados. Seus dedos mergulharam imediatamente e ela estremeceu quando ele lhe tocou o botãozinho.

— Ui!

— Não te machuquei. — Ele sussurrou na orelha dela, olhos para baixo vendo seus dedos a invadindo. — Nem se fizesse isso... — Ele pressionou com cuidado, porém com mais força. — Nem assim ia te machucar.

— Não machucou. — Ela o segurou pelo peito, dedos contornando um

mamilo. — Só me assustou.

Ele riu incomodado com o que os dedos dela o faziam sentir. — Segura aqui. — Ele pegou a mão delicada e colocou atrás do seu pescoço. — Ou mais em baixo se preferir. — E retornou a mão para o seio segurando com vontade.

— Você quer?

— Muito. — Ele disse já na sua boca e teve que parar o beijo para gemer quando ela o segurou por cima da calça *jeans*. — Por dentro, Bruxa. Já estou sob seu feitiço.

Ela riu, abriu a braguilha e agarrou. — Sem cueca! — Ela arfou.

— Odeio. — Ele riu, olhos fechados sentindo os dedos pequenos em volta dele. — Você também não está de calcinha. Eu gosto assim.

— Me incomoda quando danço.

— Não use nenhuma quando vier me ver, Bruxa. — Ele segurou-a pelo pescoço com as duas mãos e beijou com todo seu desejo. — E vem toda hora.

— Você já está quase dormindo. — Ela murmurou rindo. Ele sorriu de olhos fechados, boca aberta esperando que a língua dela voltasse para outro beijo. — Ainda bem que já está na cama. Vou te deixar descansar.

— É. Me deixa descansar. — Ele se remexeu a segurando pelo traseiro para trazer ainda mais perto da virilha dele, uma perna pesada sobre as dela a imobilizando. — Quando eu acordar, vou querer mais. — Ela o beijou e ele beijou de volta com vontade. — Vai pegar seus remédios e volta para cá.

— A gata...

— Bureau é uma princesa, ela não vai morder.

— Vai pegar minha bolsa, por favor. — Ela pediu manhosa beijando os cantos da boca e sentindo os pelos da barba nos seus lábios. Ele grunhiu. — Vou ficar espirrando por horas...

— Não toma remédio nenhum, você só precisa de mim. — Ele bocejou e resmungou alguma coisa que ela não entendeu.

Pegou no sono. Ela suspirou. Ao menos conseguiu energia suficiente para lhe dar um bom banho. Ai, Nossa! Há quanto tempo ela não se divertia tanto. Ele era lindo, bem dotado, ávido e paciente ao mesmo tempo. Não tinha pressa, ela mesma estava morta. Pernas bambas, respiração ofegante, rosto até doía de tanto sorrir largo. Ele ressonou baixo ao seu lado e ela se virou para olhar para o teto. O travesseiro dele não cheirava a poeira ou amaciante barato, cheirava bem. De repente, uma mão pesada agarrou seu seio e ela estremeceu, um gritinho surpreso a escapou.

— Shsh. — Ele resmungou. — Quietinha, Bruxa.

Ela sorriu.

Ele acordou desorientado com os miados o chamando, demorou para lembrar que já estava em casa depois de dias virando no trabalho. Se espreguiçou, sentiu a mulher bonita ao seu lado, apalpou a cintura, traseiro e beijou o pescoço delicado.

— Vou falar com a outra princesa, já volto. — Ela ronronou ainda dormindo, ele esticou um sorriso maroto e inclinou a cabeça para trás. — Cacete! — Pulou da cama.

Ela acordou minutos depois com a voz grave sussurrada perto dos seus lábios, beijinhos rápidos e carinhos de nariz na sua bochecha.

— Qual é o remédio de alergia, Bruxa?

— Mmm?...

— O verde? Pílulas grandes?

— Sim. Por quê? — Ela franziu a testa piscando e sorrindo.

— Aqui. — Ele lhe deu a pílula e um copo d'água. — Seu pescoço e peito estão muito vermelhos, placas grandes.

— Ah... — Ela sentou devagar e tomou a pílula.

— Costas também... — Ele a beijou no ombro e atrás do pescoço. — Desculpe.

— Ih, hematomas também?... Ah, é um chupão! — Ela apontou para o seio esquerdo, ele sorriu, ela o cutucou no peito.

— Oito horas até o próximo. — Ele murmurou lendo a bula. — Você precisa comer alguma coisa.

— Provavelmente vou tomar outro em quatro horas... — Ela se espreguiçou como a gata a quem seu corpo reagia tão violentamente e levantou com muita preguiça para ir ao banheiro.

— Diz oito horas na bula.

— Meus tornozelos estão esquisitos. — Ela se esticou de novo, desta vez de pé. Ele ficaria muito satisfeito em observar o corpo bonito se não estivesse cheio de placas vermelhas. — Se incharem, vou precisar intercalar com o SOS. Melhor ir para casa.

Os olhos dele foram diretamente para suas pernas enquanto ela andava para longe da cama. — Como pode ser assim tão ruim? Bureau não entra aqui há dias.

— Privacidade, por favor? — Ela disse com raiva fechando a porta do banheiro na cara dele. — Deveria ter ido embora quando você dormiu, mas me distraí.

Quando ele ouviu a torneira da pia, abriu a porta. Ela fez cara feia no espelho, ele ainda estava de testa franzida. — Seus tornozelos parecem iguais

para mim. Bunda também. Ele agarrou com as duas mãos.

Ela sorriu de lado. — Talvez não seja uma crise grave. Suas roupas são basicamente seguras, já nos pegamos duas vezes antes e não tive nada... Imagino que a gata não goste do seu *closet*. — O sabonete líquido era bactericida, ela usou reparando nos outros produtos na pia e tudo parecia seguro.

— Não, ela gosta do sofá.

— Então... — Ela secou as mãos e se virou para abraçar o pescoço dele. — Você é seguro para mim quando vestido. — Um beijo rápido no pescoço. — Nu no banheiro é ok também. — Outro beijo. — Sua cama, porém... — Ela estalou a língua. — Um lugar que não serve para mim.

— E se eu comprar uma nova?

— E se eu só vier aqui muito de vez em quando?

O beijo foi longo e faminto, ela sentou na pia e logo a ferramenta dele tocava suas partes delicadas. — Posso pegar nos seus peitos, mesmo vermelhos assim? — Ele implorou. — Ficar longe está me matando.

— Água fria ajuda. — Um sussurro no ouvido dele. — Mas gostaria de terminar isso na minha casa.

Gostar não é nada perto de conseguir.

Se roupas de baixo ele não usava, imagina se ela conseguiria achar samba-canção para usar depois do banho... Muito menos pijamas. Como saiu do banho antes dele, ela teve tempo para concluir que o melhor que conseguiria seria mesmo uma camisa grande para usar como vestido. Pouco prático, mas *sexy*. — Estou com fome! — Gritou ouvindo o chuveiro.

— Eu também. Come o que quiser. Se não achar nada, pedimos.

Com muito medo ela abriu a porta do quarto e colocou a cabeça para fora.

— Gatinha? — Sussurrou. — Peludinha? — Nada. — Tenho muita alergia a você, nenhuma a seu dono, já tomei meu remédio, fica longe de mim? — Nenhuma resposta. Acreditando que ele havia prendido a bichinha em algum lugar, ela saiu pé-ante-pé a caminho da cozinha – estava faminta.

Tudo limpo. Na geladeira quase vazia, uma maçã meio murcha, ovos, pão de forma, molhos, água, cerveja. Ela se agachou para pegar a maçã, inspecionou perto dos olhos pensando em omeletes e assim que fincou os dentes da fruta, ouviu.

— Miau.

Ao mesmo tempo sentiu o pelo fofo roçando nas suas canelas.

— Não! — Estremeceu pulando para o lado, a gatinha pulou para o outro. — Assim, não! — Reclamou de boca cheia. — Você fica lá, eu fico aqui!

— apontou a sala. — Sofá!

— Miau! — Cara (focinho) feia.

— Alergia! — Ela apontou o nariz e as manchas avermelhadas.

— Rrrrr...

— Olha, ele é lindo. — Ela conversou com a gatinha que percebendo a necessidade de paciência, sentou nos quartos traseiros. — E não tem grilos com meus grilos. Vou investir. — Miau. — Exato. Miauzinho. — A garota bonita de cabelo molhado e maçã mordida na mão apontou a sala de novo. — Seja amiguinha e fica na sala? Prometo que não me meto se ele estiver contigo.

A gatinha não se mexeu.

A garota suspirou.

— Ciumenta! — Acusou e resolveu cuidar da omelete.

Na porta do quarto ele assobiou e a gatinha correu para atender ao chamado. — Sou uma porra de um cara de sorte mesmo. — Disse sorridente acariciando a peluda no colo e vendo a bonita na ponta dos pés procurando pratos no armário alto. — Duas gatas em casa.

Ela se virou constrangida por estar nua sob a camiseta que levantada, mostrava parte do traseiro. — Achei ovos e pão na geladeira.

— Gosto de gema mole. — Ele avisou apontando o armário sob a pia e se aproximou para beijar o ombro dela.

— Cuidado, peluda demais! — Olhos arregalados para a gatinha, ela se esquivou. — Só sei fazer mexidos ou omelete, acho melhor você assumir, então.

Ele sorriu e soltou a gatinha que pulou contrariada.

— Miau.

Quando ele finalmente levou a garota em casa, a tarde já ia avançada sem precisar do remédio SOS.

O trabalho dele na Inteligência lhes roubou os sete dias seguintes; era um caso grande, sua experiência era fundamental. Ela disse que estava tudo bem, que entendia e que ia sentir saudades; ele se desculpou em torpedos e ligações rápidas realmente triste por não tê-la por perto, especialmente quando ela confessou que como já tinha visto os exames dele, entrou na pílula.

Parecia ser uma semana complicada para todo mundo, até para os oito adultos da turma de balé. O instrutor sugeriu uma divertida pequena coreografia da peça ‘Cats’ para descontrair já que todos, cansados com suas vidas profissionais, precisavam desestressar. Entraram na brincadeira imediatamente, riram cantando e se esticando, fingindo lamber as mãos e miando. Ela tinha Bureau na mente, remexeu o bumbum como a gatinha preguiçosa em frente ao espelho e quando levantou os olhos, seu Vagabundo estava atrás da porta de

vidro da sala de dança. Braços cruzados no peito, pernas afastadas, sorriso de lado. Ela caiu das pontas dos pés.

Teria ele reconhecido que ela imitava sua gata?

Sim, ele viu imediatamente.

Ela corou o rosto todo com tamanha intensidade que ficou tonta, até piscar ficou difícil.

— Continua. — Ele disse sem voz. Ela tomou ar em inspirações curtas. Titica, não é que ela estava caidinha por ele? Um dos caras a segurou pela cintura tentando colocar o boá de penas no decote das costas do seu *collant* preto e ela pulou. O amigo riu e prendeu o cordão de penas, a pegou pela mão e a rodou para fazer o rabo de faz-de-conta enrolar nas suas pernas. Penas eram tão perigosas quanto pelo, mas ao menos ela estava de meia-calça. Incerta se os seus olhos estavam secos porque ela estava mesmerizada pela aparição do louro lindo, ou realmente pelas alergias, ela perseguiu seu amigo dançarino em uma rápida sucessão de *bourées* e piruetas, tudo em ponta para que ele tirasse dela.

Ela ainda estava sem ar quando o instrutor parou a música terminando a aula, o rabo sumiu e todos sentaram no chão para alongar.

Ele amou, a beijou sem fôlego, o abraço apertado, a mulher linda na ponta dos pés para alcançar sua boca. — Me dá uns minutos para me trocar?

— Não, vamos como está, bruxa de gato preto. — Ele sorriu, olhos nos lábios dela. — Sem calcinha, né?

— Huh-huh. — Ela sacudiu a cabeça. — Minha casa é perto.

— Eu sei.

Quatro horas depois, eles estavam tomando chope sentados lado a lado em um restaurante que ela gostava, onde os garçons conheciam suas limitações e seu pedido habitual de cor.

— Poderia te matar? — Ele implicou lendo o cardápio.

— Provavelmente.

— Não pode ser assim tão ruim! — Sorrindo, ele esticou os olhos para o decote dela e se inclinou para beijá-la.

— Homem horroroso!

— Não teríamos mais um beijo esta noite? — Sorriu, ela sacudiu a cabeça bebericando o chope. — Estaria no meu organismo, não no seu.

— Melhor aí!... Minha comida não pode nem passar por uma panela que tenha cozinhado camarão. Ou lula. Lagosta e siri são quase seguros, quase. — Ela deu de ombros. — Não liga ou vai acabar comendo só peixe branco grelhado com limão.

— Existem tratamentos para essas alergias, ou não tem? — Ele voltou os

olhos para o cardápio se decidindo por frango.

— De longo prazo e tal? — Ele balançou a cabeça. — Tentei a maioria, mas os efeitos colaterais são terríveis. Ouvi falar de uma nova geração de vacinas.

— E se eu bebesse bastante água? Vem. — Ele a pegou pelo pescoço.

— Nem assim! — Depois do beijo ela explicou que lábios inchavam, nariz e bochechas ficavam cobertos de urticária e se fosse um ataque severo, ela temia que até os remédios não fossem suficientes.

— Além da alergia, acho que a neurose não te ajuda. — Ele acusou provando o jantar. — Não teve complicação alguma depois de passar tempo com Bureau.

— Já tinha tomado o remédio...

— Eu dirijo rápido, te salvo. — Ele piscou, olhos arregalados, expressão divertida no rosto. — E te levo no melhor alergologista da cidade.

— Já fui a todos.

— Com certeza deve haver uma cura à sua espera.

— Você sabia que ela era tão alérgica? — A médica perguntou franzindo a testa pensando que tinha uma filha naquela idade que, queira Deus, não namorasse um panaca desses. — Ainda assim, desconfiou e insistiu nos testes tão abrangentes? Ela vai sentir efeitos colaterais o dia todo.

O idiota balançou a cabeça, coçou o cabelo. — Achei que ela exagerava.

— Eu não sairia com você nunca mais se fosse ela.

— Tomara que ela não te ouça. — Ele franziu a testa esticando o pescoço para ver a sala de exames onde ela trocava de roupa.

— Também não deixaria minha filha perto de você. — A médica sacudiu a cabeça, olhar de desaprovação claro. — Ela é esperta, sabe quais remédios seu organismo aceita melhor, já experimentou muitos tratamentos antes desse novo que vamos tentar.

— Fica perto da minha gata sem grandes crises. Pesquisei sobre pessoas que criam anticorpos a seus bichos de estimação.

— É credice.

Ele deu de ombros. — Estamos convivendo bem.

— Se for animal de pelo curto... — A médica deu de ombros.

Em casa, com a companhia da gatinha Persa extremamente peluda, a culpa o corroía. De tão cuidadoso com ela, chegou a irritá-la.

— Para de pirar, Vagabundo. Estou bem. — Ela riu da ironia de ver alguém perder a razão por suas alergias e levantou as mãos para fazê-lo parar. —

Não precisa tomar banho logo e escovar os dentes toda hora que come alguma coisa.

No meio do quarto, ele olhou para os lados segurando a toalha, cabelo molhado. — Sua imunidade está baixa. Será melhor eu ficar no sofá?

— Com sua outra? — Ela implicou, ele riu, a gata miou da sala. — Tem remédio em mim suficiente para derrubar um elefante. — Ela suspirou sentindo-se como se movendo em câmera lenta.

Um grunhido alto e ele deitou ao lado dela. — Esse novo tratamento vai te curar. — Quando seus lábios se encontraram, ele sorriu encorajador.

— Que gosto é esse? Enxaguante bucal?

— Sua marca!

— Quanto você bebeu? Não está com a boca queimada?

— Estou com medo de suar perto de você, aquela médica parecia uma general. — Ele resmungou, mas aceitou os beijos que ela lhe deu no rosto, também o corpo esguio sobre o seu.

— Miau.

— Ah, não... — Ela murmurou no ouvido dele. — Agora você é meu...

A mão delicada acordando o desejo dele era tão bom que ele teve muita pena de mandar parar. — Melhor não, Bruxa. Parei de comprar camisinhas. — Ele segurou o rosto da namorada com as duas mãos muito carinhosamente.

— Não acho que tem problema.

Ele já estava com a respiração ofegante. — Como podemos ir até o final? — As mãos dele acariciaram as curvas da mulher bonita quase nua, camisola fina enrolada na cintura mostrando a calcinha pequena. — Merda, por que seu corpo tem que desafiar a ciência?

— Por favor... — Ela tirou a camisola e ele engoliu em seco.

— Bruxa...

— Nada de mal vai acontecer. — Ela o segurou com vontade.

— Estou pronto! — Ele disse por entre os dentes, ela riu ainda melosa e ele teve que rir. Tudo que ela fazia lhe era encantador, tentador. Ele a abraçou pela cintura e ela, deitada de lado rindo, se remexeu recusando se virar para ele que franziu a testa achando graça. — Com medo de me beijar, Bruxa?

Um braço torcido para trás para abraçar o pescoço dele, com a cabeça virada para o lado ela capturou os lábios de seu Vagabundo em um beijo intrusivo e profundo, sugestivamente se roçando nele. — Eu gosto. E você? — Ela levantou a perna para apoiar sobre as dele atrás dela.

— Gosto dos seus peitos demais. — Ele apertou um enquanto a invadia devagar.

— Posso me virar... — Ela suspirou o sentindo entrar devagarinho,

arqueou as costas e esticou o braço para o tocar enquanto ele se movia.

— Pode continuar a mexer esses quadris. — Ele alcançou o botão delicado.

Ele incentivou o novo tratamento de alergias dela e a amizade da garota gata com a gata Persa de seu coração. Havia as interações curtas entre Bureau e sua Bruxa que aprendeu a admirar os movimentos lânguidos e graciosos da gata de longe. Quando perto, a gatinha aprendeu a mastigar o cabelo da garota, era nojento!

Ele mandava fazerem faxinas minuciosas na casa e dar banhos especiais na gatinha, que também passou a usar roupinhas para conter seu pelo. Camisas de gola rolê, pijamas com capuz e até uma fantasia de coelho: Bureau não gostava, mas vestida, ganhava até um colinho rápido da Bruxa.

No entanto, ela preferia a casa dela onde ele deixava roupas que ela lavava como confiava. Aprendeu a identificar as crises de trabalho quando ele precisava sumir por dias e em seis meses tinham um relacionamento sólido.

Tomavam cuidado com o que comiam, estudavam tratamentos naturais para alergia; sucos, chás, comida caseira com ingredientes selecionados.

Quando ele a apresentou à família, escolheu o menu do jantar para ter certeza de que era seguro; que a casa da irmã estava limpa e sem animais de estimação. No mês seguinte, ela retribuiu o levando para a festa de aniversário do pai onde ele teve a companhia do amigo.

Ela o amava de todo coração; era incrível que tinha achado um cara tão bacana que lidava bem com seus problemas. Na verdade, parecia bom demais para ser verdade. Ele era príncipe encantado demais para seu sapatinho.

Bem no fundo ela achava que a gata tinha sido presente de uma ex-namorada ou pior – que tinham comprado juntos para criar como um filho – mesmo que ele repetisse que tinha sido presente da irmã.

Como se o animal fosse fruto de outro relacionamento, ela cuidava de pai e filha nos mínimos detalhes. Começou procurando fantasia de bailarina e quando só achou de bruxinha – com esqueleto que brilhava no escuro e tudo – achou que era um presságio. No fundo, foi do tipo bom, pois, cobria boa parte da pelagem excessiva da gatinha persa.

Depois, passou a comprar roupinhas *fashion*, aperitivos, biscoitos, comidinhas e brinquedos para Bureau na intenção de agradar os dois: a gata (animal) e o gato (homem lindo). Se intrometia na relação deles apesar de tudo, era inegável a exigência de atenção da gatinha e isso a fazia se sentir uma bruxa real.

Se precisava tomar os remédios pesados de alergia e se entregava ao

torpor da letargia, chegava a se perder em devaneios obscuros vendo Bureau como uma bailarina linda vestida de gato como no musical se esgueirando pelo palco na direção de seu Vagabundo.

E esse foi só o primeiro problema que ela viu no relacionamento.

PARTE 2

De verdade

Agora sabemos o bastante para apreciar aquele reencontro.

— Provavelmente deveria contar que estou saindo com alguém.— Ele disse no meio do churrasco, logo depois que ela lhe devorou a boca.

— Oh — Ela corou envergonhada e tirou as mãos do cabelo dele.

Se manteve sério e calado vendo os ombros dela caírem, ele quase se sentia feliz; era uma vingança agri-doce por toda a dor que o fez passar.

— Bom saber — Ela apertou os lábios e olhou sobre os ombros dele para checar se poderia escapar. Iria fugir de qualquer maneira, provavelmente para correr até o velho poço abandonado e mergulhar de cabeça.

— Estou sozinho aqui.

Ela balançou a cabeça e deu um passo para o lado pensando que não importava. — Dá para eu ir, ninguém me procurando mais.

Ele abaixou o braço abrindo a gaiola e ela deu mais um passo para sair do canteiro onde tinham se escondido. E lá se ia ela, o passarinho fugindo das garras do gato.

O nome dela foi chamado de novo, mais alto desta vez apesar de vir de mais longe.

— Merda!

Ele estava quase tremendo, olhou do rosto bonito e triste dela para o jardim e viu uma porta depois de uma colina pequena. Sem nem considerar outras opções, ele agarrou a mão delicada e puxou na direção do galpão de jardinagem poeirento e escuro com janelas para o parque. — Te salvei.— Ele apertou um sorriso.

— Sinto muito.— O coração dela estava espremido.

— Por?— Ele inclinou a cabeça e franziu a testa.

— Por estuprar sua boca ainda agora. Não sabia que estava comprometido.

— Eu te beijei também.

— Mesmo assim.

— Não foi forçado.

Um sorriso fraco e tristonho foi tomando conta dos lábios dela, sobrancelhas abaixadas em dor. — É mesmo bom te ver. Está bonito.

— Você também.

Ela corou e constrangida, esticou a camiseta. — Descalça, descabelada, suada... Assim?

— Assim. Como se tivesse acabado de levantar — Na sua mente, ele a viu sair da cama dele e pular sobre Bureau deitada no chão em um daqueles sábados preguiçosos que passavam abraçados vendo TV.

Poucos passos foram preciso para que ele chegasse perto o suficiente para a encurralar contra um balcão antigo. Nariz com nariz, cabeça inclinada, ela agarrou a cintura dele, ele segurou-a pelo pescoço, bocas abertas, línguas. Ah, que gostoso... Beijos longos e amorosos.

Mais e mais. Intermináveis como o remorso enchendo os corações dos dois.

Ele a pegou pela cintura, a levantou para sentar no balcão e ficou entre suas pernas sem interromper o beijo. Tão envolvido em seu antigo amor o beijando com aquela fome, seu coração sangrando, ele não percebeu um barulhinho estranho quando seu tênis triturou uma lâmpada esquecida no chão. — Senti saudades.

— Não sirvo para amante.

— Vim sozinho.

Ela piscou. Ele foi sozinho por ela, era traição premeditada – muito excitante, mas errado. Ela o empurrou sacudindo a cabeça.

Ele se inclinou para frente e alcançou seus lábios de novo. Assim que ela respondeu ao beijo, ele deu um passo à frente enquanto suas mãos na cintura dela a trouxeram para ele.

Com o beijo raivoso, ela desistiu e relutantemente o empurrou para longe. Ele entendeu como um convite apaixonado, se virou e saiu.

De coração partido, ela pulou do balcão e aterrisou no vidro quebrado, se encolheu e pisou para o lado em um pé só. Frustrada, brava, excitada, pé doendo e suada, ela apoiou as mãos no tampo, abaixou a cabeça e chorou em silêncio.

Ele ainda era tudo que ela sonhava em um homem, tudo que um dia acreditou ter sido magicamente construído para lhe completar a vida de todas as maneiras possíveis. Um feitiço, não, uma maldição que lhe envenenava o coração daquela forma, como a tristeza profunda vazando pelos seus olhos enquanto seu corpo murchava como a rosa do *Pequeno Príncipe*. A pieguice a fez ter ainda mais pena de si mesma, especialmente porque era tão acurada quando dolorida.

Quando ele voltou para o galpão, parou na porta para admirar seu amor. Ruiva, magra, beijo doce, voz de uma tigresa escondida em uma gatinha, ali, tão perto depois de tanto tempo a querendo, sofrendo e a xingando por ter terminado com ele. Deu passos lentos em direção a ela, encurvada sobre o balcão e feliz colou o peito nas costas dela, seu corpo tremendo por causa do contato tão desejado. — Achei.— Sussurrou.

Ela estremeceu.

O rosto dele no pescoço dela, ela levantou a cabeça e ele a beijou mais

uma vez a abraçando pela cintura, do jeito que ela gostava. Ele faria qualquer coisa para agradá-la. Mas o beijo agora era fraco e salgado... — Está chorando?

— Machuquei o pé.— Ela fungou.

Ele franziu a testa olhando para baixo, viu o pé direito suspenso e a lâmpada esmagada no chão. — Vem.— Tão facilmente quanto ele lembrava, a abraçou de lado e levantou para correr os poucos metros do galpão até o apartamento de hóspedes virado para o lado oposto da piscina, fechou a porta atrás deles e apontou a mesa perto da *kitchenette*.

— Me deixa ver seu pé.

— Não precisa.— Ela sacudiu a cabeça, mas ele já a estava direcionando com as duas mãos na sua cintura até que o traseiro encostasse no tampo da mesa. — Eu... Ai!

Ele apertou o corte no calcanhar, tirou o pequeno pedaço de vidro, lavou usando toalhas de papel molhadas e formou uma laminha perto deles.

— Olha, melhor eu ir.

— Ainda chorando? Dói tanto assim?

— Não, não é isso — Ela olhou para ele agachado segurando seu pé como o príncipe encantado da *Cinderela*. — Isso vai me destruir, vou chorar por uma semana — Ela piscou devagar. *Vou sair mancando totalmente desengonçada*. — Vai você, então... Vai, por favor.

Ele ficou de pé.

— Sério — Ela implorou.

— Não quero.

— Você está comprometido.

— Não estou.

— Você disse que está saindo com alguém.

— Ainda assim vim sozinho.

Ela apertou os lábios. — Ainda assim você tem uma namorada.

— Se tivesse, teria trazido aqui. Nós só estamos saindo.

Ouvi-lo dizer “nós” e saber que não se referia a ela, foi tão fatal quanto um caminhão lhe atropelar.

— Não tinha certeza que você estaria aqui. Esteve fora por muito tempo.

— Ele manteve o olhar sério, ela balançou a cabeça. — Mas eu tinha que tentar.

Ela sacudiu a cabeça já vendo na mente como a ressaca de amor seria cruel, ia precisar até de antidepressivos. — Sinto muito por ter te beijado.

— Pareceu gostar tanto quanto sempre gostou.

— Se eu soubesse que não está livre, não teria...

— Aqui, pode ver.— Ele lhe estendeu o celular. — Se eu tivesse uma namorada, você encontraria. Sabe onde procurar.

— Não precisa...

Ele insistiu; ela pegou o telefone se sentindo idiota e masoquista. O histórico de ligações não tinha muitas para um determinado número especificamente. Trabalho, família, amigos, duas para uma mulher. A lista de favoritos estava como ela lembrava – exceto pelo seu número que faltava. Fotos também não tinham uma pessoa em particular como antes tinha centenas de fotos dela, mas...

— Bureau?— Ela perguntou em um sussurro surpreso.

Ele abriu um sorriso largo. — Três dourados e um branco perfeito.

— Que lindos!...— Ela se perdeu passando as muitas fotos de gatinhos muito peludinhos e muito fofos, tão envolvida que até sentiu o nariz coçar. — Como foi isso? Quem é esse namorado gato?

Ele riu, estava orgulhoso da maneira elegante como a gata carregou sua primeira ninhada. — Um Himalaio enorme, pelo branco com focinho, orelha e rabos chocolate. Bonito, mas foi duro deixar o camarada ter liberdades com minha princesa. — Ele fez cara feia, ela riu encantada com as muitas fotos. — Deixa te mostrar...— Ele passou as fotos segurando a mão dela até achar uma antiga. — Minha irmã escolheu o pretendente e fez as combinações. Dos quatro filhotes, os donos do macho vão ficar com dois.

— E você?

— Só tenho espaço para um amor, mesmo que você duvide.— Disse com os olhos letais fixos nela. — Checa as mensagens — Ele sorriu safado.

Ela checou. Clicou no contato de uma morena bonita com luzes ruivas: era ela, a mulher das ligações. Conversa fiada, algumas gracinhas, convite para o cinema. — Êpa!— Ela jogou a cabeça para trás. — Nudes — Continuou mudando as fotos de uma para a outra analisando as duas. Uau! Foi a resposta dele, seria a dela também. Ela desligou o telefone, ele ria baixinho ironicamente. — Homem horroroso!

— Não é minha namorada.

— É sim, até tem fotos dela nua!

— Quem manda nudes por mensagem para um cara com quem saiu duas vezes?

— Melhor por *Snapshot*, né? — Ela desafiou irritada. — Faço assim...

Ele arregalou os olhos, ela sorriu, ele respondeu o sorriso percebendo a brincadeira. — É tão bom te ver — Mãos apoiadas no tampo nos lados dela. — Tão bom. — O nariz dele acariciou a orelha dela e ela tremeu, ele logo atacou-lhe a boca. — Senti tanta saudade — Ele cochichou na sua boca entreaberta, mas ela virou a cabeça antes que ele pudesse fazê-lo de novo.

— Melhor não.

— Me dá uma boa razão...

— Você não está livre e eu...

— Para terminar comigo. Ainda não entendo. — Ela piscou aqueles olhos apaixonantes surpresa com a exigência e agora era a hora dele lhe estuprar a boca em um beijo tão longo e sedento que ela inclinou a cabeça para trás. Ele a pegou no colo, andou até a cama e, com muito cuidado, deitou entre suas pernas. — Fala que senti saudades também, Bruxa. — Ela riu, ele sorriu. Como ele amava aquele som, a vista daquela mulher sob ele, a antecipação do sexo iminente.

— Senti, Vagabundo. Sabe que senti. — Ela segurou seu rosto com as duas mãos para beijar os lábios, nariz, barba por fazer. — Droga, isso vai me matar — Como ela queria deixar de se proteger e, de novo, apostar naquele amor fadado a dar errado...

— Não vai. Não vou deixar você fazer isso — Enfiou as mãos dentro da camiseta dela e adorou finalmente sentir a pele macia de novo, ouvir sua risada e suspiros. Os dedos subiram devagar pelas costelas dela levando a camiseta e quando passou pela cabeça, ele abaixou as alças do *soutien*. — Vou beijar seus biquinhos. Não pul. — Ele sussurrou carinhosamente, os lábios perto da pele sensível.

Ela riu, ele também; olhos no rosto dela e lábios ainda sobre os seios. — Não adianta avisar.

— Eu sei! — Ele fez bico e beijou primeiro o mamilo esquerdo, ela estremeceu, ele sorriu, ela arqueou as costas arfando, ele a segurou pelas costelas e voltou à carícia. Os olhos dele fecharam e, por alguns segundos, se concentrou em apreciar o par de seios mais lindos e perfeitos que ele já tinha tido o prazer de provar, e eles pertenciam à mulher mais linda e perfeita que ele já havia encontrado. Ela suspirou e gemeu, segurou-o pelo cabelo e se remexeu para tirar o *soutien*. Ele estava perdido no que sentia na língua e nas mãos.

Boca molhada em seu próprio desejo, ele voltou aos lábios dela para um beijo.

— Vamos precisar de camisinha — Ela disse passando do seu limite de autocontrole. Ele levantou para tirar a camisa e pisar nos tênis e ela pôde admirá-lo à luz do entardecer. Mais forte, deve estar malhando, talvez a namorada goste de academias.

— Está mais magra — Ele disse a olhando na cama. — Parou de dançar? — Ela balançou a cabeça. — Por quê?

Ela deu de ombros. — Falta tempo — Na verdade, ela tinha desistido meramente porque era uma coisa que gostava de fazer e como estava deprimida com o final do namoro com ele, ela decidiu se privar de qualquer fonte de prazer.

Ele tirou uma camisinha do bolso e abaixou a bermuda. Ela sorriu, ele odiava roupa de baixo. Tão sensual.

— Quer colocar? — Ele ofereceu sorrindo, feliz em ver o desejo ardente nos olhos dela. Ela riu sacudindo a cabeça enquanto ele a despia, o pacotinho entre os dentes. Ah! Mais magra, mas ainda tão bonita. Aquelas pernas, quadris, braços, peitos... Minha bruxa. Não está saindo com ninguém, não está depilada – sua cadeia de pensamentos parou. Porque ela não fazia coisas da maneira que ele gostava não queria dizer que não estava fazendo diferente para agradar outro cara. Medo lhe corroeu enquanto colocava a camisinha, ele ia morrer se ela tivesse achado outra pessoa. — Está saindo com alguém?

— Se não sirvo para amante, imagina para bígama!

Ele amava a petulância dela. Cotovelos dos lados dos ombros magros, as pernas dela na sua cintura como se tivessem feito aquilo naquela manhã mesmo. — Pronta?

— Espera, Vagabundo! — Ela pediu rindo na boca dele; as antigas brincadeiras ainda eram tão divertidas quanto sensuais.

Deus, como ele sentia falta dela. Mergulhou devagar e foi fantástico, como antes, como se ensaiado, como se pertencessem um ao outro. Olhos fechados para apreciar as sensações, olhos bem abertos para ver que estava realmente acontecendo: ela estava na cama com ele, tão gostosa e cheirosa, tão linda...

Os dois muito mexidos para se segurarem, acabou logo.

E enquanto ele deitava ao seu lado, ela beijou seu peito e queixo, brincou com os mamilos dele até que ele riu e trouxe a mão dela para um beijo. — Uau!

— Uau!

— Quando chegar em casa, vou morrer. Ou pela desilusão amorosa estúpida ou essa poeira toda aqui, meu nariz até já está esquisito. Amanhã vou estar morta com certeza... Você vai ser a última pessoa que me viu com vida.

— Causa provável e evidências contra mim — Ele disse olhando para ela de lado, uma mão acariciando o cabelo enquanto ela usava seu braço como travesseiro. — Quero mais. Agora — Ele sabia que aquele tom de voz a derretia, sabia tudo sobre sua bruxa exceto por que ela tinha terminado com ele quando estavam tão bem juntos.

— Quantas camisinhas... — Suas pálpebras fecharam e a boca formou um “o” quando os dedos dele acharam seu botão. O ar doía deixando seus pulmões esperando o momento que ele faria aquela amassadinha e esticada, puxando e empurrando de volta, deslizando devagarzinho e, depois, uma balançadinha... Ah!... Isso. Ela levantou as costas e dobrou o joelho, a outra perna presa sob as dele, a mão esquerda dele segurando seu braço direito para

que ela não o interrompesse, ela piscou tentando focalizar no rosto bonito. Ele olhava para baixo, testa franzida, ocupado a excitando daquela forma.

— Abre — Aquelas pernas dando espaço para seus dedos brincarem com a pele sensível era como um sonho. Ela gostava de como ele acariciava, provocava e acalmava com a palma quando tocava mais profundamente. Ele também gostava muito, tinha levado meses aperfeiçoando a arte, sabia que se soltasse o braço ela ia tirar sua mão, até já tentava; com a mão livre apertava-lhe o punho desesperadamente, ou o braço, logo ia exigir um beijo. Ele levantou os olhos e esperou. Os lábios abriram, tinha a boca seca como se sua única fonte de salvação fosse ele que logo lhe deu o que ela precisava. Foi um beijo desajeitado; ela estava sem prática, ia precisar de paciência para apreciar de novo.

Ele estava também desesperado, ávido demais para se segurar e parou o beijo para colar os lábios na orelha dela. — Vira, eu quero...

Ela fechou as pernas de repente e estremeceu da cabeça aos pés, punho fechado no bíceps dele, até parou de respirar.

— É sério, Bruxa?— Ele riu na orelha dela colocando mais pressão na mão presa entre suas pernas. — Sozinha, sem avisar?— Ela gemeu tentando respirar. — Eu ia te abraçar de conchinha.

— Escapou...

Ele riu alto apaixonado por ela, por estar com ela de novo. Beijou seus olhos, boca, soltou as mãos para acariciar os seios e beijou rapidamente, depois virou para trocar de camisinha. — Só tenho mais essa — Ela balançou a cabeça se espreguiçando. — Queria ficar nu.

— Não estou tomando pílula.

— Quando foi seu último ciclo?— Ele se virou para ela.

— Não sei.

Ele grunhiu. Não tinha como aquela mulher neurótica não saber o minuto exato que seu corpo mudava. — Diabos, queria ter me lembrado de fazer exames essa semana para trazer.

Ela riu segurando o rosto dele entre suas mãos. — Realmente não sei, talvez três semanas... Não preciso mais ficar tão atenta. Me lembro de uma reunião e cólicas... Mas tenho trabalhado tanto.

— Ainda temos essa — Ele a beijou devagar. Aquela boca lhe dava pesadelos e sonhos eróticos. — De conchinha contra a parede, como você gosta — Ele a virou pelos quadris.

— Mas você não.

Uma risadinha feliz — Tá certo, não gosto.

— Olha ela!

Ela sorriu timidamente, cabelo molhado e vestido florido, descalça e um remédio para alergia na mão. — Oi, pessoal.

— Por que está mancando? De pilequinho?

— Por isso foi tomar um banho? — Uma amiga perguntou.

— Pisei em cacos de vidro, machuquei o pé — Ela dobrou a perna para mostrar a sola.

Um homem bonito se deslocou da mesa onde estava apoiado e bateu no tampo. — Senta aqui, gata. Me deixa ver.

— Ele é médico — Outro amigo disse.

— Seria se não estive bebendo desde cedo — Outro fez graça.

— Ainda sou — Ele respondeu a pegando pela mão e a ajudando a sentar na mesa. — Não bebi tanto assim — Ele sorriu. — Isso não é para dor.

Ela sacudiu a cabeça abrindo a mão para ele ver o blister. — Alergia, tem muito pó aqui.

Ela estava olhando para baixo e se encolhendo de dor enquanto o cara bonito inspecionava seu calcanhar quando o Vagabundo chegou com duas cervejas. Vinte minutos, ele a tinha deixado sozinha por vinte minutos porque ela insistiu em tomar banho sozinha, e quando ele a encontra, ela já tem outro homem a seus pés. Ele limpou a garganta fazendo barulho, ela olhou para cima sacudindo a cabeça para o cabelo molhado sair dos olhos e sorriu para ele, sorriu o sorriso que ele amava.

— Ela não pode beber isso, tem um anti-histamínico para tomar — O médico disse.

Vagabundo apertou os olhos. — Ela já tomou várias.

— Quatro — Ela piscou.

— Essa tarde?

— Sim.

— Depois do almoço?

Ela fez careta.

— Esqueceu de comer, não foi, Bruxa?

Ela levantou os ombros em desculpa e explicação ao mesmo tempo.

A briga por território foi interrompida pelo cunhado chegando para dizer que a irmã a estava procurando e com um beijo na bochecha, ela desapareceu agradecida pela desculpa. Quando voltou para perto dos amigos, só encontrou o médico bonito; Vagabundo havia sumido, possivelmente para encontrar seus próprios amigos... Eles uma vez dividiram o mesmo círculo de amizades, não mais.

Já estava escuro quando ele a encontrou novamente. Ainda descalça ajudando a desmontar a festa, ainda linda.

— Você tem meu número — Ela balançou a cabeça parando em frente a ele, mãos cheias do que restou do bolo de aniversário. — Mas trocou o seu. Número de outro estado agora, certo? — Outro balançar de cabeça. Ele tirou o celular do bolso — Fala.

— Não, Vagabundo — Ela apertou um sorriso, ele era tão lindo... — Deixa estar.

— Me dá seu número.

Ela sacudiu a cabeça. — Vou dar a volta por cima, só preciso...

— Eu não vou. Fala seu número — Ele disse imperativamente.

— Eu tenho o seu.

Ele piscou com tristeza. — Mas não vai ligar, nunca ligou.

— Você tem alguém.

— Se tivesse poderia ligar agora para terminar na sua frente — Ele disse e recebeu em resposta um olhar horrorizado. — Nem posso fazer isso, nós não temos nem o suficiente para terminar — Ele insistiu. — Me dá o seu número?

Suspiro profundo, lábio mordido. — Melhor não.

— 99, certo? — Ele começou a digitar depois de “Bruxa”.

— Vagabundo...

Ele fechou a cara. Ela sacudiu a cabeça. — É fácil para mim descobrir. Poderia pedir à sua irmã ou ao meu amigo, poderia até procurar por seu nome no trabalho. É bem mais fácil para mim investigar os edifícios no lado direito da sua rua do que você imagina, só tem quatro. É um bairro de casas, são poucos prédios.

Ela arregalou os olhos e arfou. Ele levantou uma sobrancelha.

Ele já tinha o número novo de telefone dela, de casa, do trabalho, endereço, tudo; já tinha há meses na verdade, mas queria que ela lhe desse. Livremente, como se quisesse que ele a procurasse.

— 99555.5555.

Ele sorriu largo e ia beijá-la, mas parou. — Espera por mim — Sacudiu o telefone. Ela balançou a cabeça.

Aquela noite ela mal dormiu. Tinha muito na cabeça, muitas memórias deliciosas e velhas dores trazidas de volta. Quando a irmã chegou à varanda com duas canecas de café fumegante, o dia já estava claro.

— Dormiu aqui? — Sua irmã mais velha perguntou beijando-lhe o topo da cabeça, lhe estendeu uma caneca e sentou pesadamente ao seu lado no sofá. — Seu ar condicionado quebrou?

— Não e não — Ela apertou um sorriso e acariciou o tornozelo da irmã no seu colo.

As duas observaram o vale e os passarinhos ao longe, em silêncio, por algum tempo.

— Ele está saindo com alguém — A irmã mais velha disse.

A mais nova olhou-a com expectativa.

— Não é sério, nunca apresentou para nenhum dos amigos — Ela pausou. — Nunca vi.

Balanço de cabeça.

— Ainda não entendo por que você terminou com ele.

Suspiro.

A mais velha cutucou a caçula com o pé como faziam quando meninas dividindo o sofá. — Para com isso! Me conta, sou sua irmã!

— Não tem nada para contar.

— Com ele, você estava tão feliz que até conseguia domar suas alergias, era quase um milagre.

— Que nada! — Ela sorriu triste. — Me enchia de florais antes de ir para casa dele — A irmã a olhou com incredulidade. — Se tomasse remédios ele ia notar, eu fico letárgica até com os mais fracos. Então, procurei um alternativo.

— Floral é besteira, gotinhas de água com açúcar que não servem para nada.

— Acabou de dizer que notou o milagre de como minhas alergias melhoraram...

— Porque estava feliz! Suas alergias têm fundo emocional, sempre te disse isso.

Ela sacudiu a cabeça. — Eram a terapia natural com as essências de florais — Não queria racionalizar. — Não somos compatíveis.

— Que nem HDMI e VGA? — Um sorriso irônico.

Uma bufada. — Já olhou para ele? — Ela encarou a irmã, a grávida balançou a cabeça tomando seu café. — Deu uma boa olhada nele? Está ainda mais lindo! E eu ainda sou eu.

— Você é bonita.

— Sou. Bonitinha, tenho bom gosto, sou interessante até. Mas ele é lindo.

A irmã engasgou no café e precisou sentar ereta. — Está me dizendo que terminou com ele por baixa autoestima?

— Não. Isso é autoestima *bem* elevada — Exagerou no “bem”.

— Jesus! — Ela se virou para apoiar os pés no chão.

— Eu poderia colocar silicone, botox, lipo, massagens, até plástica no nariz, mas não seria eu; seria alguém que eu construí para segurá-lo. Não quero isso.

— Você é burra.

— Sou sã.

— Você é idiota — Sua irmã mais velha ficou de pé sacudindo a cabeça.
— Por que deixou suas inseguranças destruírem um relacionamento fantástico?

— Basta nos ver juntos, irmã. As pessoas da família dele são todas lindas, altos e fortes e puro sangue.

— Vocês são um casal lindo, todo mundo fica de olho. Aqui! — A irmã tinha tirado várias fotos dos dois juntos rindo ou se olhando quando achavam que o outro não estava percebendo. — Você parece feliz, ainda mais bonita quando está ao lado dele. Sempre achei que eram perfeitos um para o outro...

Seus olhos perderam o foco passando de foto em foto, mas ela se recompôs, respirou fundo e apagou todas de uma vez só.

— Vou resgatar todas da lixeira! — A irmã bateu o pé com raiva pegando o telefone de volta. — E vou mandar para você e para ele juntos no mesmo e-mail só para ele ter seu contato!

— Não faz isso!

— Idiota!

— Intrometida!

Deram a língua uma para a outra e ainda estavam emburradas quando o marido da irmã desceu para o café mais de uma hora depois.

PARTE 3

Na tarde do dia seguinte ao churrasco, ele começou com os torpedos.

Como está se sentindo?

Ok. Muita coisa para limpar aqui. Ainda bem que vou embora em algumas horas

Alergia?

Sob controle. Ninhada?

Todos saudáveis e adoráveis. Quer um?

Ainda não sou suicida

Convivia com Bureau e não morreu. Criou anticorpos a gatos

Ela lembrava bem do grande medo que sentia da gatinha linda, também do tesão que a fazia arriscar tudo por aquele homem lindo fazendo força para reatar. Mergulhar de cabeça ou não? Que cilada!...

Ele lembrava bem de como ela adquiriu o hábito de coçar o nariz como a bruxinha do seriado de TV e soprar ar para expulsar pelos imaginários, tanto parecia uma gatinha que Bureau a imitava. Mexia o focinho achatado, fungava, miava quando a garota espirrava. Eram uma dupla apaixonante.

Eu tomava remédio, fazia o tratamento

Não me diga que parou

Não digo

Com o telefone na mão ela pensava que poderia embarcar na dele, seria fácil, queria. Mas...

Sua namorada?

Ela apertou enviar e mordeu o lábio. A mulher nua estava gravada na cabeça dela e pensava o que deveriam ter feito para ela se sentir confiante o bastante para enviar nudes. Era bonita, seios mais fartos que os seus, bonitos... Parecia saudável. Talvez até ficasse agarrada com Bureau... Quando o telefone tremeu na sua mão no salão de embarque no aeroporto, ela estava deprimida o suficiente para fazer os nudes de uma mulher que ele disse não estar namorando mais importantes que a tarde que passaram juntos. Os olhos dela focalizaram no telefone e ela riu. Ele havia lhe enviado o desenho de uma bruxa.

Ele riu quando sua gata miou com raiva porque ele não tinha colocado seu filhotinho de volta. — Desculpe, B — Imediatamente ele respondeu a foto de Chaplin com a madrasta da Branca de Neve e fora o tempo que ela levou no ar, eles trocaram fotos de bruxas e vagabundos até que ele considerou que ela estava animada o suficiente. Uma rápida busca em fantasias de *Halloween* na internet e ele achou uma bruxa de vestido curto sexy perfeito. Dali para safadeza

foi um pulo.

Ele acordou com um zumbido sob seu travesseiro e sorriu preguiçosamente vendo que era um torpedó dela, mas... Ela tinha lhe mandado um homem nu.

Esse cara não é um vagabundo — Reclamou.

Um gostoso

Se você acha

Eu sei que é

Silêncio por várias horas até que seu telefone zumbiu na mesa do trabalho.

— Oops, outro!

No terceiro homem nu, ele estava grunhindo e ainda se recusava a mandar uma mulher nua para ela. A última coisa que ele queria era deixá-la com ciúmes achando que ele estava mandando nudes que tinha recebido de mulheres. O telefone da mesa tocou e ele colocou o celular de lado para resolver um problema. Distraído com o *laptop* e o cara falando no seu ouvido, ele empurrou o telefone e xingou ouvindo — glub, glub, glub — quando o aparelho caiu no balde de água suja que o faxineiro tinha acabado de colocar naquele exato local um segundo antes.

Não foi culpa de ninguém, só má sorte e isso e aquilo, mas ele tinha perdido todos os seus contatos. Alguém disse para colocar em um saco de arroz, outro, para usar o secador de cabelo, outro para deixar na janela sob o sol, mas seus amigos do trabalho só conseguiram deixá-lo mais irritado.

Não chora. Sorri bem bonitinha e balance a cabeça, ela disse para si mesma silenciosamente.

O Vagabundo estava sumido há dias. Podia ser coisa de trabalho, ela queria se convencer disso, mas sabia que ele nunca sumia por tanto tempo sem ao menos ligar para avisar. Talvez simplesmente tivesse desistido dela, não seria inesperado.

Não está frustrada o suficiente para chorar. Ela piscou charmosa.

O médico bonitão tinha ligado durante a semana dizendo que poderia ir encontrá-la no final de semana; os amigos tinham lhe dado o número dela. Ela gostaria de um sair com ele? Jantar, cinema talvez? Ela concordou relutantemente. Vagabundo tinha desistido, ela tinha lhe dado o fora meses antes, era isso mesmo.

Ele não é de todo mal; é um cara legal, médico, interessado o suficiente

para vir aqui só para te levar para jantar, isso tinha que lhe dar uns pontos...

Se a cabeça dela já não estivesse cheia, se ao menos não tivesse acontecido nada no aniversário da irmã, se não tivesse trocado torpedos a maior parte da semana até que ele ficasse ofendido com os nudes.

Agora, olha para frente, pisca e responde calmamente, diz alguma coisa engraçada, ele vai dar uma risadinha ou sorrir ao menos, está esperando transar. Oh, ele riu alto! Pobre médico bonito, está realmente contando que vai ter sexo, talvez o final de semana todo...

Mas ela não sabia nada dele, seus hábitos, suas ex-namoradas, seus exames... Pobre bonito.

Não chora, não é frustração suficiente para chorar em público. Segura a onda.

Na terça seguinte, ela ainda estava triste que seu Vagabundo tinha desaparecido e chegou em casa da analista com os olhos inchados de chorar. Na verdade, chorar por ele de novo antes de esquecer de vez fez bem.

Ela cumprimentou o porteiro, ele lhe mostrou as flores que haviam chegado mais cedo e o Vagabundo entrou na portaria, tudo ao mesmo tempo.

— Meu Deus! — Ela segurou o peito, coração disparado.

— Oi!

— Você me mandou isso?

— Claro que não — Ele fechou a cara ofendido.

— Coloco no elevador para a senhora.

— Não! — Os dois gritaram fazendo o porteiro parar atônito.

— Tem algum cartão? — Ela perguntou.

— Tem... — O homem disse pensando que a moça bonita e o cara louro, que ela obviamente conhecia, eram meio loucos.

— Pode ficar para você se quiser — Ela ofereceu. Vagabundo pegou o cartão do buquê, mostrou para ela ver seu nome escrito antes de jogar fora o envelope e ficar só com o cartãozinho. — Dá para sua esposa.

— Posso? — O porteiro sorriu.

— Sou terrivelmente alérgica a pólen...

— Obrigado.

Enquanto ela falava com o porteiro, Vagabundo leu o cartão, bufou e amassou. — Ei! É meu, me dá!

Ele fez cara feia para ela, abriu o papelzinho amassado e esfregou nas flores. — Toma!

— Homem horroroso, horroroso!

Ele achou graça e segurou o bilhete para ela ler.

Era o médico bonitão dizendo que adorou o final de semana, gostaria de repetir e ter a chance de cuidar melhor dela. — Que fofo!

Vagabundo apertou os olhos para a reação dela, jogou o bilhete na lixeira e eles entraram no elevador.

— Te convidei para subir? — Ela reclamou.

— Está saindo com esse palhaço? — Ele perguntou com raiva e medo ao mesmo tempo.

— Ele veio no sábado...

— Esse é aquele merda do churrasco, não é?

— Sim.

— Ele tem seu telefone e endereço... Você deu a ele, mas não queria que eu viesse.

— Você desapareceu. Achei que tinha ficado ofendido com os homens nus.

— Enojado — Ele fez careta. Ela riu e abriu a porta do elevador quando parou. — Perdi meu telefone, caiu em um balde — Ele rapidamente explicou as muitas tentativas para salvar seus dados enquanto lidava com um caso complicado no trabalho a observando abrir a porta do apartamento. — Dormiu com ele? — Ele perguntou irritado com a ideia de que outro cara tenha entrado na casa dela antes dele.

— Não! Eca! Não conheço os hábitos dele, exames!... Que coisa mais sem noção!

Ele riu, fechou a porta atrás deles e a agarrou pela cintura. — Sinto muita saudade de você — Lábios próximos o suficiente para provar o hálito do outro, ele exigiu um beijo. — Sua irmã me contou sua razão boba para terminar comigo.

— Droga! — Ela tentou sair de perto, mas ele a segurou com mais força.

— Você acha que sou bonito demais — Ele sorriu de orelha a orelha, olhos indo dos lábios gostosos aos olhos arregalados no rosto dela. — É isso? Seis meses me torturando por isso, sua boba?

— Não é bobagem. É verdade, e aposto que ela te contou de uma maneira que me humilhou ainda mais — Ela apertou os lábios constrangida e irritada. — Não somos compatíveis, nós dois juntos nunca vai dar certo.

— Porque um é mais bonito que o outro? — Ele cruzou os braços no peito.

— Bem, sim... Mas você está fazendo parecer idiótico.

— E é, Bruxa — Ele levantou a palma. — Me deixa falar. Se houvesse uma escala para medir a beleza e comparar homens e mulheres, eu dificilmente faria mais pontos que você. Sou eu quem está sempre preocupado que você vai

chamar a atenção de outros homens, nem quero saber quantos deram em cima de você enquanto estivemos separados — Ele sacudiu a cabeça e chegou mais perto. — Eu te amo, Bruxa. Diz que me ama também.

— Cadê sua namorada?

— Aqui nos meus braços me enchendo a porra do saco. Diz.

— Vagabundo... — Ela saiu do abraço dele mais uma vez. — Não somos compatíveis...

— Não, não somos. Você é uma gata graciosa demais, minha bailarina com poderes de bruxaria que me enfeitiçou sem nem falar comigo, dançando em um bar lotado — Ela piscou. — Sua menstruação acabou? — Ele tirou um envelope do bolso do casaco.

Ela suspirou. — Não quero ver seus exames.

Ele olhou em volta e abriu portas até achar o banheiro. — Já está no mini. Já acabou.

— Isso é tão nojento, tão invasivo!

Ele a conhecia bem, ela era sistemática, até os absorventes eram perfeitamente organizados por necessidade. — Vem cá, te aceito de volta.

— Não pedi!

— Aceito assim mesmo — Ele a encurralou contra a parede, a segurou perto e beijou os lábios amorosamente. Depois, mais uma vez, com mais paixão incapaz de conter a felicidade e a excitação. — Vou colocar a mão dentro da sua blusa. Não pula — Ela riu e estremeceu.

Duas horas depois, ele estava esfomeado. Reacender ardentemente o melhor relacionamento que ele já tinha tido na vida consumiu suas energias. Ela era meticulosa, claro que teria comida em casa, e comida boa, nada de hambúrguer congelado.

— Para de remexer meus armários!

— Estou com fome.

Ela pegou uma garrafa d'água. — O que você quer?

— Não sei... Alguma coisa doce.

— Maçãs na geladeira, vou pegar.

— Cruzes, saudável demais. Eu...

— Não! — Ela gritou, mas era tarde demais. Ele tinha achado o armário cheio de chocolates, doces e biscoitos com fotos dele coladas na porta.

Confuso, ele olhou dos olhos arregalados dela para os muitos potes de plástico cheios de guloseimas. — O que é isso, Bruxa?

Ela suspirou derrotada, se virou e se encostou na bancada, ombros caídos. — Eu estava comendo demais, engordei um pouco, então, coloquei tudo

aí.

— Você engordou? — Ele duvidava muito disso, ela estava bem mais magra.

— Tinha que esconder as tentações...

— Me colocou aqui para evitar abrir o armário?

Ela concordou de cabeça baixa. — Doía demais.

Ele também balançou a cabeça. — Tem chocolate *pra* caramba aqui — Ele disse do canto da boca mastigando. — Nada velho, tudo na validade. Novo.

— Vivo comprando só para ter uma desculpa para mexer aí...

— Ah, minha Bruxa!... — Ele tirou as fotos e ela quis chorar achando que ele ia destruir tudo.

—Vamos precisar de porta-retratos. Meu lugar é na sala, não quero ficar escondido! — Ele a beijou. — Vamos tirar outras fotos para você ter novas também para expor.

Quando seus dias de folga acabaram e ele teve que voltar a trabalhar, eles já tinham uma programação para se encontrar toda semana e, logo depois, chegou uma entrega para ela: uma caixa grande com vários porta-retratos e mais chocolates, os favoritos dele.

Abi & Torto

Conhecer

Diz-se que o amor deve ser cuidado como um animal de estimação. Alimentado, educado, nutrido. Apesar da analogia parecer clara o bastante para um amante de gatos, ela só entendeu quando viveu a experiência.

Ele era um homem charmoso, tinha tantas qualidades a ponto de fazer seus defeitos irrelevantes; era fácil gostar dele. E também era um amante atento, só isso já seria uma boa razão para gostar da companhia dele. Mas foi durante a gravidez que ela se descobriu alimentando e educando e nutrindo um amor profundo por ele.

Foram meses felizes, surpreendentes e devastadores na mesma medida. Suas responsabilidades no trabalho tiveram que acomodar sua circunferência, a estafante agenda era impossível de manter. Seu corpo se cansava com facilidade e sem aviso prévio: um momento ela estava ativa e produtiva, no outro, estava exausta como se alguém a tivesse desligado no interruptor. Roupas eram desconfortáveis, comida intragável, clima abafado – tudo a irritava em alguns dias.

O momento em que ela sentiu o universo cintilar à sua volta foi em uma festa que eles tiveram que ir. Com a barriga já redonda e pesada aos seis meses, não havia pensamento positivo, promessa de autorrecompensa com sorvete na cama, achar algum lugar para sentar ou ficar de pé perto das janelas que ajudasse.

— O que houve? — Ele perguntou.

— Esse não é meu corpo — Ela fez careta. — Até a calcinha está me matando.

— Tira.

— Como? — Ela sorriu de lado.

Ele deu de ombros. — Essa saia longa não vai deixar ninguém perceber. Vai.— Ele inclinou a cabeça na direção do banheiro mais próximo. — Fico

esperando na porta para você me entregar e eu guardo no meu bolso. Você vai ficar cismada se guardar na sua bolsinha.

Era divertido ficar *au naturel* na frente de todo mundo, no mínimo, especialmente com a mão grande dele discretamente segurando parte do peso da barriga no seu abraço.

Na vez seguinte que o ar vibrou em volta dela, ela teve certeza que era amor valioso para manter perto, cuidado e nutrido. Já no oitavo mês, ela sentia que tinha engolido uma bola de Pilates porque seu estômago estava sempre apertado e a barriga imensa, noites eram horas cruéis em que todos no mundo dormiam enquanto ela olhava para o teto morrendo lentamente de azia. Ela se virou na cama de um lado para o outro e grunhiu, desistiu e tirou a camisola de gestante que sua mãe tinha comprado para ela.

— Calma...

— Não aguento esse babado todo... Não aguento mais nada — Ela suspirou. — Chega! Não quero mais brincar disso!

— Espero que me agunte, pelo menos — Ele riu baixinho e ela sentiu a calcinha lhe descer pelas pernas.

— Ih, isso é absolutamente impossível. Nem no chuveiro.

— Por que ia querer ficar encharcada a essa hora? De madrugada! — Ele disse de algum lugar do quarto grande.

Ela sentiu um tecido macio lhe subir pelas pernas e abraçar-lhe os quadris confortavelmente.

— Senta — Ele sussurrou.

Mais tecido macio e reconfortante lhe desceu pelos braços cobrindo os seios e a barriga enorme.

— Que gostoso... — Ela murmurou.

— Minha cueca boxer e camiseta sem manga, bem folgados.

No quarto escuro, ela o deixou ajudá-la a deitar de novo, ouviu bipes curtos do ar condicionado e barulho na mesa de cabeceira dele.

— Vira para mim — Ele pediu, ela fez sem questionar, mas com alguma dificuldade. — Mentol para te ajudar a relaxar — Ela sentiu o dedo grande passar algo gelado abaixo do seu nariz. — Coloca as pernas sobre as minhas e fecha os olhos.

O perfume sobre seu lábio superior, temperatura ligeiramente mais fria, a camiseta velha com cava grande cobrindo a barrigona, a cueca larga, a voz suave e grave no escuro, a mão acariciando seus quadris lentamente... Foi ali que ela reconheceu o ar vibrar em volta dela, o vento mudou de direção e ela ouviu sinos tocando.

— Eu te amo.

— Te amei antes.

Ela sentiu os lábios dele encostarem nos seus e ouviu um grunhido. Ele provou mentol.

Esse na verdade é o fim, ou simplesmente, o começo do para sempre. Vamos começar do começo desta vez...

Mais um dia, ela suspirou. Levanta, se apruma, se arruma.

Não era fácil, outro quarto de hotel, outra cidade, outra convenção.

— Levanta! — Ela disse levantando a voz no quarto vazio. — Se apruma! — Sua voz fez eco no teto alto do antigo mosteiro. — Se arruma!

Foram quarenta minutos até que ela chegasse ao grande restaurante para o café da manhã e se convencesse a salivar na mesa de confeitaria e gostosuras de padaria. Ela provaria um *pain au chocolat*, e um cappuccino com caramelo extra – este seria um dia diferente. Ela sorriu e escolheu uma mesa perto da janela para colocar a bolsa. Duas voltas completas em torno da mesa de *buffet* e acabou com um iogurte, café preto e um brioche puro. Como sempre.

— Bom dia! — Ela cumprimentou o garçom com um sorriso.

— Bom dia — Uma voz grave e suave à sua direita a cumprimentou de volta.

Ela levantou as sobrancelhas e balançou a cabeça para um homem alto e charmoso, o garçom já longe. Com um risinho, ela sentou para comer sua comida de todo dia sem vontade. O iogurte terminado, seu telefone vibrou. — Irmão!

— *Oi, irmãzinha! Tudo beleza?*

Ela grunhiu hesitante.

— *Tão legal assim, hein? O que é desta vez, convenção dos criados de preás?* —

Ela riu baixinho, seu irmão tinha ótimo senso de humor, quase sempre conseguia tirá-la da fossa. — Produtores de embalagens.

— *Nossa, que interessante...*

— Nem sabe o quanto... — Ela bebericou o café e tentou morder o cantinho do brioche.

— *E o tal louro gatíssimo? Gostou dos nudes?*

— Nem tchum.

— *Quê?*

— Como deixei você me convencer de fazer uma coisa tão estúpida? — Seus olhos se perderam nas pessoas em volta do *buffet* de café da manhã. —

Quem nem responde nudes? Sei lá... achei que ele ia ao menos me mandar um flerte descarado... Qualquer coisa. Tudo que recebi foi “uau”, três letras, acredita? “Uau” foi tudo que ele teve a dizer.

Uma morena bonita com mechas ruivas no cabelo na altura dos ombros, bronzeada, corpo danado de bonito... Se ele recebesse nudes dela, com certeza ia responder. Ia ligar, mandar nudes de volta, aqueles coraçõezinhos e carinhas risonhas e tudo mais. Ele sacudiu a cabeça e tomou do seu chá. Nudes! Por torpedo ou mail, ele ficou intrigado.

Ela continuou ao telefone falando em voz baixa com o irmão, suas costas para as costas dele e ele continuou curioso por ela. No saguão, havia panfletos das convenções acontecendo no hotel, a dela deveria ser uma daquelas. Não comeu muito, café e um brioche sem manteiga, queijo, nem geleia... Ele poderia lhe oferecer alguma coisa apetitosa, talvez, para fazê-la sorrir – tinha um sorriso cativante.

Quando ela terminou a ligação do irmão, o brioche lhe parecia ainda mais intrigante e ela considerou provar alguma coisa a mais quando um tentador *pain au chocolat* magicamente apareceu na mesa. Ela levantou os olhos e achou o cara-charmoso-do-bom-dia sorrindo sem jeito. Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Você parecia triste considerando o *buffet*; sei que eles guardam as especialidades fora do menu — Ele levantou as sobrancelhas. — É fresco.

— Obrigada.— Ela apertou um sorriso. — Na verdade, pensei em experimentar um desses hoje... — Seus olhos desviaram rapidamente para o pão.

— Mas ainda não é tentador suficiente?

— Muito — Ela sorriu com mais vontade. É, o cara de pé em frente a ela era muito tentador, todo alto e segurando uma xícara grande por baixo. — É que...— Ela suspirou. — Vou ficar com azia o dia todo.

— Acredito que não. Esse está fresco.

— Sei que vou.

— Me conta se ficar, por favor? A informação é muito relevante para mim — Ele apoiou a xícara na mesa dela para tirar do bolso da frente da calça uma carteira pequena e lhe estender um cartão.

— Crítico gastronômico? — Ela se surpreendeu e ele balançou a cabeça. — Na época de redes sociais baseadas em resenhas pessoais você ainda tem trabalho? — Ele deu de ombros e ela apontou para a cadeira à sua frente.

A conversa foi leve e agradável, para ela bem-vinda até. Mal tinha saído de um fora espetacular, ela bem precisava da atenção de um homem bonito. O louro excitante tinha contado da dor de cotovelo por uma ex-namorada que era

doente de alguma forma, mas ficou muito aborrecido quando ela respeitosa perguntou se a moça faleceu. Sem saber o que deu fim ao que nem teve a chance de construir, ela não ficou surpresa com a ligação dele dizendo que tinha voltado para a ex. Ela estava, então, novamente à procura de boa companhia.

O coração dele estava permanentemente em coma, garotas bonitas eram boa companhia, mas nunca por mais que algumas semanas. Essa era atenciosa, tinha uma risada cativante e um brilho nos olhos. Linda. Mas também jovem, trinta e poucos... Trinta e cinco no máximo; pelo menos quinze anos mais nova que ele.

Aqui, caro leitor, você mais uma vez fica à vontade para se colocar no lugar dessas pessoas. Hotel estranho em cidade desconhecida, pessoas bonitas e atraentes: preencha os nomes ou, se preferir, coloque-se no lugar deles.

— Vida de caixeiro viajante para você também, então? — Ela experimentou um pedacinho do pão e manteve os dedos sujos de chocolate no alto.

Ele concordou com a cabeça. — Principalmente hotéis, grandes como este aqui, com mais de um restaurante — Ele piscou mesmerizado vendo-a lamber os dedos. — Veredicto?

— Muito bom, obrigada! — As bochechas dela ruborizaram. — Onde acho sua crítica sobre esse *buffet* de café da manhã?

— Online? — Ele perguntou, ela balançou a cabeça provando mais do pão, uma mordida maior desta vez, ele percebeu. — As revistas que compram nossos artigos, mas é velha; talvez de uns quinze anos atrás... Ou mais.

— E como você... — Ela parou para rir sem graça tentando engolir e ele riu com ela. — Desculpe — Ele sacudiu a cabeça. — Como sabe que ainda vale a pena, a comida, digo?

— Acabei de tomar café — Ele apertou um sorriso indulgente, ela corou de novo. — Conheço os donos; é o mesmo chefe de cozinha há vinte anos. Me casei aqui — Ela ficou decepcionada e isso alimentou a autoestima dele. — Também a festa de divórcio da minha ex-mulher foi aqui.

Ela piscou tentando não rir. — A festa dela? Você não estava feliz também? — Outro cara assombrado por fantasmas de ex-namoradas era tudo que ela não precisava, mesmo que mais velho e charmoso e bonito assim. Ela nunca tinha tido um namorado tão mais velho, imaginou se seria divertido...

— De certa forma, sim — Ele bebeu seu chá enquanto humor e arrependimento se misturavam nele. — Minha ex queria um clima feliz para nossa separação depois do falecimento de nossa filha, foi um período muito triste — Ele prendeu os lábios.

— Sinto muito.

— Obrigado. É coisa do passado, quatorze anos atrás.

— Difícil de sobreviver?

— Por algum tempo, sim. Agora é um fato da vida, daqueles que compõem quem você é, mas foi engolido pelo tempo.

Ela balançou a cabeça. — Entendo... Já perdi pessoas importantes, talvez a dor não tenha sido tão aguda, mas difícil de qualquer forma.

Ela se solidarizou com as dores do estranho à sua frente silenciosamente por alguns momentos até que o celular dela vibrou.

— É um gato? — Ele sorriu irônico apontando para o pendente delicado balançando da cordinha vinda do plugue dos fones de ouvido.

— É Constelação, minha Persa — Ela abriu um sorriso feliz e carregou as fotos para ele admirar a bola fofa de pelo cinza. — Com minha vida de viajante, um gato é o animalzinho perfeito. Ela é independente e esperta, se vira quando estou fora. Minha mãe ou meu irmão a visitam uma vez por dia, mas ela fica sozinha numa boa.

— Mora com sua família?

— Mesmo prédio, apartamentos diferentes.

— Gosto de gatos, mas nunca tive nenhum.

— Porque gosta mais de cachorros?

Ele sacudiu a cabeça. — Só nunca tive animais de estimação.

— Ella está comigo há algum tempo, me trouxe tanta coisa boa... Até conheci pessoas por causa dela — O louro do Tinger que não se impressionou com os nudes cruzou sua mente e ela despachou a memória para se concentrar no charmoso bonitão à sua frente. — Deveria tentar, um bicho de estimação é ótima companhia.

— Mas quando filhote precisaria da minha presença sempre — Ele falou mais com ele próprio que com ela. — Ou não?

— Sim! — Um sorriso tomou conta do rosto dela. — E aposto que você ia querer ficar grudado no filhotinho também. Um gatinho é tão absolutamente adorável! Aquelas patinhas e linguinha... E os miauzinhos... Ah, muito lindinho!

Ele sorriu porque a garota linda estava sorrindo. — Vou pensar no assunto.

— Pensa!

Aquela noite quando ele chegou ao hotel, a recepcionista o chamou para entregar um bilhete e ele sorriu.

Achei uma loja com os gatinhos Persa mais lindos que existem.

Pensa em ir lá ver.

Havia um cartão de *petshop* preso no bilhete com um clipe, mas ele precisou subornar a recepcionista para descobrir o número do quarto dela.

— Alô?

— Vou precisar de companhia e orientação para escolher um animal de estimação. Quando pode me ajudar?

Nua, a não ser pela toalha em volta do cabelo molhado, o telefone do quarto de hotel preso entre o ouvido e o ombro, ela riu. — *Estou indo encontrar uns amigos no bar agora, quer vir? Talvez possa fazer críticas de drinks também...*

— Claro. Te encontro lá.

Os amigos eram um cara que parecia cansado, um cara bonito obviamente gay e duas outras mulheres bonitas, todos de idades diferentes. Ele tinha experiência em eventos sociais e apesar de observar mais que falar, ofereceu alguns comentários aqui e acolá; sua ex-mulher tinha tido prazer em lhe ensinar a conversar com qualquer tipo de pessoa. A morena era realmente cativante, tinha um jeito agradável de fazê-lo se sentir bem-vindo, o olhava como uma mulher deveria olhar para um homem em quem ela tinha interesse, como se a diferença de idade não significasse nada.

— Amiga, por que seu irmão não está aqui?

— Ele tem a vida dele — Ela deu de ombros bebendo do seu *Bloody Mary*.

— Pensei que ele trabalhasse com você...

Ela sacudiu a cabeça. — Ele estava comigo no mês passado porque visitou aquela convenção.

— Ah!... — O cara bonito balançou a cabeça tristemente. — A gente se esbarrou no TingerG.

Ela esperou.

— Trocamos curtidas — O amigo gay insistiu. — Mas ele não respondeu minhas mensagens...

Ela ainda esperou e arriscou uma olhadela no bonitão mais velho.

— Será que não se lembra de mim? — Agora o cara tinha expressão abertamente desolada.

— Os caras do Tinger ignoram mensagens — Ela resmungou. — Não importa o quão perfeitas elas sejam.

Os nudes! O interesse dele foi fisgado. — Me explica como esses sites de relacionamentos funcionam, nunca entendi — Ele pediu.

— É um aplicativo para *smartfone*, na verdade.

— Você não tem um perfil? — O amigo perguntou.

— Com certeza ia ganhar várias curtidas — Ela apertou um sorriso.

— Ia mesmo! — O amigo disse e os três coraram pelo momento constrangedor até que ela riu antes. Os homens acompanharam.

— Me dá seu telephone — Ela estendeu a mão para ele. — Vamos te logar.

Ele deu o telefone, sua senha para baixar o aplicativo, um sorriso *sexy* quando ela lhe disse para posar para a foto, respondeu suas perguntas, riu das pequenas implicâncias dela e, em alguns minutos, ele tinha um perfil no Tinger. Ela lhe devolveu o telefone o instruindo a deslizar a tela para direita ou esquerda de acordo com suas preferências.

— Você direcionou o perfil dele para combinar com o seu, amiga. Que bandida! — O amigo gay estalou a língua.

— E que dedo-duro! — Ela cutucou o braço dele.

— Nem percebi... — Ele fingiu inocência passando de um rosto feminino para outro na esperança de achar o dela. Claro que ele tinha percebido, respondeu às perguntas da forma que achou que ela ia gostar – incluindo a preferência por gatos Persa.

— Só faltou ensinar a dar super *like* — O amigo ironizou.

— O que é isso? — Ele sorriu de lado.

— Uma cantada lacradora, daquela pá-pum. Você vê a pessoa, gosta, manda ver logo de cara! — Com um sorriso safado, o amigo gay fez uma pistola com os dedos, fechou um olho para fechar mira e atirou no ar. — Tiro certo!

— É só um aviso direto — Ela minimizou a explicação exagerada. — Basta clicar aqui — Apontou a estrela na lateral da tela e sorriu. — E não fiz nada intencional... — Correu a ponta do dedo indicador na borda do seu copo, olhos focados na mesa. — Claro que temos alguma coisa em comum, quero dizer, nos conhecemos hoje de manhã e conversamos um pouco, não foi? — Ele balançou a cabeça distraído com o telefone. — Estamos aqui agora... — Ela bebeu evitando olhar para o amigo da outra empresa de *concierge* empresarial e sentiu a bolsinha vibrar. Pegou e sorriu balançando a cabeça.

— Ah, já sei: ganhou um super *like*! Se vocês dois vão ficar brincando de Tinger a noite toda, vou partir! — O amigo reclamou, bufou e saiu de perto deles.

— Café da manhã parece um encontro muito inocente.

— As pessoas não costumam marcar de tomar um café?

— Sim!

Eles sorriram um para o outro, mas o telefone dele vibrou.

— Curtidas ou super *likes*?

— Curtidas — Ele olhou para o telefone na sua mão.
— Sangue novo... Vai acalmar daqui a alguns dias.
— Não dá para dizer que já estou tentando combinar com alguém? —
Ele franziu a testa procurando as regulagens do perfil.
— Sim! — Ela riu. — Aqui — Fez para ele.
— Obrigado — Ele bebeu do seu uísque. — Não vai fazer o mesmo?
Ela levantou uma sobrancelha, um sorrisinho lentamente lhe tomando os lábios. — Nunca fiz.
Ele apontou para o telefone dela.
Ela piscou.
Ele levantou uma sobrancelha.
Ela destravou o telefone e marcou: “ocupada” .
Ele balançou a cabeça em aprovação. — Terei a tarde livre amanhã. Pode me levar para ver os gatinhos? — Ele pediu charmoso.
— Aí, seriam dois encontros...
— Tenho que escolher só um?
— Provavelmente... Terei um dia difícil amanhã. Com a convenção de médicos veterinários daqui a duas semanas, vou ficar pulando de uma para outra e amanhã teremos uma reunião grande.
— Certo — Ele concordou. — É um negócio de peso, não é, convenções, feiras, eventos desse tipo?
Eles conversaram sobre negócios, o tempo, animais de estimação e política por quase duas horas até que ela teve que encerrar a noite. Ele ofereceu de levá-la até a porta do seu quarto, mas ela insistiu que o patamar do andar já era seguro o bastante. Ele era bonitão, charmoso e tudo, mas ir para cama com um cara no dia que ela o conhecia era algo que não faria novamente.
— Boa noite.
— Até o café da manhã.
Ela sorriu. — Você tinha razão, não tive azia.
Ele sorriu de volta. — Que bom, vou pedir outro para você amanhã, fresco, quentinho.
— Delicioso! — Ela piscou devagar.
Ele pensou em se inclinar para frente para beijá-la.
— Até — Ela deu alguns passos saindo do saguão e entrando no corredor longo, largo e de teto alto.
— Sabe de uma coisa?
— Mmm? — Ela se virou para ele de novo enquanto remexia na bolsinha tentando achar o cartão-chave.
— Eu teria respondido suas mensagens. Provavelmente teria te ligado

antes de mandar nudes de volta — Dava para ele ver as bochechas dela ficando vermelhas apesar de estar a alguns metros dele e do corredor antigo ser pouco iluminado. — Talvez até pegasse um avião para te encontrar onde estivesse.

Ela engoliu em seco, ele a tinha ouvido naquela manhã. — Bom saber.

Ele balançou a cabeça. — Boa noite.

Namorar

Na manhã seguinte, ela chegou ao *buffet* de café da manhã ofegante e de olhos arregalados. — Perdi a hora!

Ele apertou os lábios para segurar o sorriso. — Bom dia!

— Bom dia. Desculpa.

Ele sacudiu a cabeça. — Seu pãozinho, para levar — Ele apontou para a elegante caixinha de papel sobre a mesa. — Não tinha certeza de como gostava do seu café.

Ela ficou tão comovida que poderia beijá-lo. — Obrigada, obrigada.

— Pode sentar e comer? Tem tempo? Ou é melhor um café para levar também?

— Sim, não, eu...

— Senta. Vou pegar alguma coisa para você.

Ela suspirou. — Café preto, por favor, iogurte.

Ele pegou o tipo certo de iogurte porque se lembrava do que ela tinha escolhido no dia anterior e enquanto ela comia, ele pegou o café bem quente.

— Você é um amor. Obrigada.

— Três vezes para ter certeza. — Ele prendeu os lábios.

— Vou pagar de volta, prometon — Ela pretendia, ele tinha estado em seus sonhos a noite toda.

Um sorriso apertado, outro constrangido, iogurte pela metade, café mal provado, pãozinho na bolsa e ela foi embora.

— Fico feliz que tenha encontrado tempo para me ajudar. — Ele tentou sorrir. — Estou realmente inseguro... E é ridículo ficar inseguro com isso.

— A reunião foi uma chatice total, graças a Deus foi interrompida. — Ela suspirou. — Aqui.

— Ai, cacete — Ele prendeu a respiração.

— De onde veio esse sotaque? — Ela tentou não rir da testa franzida no homem charmoso. — É de fora?

— Nasci fora, vim criança para cá. — Os olhos dele estavam atentos ao que lhe parecia tão atraente.

— E há quanto tempo foi isso? — Os olhos dela estavam atentos ao rosto dele.

— Cinquenta e dois anos atrás — Ele sorriu de lado e desviou os olhos

para os delas. — Você?

— Trinta e dois anos atrás — Ela apertou as mãos juntas. — Nada chique, sou daqui mesmo.

Ele balançou a cabeça pensando que vinte era um número muito cruel. O maior que ele havia tentado até então era oito... — Branco?

Ih, não, outro Persa branco, não... — Dourado?

— Quais são esses? Os tigrados?

Comprar um gato era negócio sério, ele descobriu, especialmente se feito por ímpeto porque uma garota bonita tinha sugerido. Havia prós e contras tanto para machos quanto para fêmeas – ele escolheu uma menininha, lhe pareceu apropriado; cor – ela insistiu em dourado ou cinza como a dela, mas uma bolinha de pelo bem branquinho inexplicavelmente tocou seu coração; comida e comedores; camas; brinquedos; arranhadores; banheiro; sacos de dormir. Caro também: essa nova amante era bem exigente, ele descobriu.

O mosteiro transformado em hotel aceitava animais de estimação, o que foi uma boa coisa para se descobrir depois que ele comprou “Stella”. Também permitia um segundo cartão-chave que a morena bonita usaria para checar o filhote durante o dia sempre que tivesse uma folga das convenções que aconteciam ali.

— Você vai poder chamá-la de Ella também — Ela disse docemente para a gatinha miúda de focinho chato nos braços grandes dele.

— Não é como você chama a sua?

— Aham — Ela coçou a cabecinha entre as orelhas. — E porque você escolheu Stella para ela... Não foi?

Ele se sentiu meio idiota de pé no meio do quarto segurando um gatinho tão pequeno com uma mulher bonita. — Em parte. A ideia foi sua, me orientou, mas tem Brando e Tennessee Williams...

— *Stella! Stella!* — Ela gritou, ele riu e a gatinha miou.

— Você é muito cativante, sabia?

— Nós duas somos, não é, gatinhazinha? — Ela disse fazendo carinho na gatinha no colo dele. — Obrigada — Ela piscou levantando os olhos para ele. — Você é bem charmoso.

E foi um “momento”.

— Nunca li “*Um bonde chamado desejo*”.

— Podemos ver o filme juntos.

— Seria legal...

— Isso também — Ele segurou o rosto dela e se inclinou para frente para beijá-la. Beijocas pequenas, o cheiro quente dele invadindo o nariz dela, o perfume dela dando ignição nele, bocas abertas. Eles se beijaram por vários

minutos até que um gritinho malcriado os assustou.

— Desculpe, Stella — Ele resmungou para a gata espremida.

— Gatinhazinha!... — Ela disse com voz de bebê coçando a patinha sem saber se deveria agradecer ou reclamar da interrupção.

— Bom dia!

Grunhido. — Me deixa pegar meu chá.

Ela o observou avaliar o *buffet*, pegar um prato de ovos e bacon e uma xícara grande de chá.

— Noite difícil?

— E a reunião? — Ele apertou os olhos e ela deu de ombros. — Era de verdade?

— Claro. A ligação era mesmo de emergência, um dos fornecedores ameaçou nos deixar na mão. Eu cheguei no meu quarto às dez, faminta e morta. Por quê?

— Você poderia ter me ajudado — Ela franziu a testa respondendo a testa franzida dele. — Ela miou a noite toda.

— Ah, tem isso...

Grunhido.

— O que você fez?

— Reclamei, conversei com ela, implorei e, por fim, dei aquele leite todo que tinha no quarto.

Ela se encolheu. — Tomara que ela não passe mal — Os olhos dele arregalaram. — Tento dar uma passada lá mais tarde, vai ser dia de quicar de uma reunião para outra.

— Você tem o seu cartão.

Ela concordou. — Arrepentido? — Olhos presos um no outro querendo dizer algo completamente diferente. — Dá mais uma chance.

— Estou me acostumando.

— Começos são sempre difíceis — Ela desculpou talvez a gata, talvez ela mesma. — Excitante, porém.

Visitar o quarto do bonitão quando ele não estava era muito excitante. Ela queria resistir vasculhar as coisas dele, mas sucumbiu à tentação por alguns minutos. Quartos de hotel eram sempre impessoais, imparciais até. Neste antigo mosteiro eram especialmente sóbrios como para lembrar aos hóspedes que

vaidade era execrável. Apesar de tudo isso, ela pensou que a grande suíte gritava homem-mais-velho-educado-e-encantador em todas as sutilezas. A pasta de couro sobre a mesa, o pequeno *tablet* ao lado, vários sachês de chá ao lado da máquina de café, nenhum de açúcar, adoçante ou café.

Ele tinha travesseiros extras, pelo menos três, e um cobertor extra. O ar condicionado estava regulado para temperatura bem baixa, talvez fosse isso... Barras de chocolate na mesa de cabeceira e alguns papéis de bombom na lixeira – chá puro, mas um monte de chocolate. Ele gostava de pão doce... Ela sorriu e guardou os chocolates na gaveta para evitar explorações felinas.

No armário, o *blazer* de *tweed* que ele usou no café da manhã que tomaram juntos e um casaco verde militar. Algumas calças, camisetas, três camisas de botão brancas e uma listradinha, mocassins e um sapato *Derby* social marrom; uma mala de bordo pequena. Um homem clássico. Ela correu os dedos nos tecidos, trouxe a manga do *blazer* para seu nariz e muito adolescentemente fechou os olhos quando o perfume dele a invadiu.

No banheiro tinha um barbeador elétrico, colônia, sabonete para corpo e cabelo, um pente pequeno – ele tinha um cabelo ótimo, ela pensou. Cheio e escuro, parecia sedoso, quase nada de grisalho. Ela pegou a pasta de dentes e riu com ironia porque era a mesma que o cara do Tinger usava, a mesma que um monte de gente usava, estava na TV toda hora com a garota bonitinha dizendo que fazia o sorriso mais branco.

— Quantas marcas existem à venda? Cinquenta, quarenta? Por que ele tinha que usar a mesma? — Ela perguntou para a gatinha branca aos seus pés e ela franziu a cara amassada mostrando dentinhos brancos, a linguinha cor-de-rosa para fora e um sonzinho que parecia uma reclamação saindo da garganta. — Tem razão, gatinhazinha. Vou parar — Ela colocou a pasta de dentes de volta, ganhou uma mordida no tornozelo, sacudiu o pé e virou de costas para a bancada. — Ele é seu, eu não deveria me meter.

— Miau.

— Oi? — Silêncio. — Ninguém em casa?... — Ela franziu a testa e fez bico olhando em volta. — Ahá! Te vi, mocinha! — Ela ouviu o ganido miúdo, deixou a porta pesada fechar atrás dela e colocou o cartão no bolso direito com cuidado para não confundir com o do quarto dela como fez no dia anterior. — Um, dois, três, gatinhazinha! — Riu achando uma fofura a brincadeira de esconde-esconde da filhotinha e empurrou os muitos travesseiros até ver um olhinho e metade do focinho. — Te trouxe uma comidinha de bebê gatinho e um cobertor. Você não deveria estar na cama. Eu sei que é mais gostosinho e fofo,

mas nada de xixi na cama, ok, gatinhazinha? — Ela disse como uma professora enquanto rasgava o sachê.

A cama da gatinha precisava de uma arrumada, mas estava seca, também a cama enorme. Isso era uma coisa boa. A filhotinha pulou nos pés dela alegremente na expectativa do que fosse que ela tivesse no saquinho cor-de-rosa de onde saiu o cheiro apetitosíssimo, ela abriu a porta do banheiro para pegar as tigelas e parou de repente.

Ele se virou do chuveiro franzindo a testa. — Achei que Stella tinha aprendido a abrir a porta.

— Sou eu — Ela engoliu em seco. — Desculpa.

Um momento.

— Vem?

Um miau.

Olhares gulosos.

Ele estendeu a mão.

Um miado impaciente.

— Desculpa — Ela abaixou os olhos para a filhotinha.

— Coloca isso no comedouro e vem aqui.

— Ela vai me odiar — Outro miado e ela teve que agachar para despejar o conteúdo do sachê no potinho no chão perto da pia. A gatinha investigou e abocanhou imediatamente.

— Ela é muito nova para entender. Vem.

Se despir em frente a um homem estranho no chuveiro era uma novidade, uma daquelas de arrepiar todos os pelos do corpo. Os olhos dele nunca se distraíram do corpo dela, nem com água caindo na sua cabeça. Um momento ela estava gulosamente inspecionando o corpo muito atraente de cinquenta e dois anos, no outro, ela olhou para baixo para soltar o cinto e abrir o zíper lateral do vestido para tirar e quando olhou para cima de novo, ele estava de pé, atento. Sem necessidade de pílulas azuis, muito lisonjeiramente duro apesar de um pouco torto.

Ela sorriu de lado, um sorriso que ele cortou com um beijo quando ela entrou no chuveiro e... Ui, que beijo! Longo e meloso, meticuloso, boa pressão nos seus lábios. O beijo do dia anterior foi bom, mas esse era coisa de profissional, um aviso de “ligue seus motores”.

As costas dela contra a parede fria do box, ele correu as mãos pelas costelas dela tentando não ser muito afoito. Ela era uma garota grande, uma daquelas que queriam ter tudo – aparência e profissão, saltos altos e vestidos alinhados, perfumes e joias, cabelo e maquiagem modernos – mas uma garota assim mesmo, vinte anos mais nova, curiosa e gostosa.

Ela tinha mesmo grandes expectativas, as noites que passou sonhando com a cama dele fez com que ela imaginasse coisas. Era sua primeira vez com um cara, assim, mais velho, ele era bem gostoso nu e, sabe como é, tinha vinte anos a mais de experiência que ela. E muita paciência. Quando os beijos e carícias pareceram longos demais, ela quis dar mais gás.

— Calma — Ele murmurou no ouvido dela, água correndo por suas costas. — Não estou com pressa.

Foi como um tapa na cara. *Diminui o ritmo e aproveita*, ela disse a si mesma.

— Seja lá o que você ainda tem para fazer hoje, pode ser remarcado para amanhã — Ele sugeriu ou mandou, ela balançou a cabeça como resposta, ele fez o mesmo e a levantou pela cintura, colocou um joelho entre as pernas dela para segurá-la mais alto contra a parede de azulejos.

— Eu tenho um botão... — Ela sussurrou. — É pequeno, mas poderoso.

— Tem é? — Ele se inclinou para trás para admirar os seios, mamilos rijos e convidativos, também um pouco vesgos.

— Tenho sim. Aqui. — Ela empurrou a mão dele e gemeu quando ele tocou. — Se você pudesse...

— Posso.

Ele podia e fez por vários minutos até que precisou de uma camisinha e eles foram para a cama. Ela sentou no meio do colchão, ele foi para o meio de suas pernas e conectaram-se fácil, suavemente, em um encaixe perfeito. Os braços dela desistiram de aguentar o peso dos dois depois de uns minutos e ela deitou o trazendo consigo, piscou devagar aproveitando o quão diferente era.

— Miau...

Ela arregalou os olhos.

— Stella — Ele advertiu em um sussurro baixo.

— Miau... — A gatinha apoiou a carinha no colchão, bumbum para cima se preparando para pular no rosto dela.

— Ai, somos pessoas horríveis — Ela gemeu melancolicamente. — Corrompendo um bebê.

Ele riu e jogou um papel de bombom no chão. — Pega, Stella!

— Ela não é um cachorro! — Ela riu e ele acompanhou.

— Funcionou, ela já foi. Não quero você distraída, foca em mim.

— Com prazer — Ela segurou o cabelo dele atrás da cabeça e moveu os quadris.

Quando, bastante tempo depois, terminaram, os dois ofegantes e sorridentes, ele deitou de conchinha atrás dela e os dois se perderam observando a gatinha destruindo o papel barulhento no chão.

— Ela é uma graça — Ele murmurou.

— É adorável. Você escolheu bem.

— Escolhi mesmo — Ele acariciou o bumbum dela a fazendo rir. — Muito bonita.

— Você é bem bonito... — Ela torceu o pescoço e beijou-lhe o canto da boca. — Até com o desvio.

Ele franziu a testa para o sorriso escancarado dela. — Desvio?

Ela abaixou a mão e o acariciou. — Torto!

Ele riu segurando a mão dela em posição. — Eu adorei os mamilos vesgos. Parece que somos mesmo uma combinação perfeita.

— Vesgos? — Ela se virou para deitar de costas. — Meu peitos não são vesgos!...

Ele tocou um, depois o outro, mas ela ainda não via. — Me manda uma nude — Ele sorriu de orelha a orelha.

Quando seu telefone bipou, ele riu a vendo reconhecer relutantemente que seus mamilos e auréolas eram realmente desalinhados.

— Vou fazer plástica!

— Não! — Ele a beijou segurando o rosto entre suas mãos grandes. — Peitos lindos, eu gostei mesmo! — Ele abriu o mesmo sorriso largo. — Estrábicos! — Ela grunhiu. — Bicos estrábicos! — Outro grunhido e ele ganhou um beliscão. — Abi!

Miados e risadas se confundiram enquanto ela o empurrava para longe. — Torto!

— Abi! — Ele fez cosquinhas nela.

— Torto! — Ela sentou nos joelhos para fugir dele.

— Miau!

— Stella! — Ele gritou rindo.

— Miau! — A gatinha amassou o peito dele com as patinhas e cutucou o queixo o fazendo rir mais.

— Oh, que lindinha! — Ela coçou o traseiro da gata. — Gatinhazinha.

Na verdade, era lindinho e apaixonante: a gata, a mulher bonita, sexo gostoso e risadas. Ele poderia facilmente se acostumar com aquilo. — Vai passar a noite aqui, Abi?

Ela grunhiu tão alto e com tanta raiva que a gata pulou no peito dele e sibilou pronta para lutar. — Você nem quer meu corpo, só minha paciência com Stella! — Ela fez bico.

Ele curvou o dedo a chamando perto e ela se inclinou sobre ele, a gata tentando alcançar seu cabelo no ar. — A paciência vai ser apreciada, mas esse corpo... — Ele mordeu o lábio inferior dela e chupou de leve. — Fica?

Mesmo tentada a ficar pelo resto da noite, ela tinha que voltar ao trabalho, havia muito a organizar para a próxima convenção.

O cara mais velho, Torto, era muito sedutor. Alto e charmoso, bonito, solteiro sem fantasmas de ex, adorava nudes, tinha um corpo bastante atlético, lhe deu um trato na cama, aceitou a sugestão do gato... Uau!

Depois de horas de trabalho cansativo, no seu próprio chuveiro, ela considerou a chance de ser achada por um partidão desses. Volta lá, experimenta, brinca, não tem nada a perder... Ela escolheu calça e blusa de malha sexy, remexeu nas muitas caixas de brindes que havia no quarto dela até achar o que precisava e quando o jantar e o leite morno que ela pediu chegaram, ela subiu as escadas.

A cena do homem adulto dormindo com uma gatinha branca no seu peito era tão adorável que ela tirou uma foto, colocou a comida na mesa, se despiu e se enfiou sob o edredom. A gata piscou e bocejou, mas ela pressionou o dedo indicador nos lábios. Antes que a gata desse alarme, ela enfiou a mão para acordá-lo sedutoramente e ele sorriu com preguiça.

Muitos gemidos se passaram enquanto a gata brigava com os lençóis que se mexiam insistentemente com as carícias cuidadosas dela até que ele pôs o animal no chão e se virou para a mulher. — Quero acordar assim todo dia.

— Aí, já está querendo demais — Ela sussurrou nos lábios dele, os dedos brincando com a ponta de pele fininha.

— Absolutamente incrível — Ele a beijou na intenção de deitar sobre ela, mas ela forçou e sentou nele.

— Sem as mãos — Ela pediu colocando os braços dele no travesseiro sobre a cabeça, quase encostando na cabeceira. Ela soltou para se inclinar para trás, ele se moveu e ela pressionou contra o travesseiro de novo. — Sem mãos daqui para frente.

— Abi... — Ele reclamou, ela sacudiu a cabeça, ele concordou.

Quão erótico ver a morena se divertir explorando o corpo dele, lambendo e beliscando, acariciando e beijando enquanto ele só podia aproveitar. Ela era linda, cabelo que brilhava ruivo dependendo da luz, tinha um coração grande para animais, e tesão na medida para deixá-lo louco. Quais eram as chances de achá-la no meio de uma viagem de trabalho maçante? — Não aguento mais, Abi.

— Tem que aguentar — Ela fez bico ajustando a camisinha.

— Você é linda demais.

— Posso amarrar suas mãos na cabeceira.

— Menina malvada — Ele reclamou, a gatinha miou.

Os olhos dela distraídos por dois segundos com a gata que brincava com

seus brinquedos foram o suficiente para ele sentar e segurar as mãos dela nas costas. Ela arfou surpresa, ele sorriu.

— Meu coração não pode com você — Ele murmurou ofegante dez minutos depois.

— Coitadinho!

Ele tentou se concentrar em inspirar e expirar. Para dentro, para fora. *Não tenha um infarto*. Para dentro, para fora. Ele abriu os olhos e ela estava colocando leite para a gata, duas felinas graciosas andando pelo quarto dele. Cacete, ele queria que fosse seu dia a dia. Para dentro, para fora. Ele nunca tinha sido assim ganancioso antes.

— Jantar? — Ela ofereceu. Ele não se moveu, então, ela garfou um pouco do linguini com camarão morno para lhe dar na boca. — Você tem alergia? — Ela perguntou sentando metade do traseiro na beirada da cama.

— Não — Ele abocanhou a abraçando pela cintura.

— Bom, Sr. Crítico gastronômico?

— Perfeito — Ele se esticou para beijar um mamilo.

Ela se contorceu. — Vem, vamos comer, Torto.

— O que é isso? — Ele perguntou apontando para a caixinha branca na mesa.

— Stella — Ela disse antes de experimentar um camarão e abriu a caixinha para mostrar um relógio de mesa. Colocou as pilhas e arrumou na cama da gata. Logo ela chegou perto para cutucar com a patinha, estudar o negócio curiosamente, cheirar e deitou do lado quietinha. — Deve dormir a noite toda hoje, o tic-tac vai ajudar.

— Obrigado — Ele comeu em silêncio por um tempo. — Por que está com o cabelo mais escuro na foto do perfil?

— Tentei as mechas ruivas um tempo atrás, é temporário, já está apagando.

— Eu gosto — Sorriu. — Também gosto do tom mais escuro — Ele acariciou seu cabelo a fazendo sorrir. — Vai ficar aqui por quanto tempo?

— Pelo menos mais duas semanas — Ela sentiu um nó na garganta. — Você? — Macarrão tinha que ajudar, então, ela comeu.

— Não tenho necessidade de passar de domingo — Ele andou até o frigobar e voltou com latas de bebida. — Tem outros hotéis nas cidades próximas, posso visitar e voltar para cá de noite.

Ela balançou a cabeça. Uma semana então. Ok, já é uma distração...

— Depois disso, vou tirar uns dias — Ele continuou. — Você pode? Fico aqui enquanto você trabalha, depois pegamos Constelação e vocês vêm para minha casa.

— As gatinhas podem se estranhar.
— Ou podem se apaixonar uma pela outra, como boas irmãs.
Ela sorriu com os lábios e os olhos e a gatinha ronronou na caminha.

— Você podia ser meu pai.
— Joguinhos sexuais têm limite, Abi.
Ela riu e mordeu a orelha dele. — É sério, Torto.

— Em diferença de idade, sim. Mas quando eu tinha vinte anos, era muito cuidadoso com quem eu saía — Ele parou para pensar. Não era sempre que um homem tinha o privilégio de estar nu na cama com a namorada nua o abraçando de conchinha, os braços dela em volta do seu pescoço e sua gatinha ocupadíssima em mastigar um brinquedo nas suas mãos. Ela mordeu o dedo dele, depois lambeu, depois mostrou a barriga para ele coçar, depois ficou de pé nas quatro patas para checar se a moça que cuidava dela ainda estava lá. — Eu tinha muitos planos aos vinte anos, em nenhum cabiam esposa e filhos.

— Saiu pela culatra?

— Não, fiz tudo que planejei e ainda mais. Quando casei eu já era milionário.

— O quê? — Ela se apoiou em um cotovelo para olhar o rosto dele.

— Minha família tinha dinheiro, mas eu queria fazer a vida sem contar com a herança; não tem nada de mais. A molecada hoje faz bem mais programando seus *laptops* em casa.

— Basicamente, eu sou um fiasco.

— Claro que não — Ele se virou para olhar o rosto bonitinho querendo dizer um galanteio, mas se confundiu quando focou nos olhos expressivos da garota bonita. — Sabe, percebi que nossa maior diferença é a cobrança. Você está sempre correndo, te vi trabalhando essa semana. Sozinha, você controlou boa parte de uma convenção enquanto organizava outra, correndo de um salão para o outro, comandando equipes de montagem, decoradores. Incrível. Por isso quando chega aqui está elétrica.

— E você, calmo.

— Avaliar comida é basicamente apreciar e, para isso, não dá para ter pressa.

— Nunca achei que glutões fossem milionários em potencial...— Ela implicou.

Ele riu, deitou de costas para fazer carinho no rosto dela e sorriu quando a gatinha se acomodou no peito dele. — Gastrônomo.

— Gatinhazinha é tão ciumentinha! — Ela cutucou o focinho da gata e ronronou quando as patinhas fofas tentaram lutar com ela.

— Vocês duas são — Ele sorriu contente e riu quando as duas felinas fizeram cara feia para ele. — Comecei a comentar sobre comida quando comprei metade desse hotel, era só um *hobby*.

Ela piscou. — Você é dono desse hotelzão de luxo?

Ele sacudiu a cabeça. — Na verdade, não mais. Um amigo tem um jornal especializado em notícias e informações privilegiadas do mercado financeiro só para um público muito seleta e depois do meu casamento, me pediram para falar desse restaurante. Os leitores gostaram da minha opinião e pediram mais, eu comecei a falar de lugares que conhecia, depois de lugares que visitava e, em alguns anos, passou a ser um trabalho secundário. Na festa de divórcio, o dono desse hotel me contou que estava em dificuldades, mas resistia em vender para uma *holding* com medo de acabarem com o charme do lugar e eu entrei no negócio para ajudar. Nós reformulamos muitos processos, quase começamos do zero, foi um bom passatempo.

— Porque estava de luto.

Ele concordou.

— E vendeu depois de fazer sucesso? Hoje ele é parte de uma *holding* internacional de hotéis; já faz tempo, acho.

— Temos um acordo gerencial, eles não são donos do mosteiro. Minha parte foi dividida e vendida de volta para o proprietário original, um bom negócio para mim e ele manteve o controle do hotel.

— Por isso conseguiu ficar nessa suíte mesmo sem ter reserva para as semanas extras — Ela prendeu os lábios. — Fiquei pensando se você ia conseguir.

— Gosto desse quarto.

— Sua noite de núpcias foi aqui? — Ela perguntou com sarcasmo.

Ele sacudiu a cabeça. — Suítes presidenciais são na cobertura.

— Ah, sim, claro... Minha chefe vai ficar lá.

— Ainda bem que fiquei, certo? Seu quarto está cheio de caixas. Como ia conseguir dormir lá?

Ela deu de ombros. — Sempre faço assim. Os brindes que ainda restam vão sumir em alguns dias. As pessoas amam canetas, bloquinhos e relógios de mesa. A gatinha adorou as caixas vazias...

Ele trouxe o rosto dela perto do dele para um beijo. — Não te vejo como uma filha.

— Nossa! Que bom, Torto! — Ela riu e ele sacudiu a cabeça. — Você vem tomando conta de mim nesses últimos dias, arrumando meu café da manhã,

massageando meus pés e coluna à noite.

— Estou só pagando pelo sexo delicioso!

Os dois riram.

— Com certeza não vejo uma figura paterna em você. Meu pai era um cara engraçado, gordão e escandaloso, sempre tinha uma opinião e uma piada.

— Morreu faz muito tempo?

— Alguns anos. Estava dirigindo quando ficou no meio de uma caçada daquelas que passam na TV, sabe? De helicópteros, tiroteios e carros de polícia. Lugar errado na hora errada.

— Sinto muito.

— Ele era mais velho que você. E não se parecia nada. — Ela teve um tremelique. — Nadinha de nada parecidos. — Ela pausou. — Acha que as pessoas tendem a procurar pelos pais nos parceiros?

— Vai ver por você mesma quando conhecer minha mãe. Absolutamente nada em comum também.

— Uau, conhecer a mamãe!

— Um dia. A menos que não queira...

— Comprometida no Tinger, férias juntos, animais de estimação, agora conhecer os pais... Só falta uma casa com quintal, um carro espaçoso, filhos e financiamento no banco.

— Não vamos precisar pegar financiamento.

Ela levantou uma sobrancelha.

Ele levantou as duas. — Nada atraente?

— A gente nem se conhece direito.

— A gente vai se conhecer bem.

— Daí, a gente vê.

Ele concordou. — A gente vai ver.

— Está solteiro-divorciado há anos, como é que justo agora está decidido a fazer ninho?

— Eu gostei de você na hora que me deu bom dia, apesar de que qualquer um via que estava triste naquela manhã. Depois, te ouvi falar com seu irmão de um babaca que não respondeu seu nude. E a gata foi adorável. — Ele apontou para o animalzinho.

— Miau...

— Você também é, Stella.

Ela sorriu para o homem e a gata no peito dele.

— Mas parece que sou menos que emocionante para você — Ele fez carinho no queixo dela. — E você nem sabe do meu segredo — Ela levantou as sobrancelhas. — Sou vasectomizado.

— Jura?

Ele balançou a cabeça. — A ideia de trair minha filha tendo outros era muito dolorida, o casamento já ia mal, então... Ironicamente foi o que fez acabar tudo de vez.

— Nunca pensei em quando engravidar, mas eventualmente vou querer, sim, ter filhos. Ou um só, sei lá.

— É reversível. O médico achou que eu era muito novo para decidir uma coisa tão importante e deixou claro que poderia ser desfeito. Mas foi há muito tempo.

— Pode não dar certo.

— É uma possibilidade — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Existem outras opções — Ela prendeu os lábios, ele riu sem ver humor. — Ainda menos excitante? — Ela deu de ombros. — Pode parar com a pílula, não tem necessidade — Ele prendeu um sorriso. — Ao menos para isso é bom. Certo?

— Bem... Você é saudável, eu sou saudável, não precisar me preocupar com uma gravidez indesejada mata a necessidade de camisinha ou anticoncepcional — Ela limpou a garganta. — É chato, mas estou acostumada. Meu corpo vai agradecer pela pausa nos hormônios.

Ele levantou o pescoço do travesseiro e beijou os lábios dela várias vezes. — Deixa seu corpo respirar, Abi. Se precisarmos, vamos achar uma maneira de contornar minha condição — Ela segurou o rosto dele entre suas mãos e aceitou o beijo grande e amoroso que ele ofereceu. — Desculpe por te deixar triste. *Mas se quiser vir comigo em meu caminho, talvez o meu caminho seja triste pra você* — Ele cantou e ficou feliz em vê-la sorrir.

— Meu pai cantava isso para mim — Ela o olhou com cara de riso e ele não resistiu.

A abraçou apertado para cantar mais. — *Se você quer ser minha namorada, aí que linda namorada você poderia ser. Se quiser ser somente minha, exatamente essa coisinha, essa coisa toda minha que ninguém mais pode ser* — Ele correu o dorso do dedo médio no rosto dela. — Quer? — Ela sorriu e fez bico para ele beijar. — Eu quero.

— Que antiquado... E fofo.

— Acha? — Ele devolveu o sorriso.

— Muito... Não posso dizer que te considere como alguém firme, na verdade, não considero cara nenhum — Ela sentou devagar, pernas cruzadas nos tornozelos e se recostou nos travesseiros. Ele acertou a gatinha no peito e virou a cabeça para olhá-la. — Quando eu tinha quinze, vi um filme que a garota e o cara se encontravam e vinha uma rajada de vento em volta deles, sinos tocavam e o mundo parava, parecia um feitiço. Sempre achei que seria assim quando

conhecesse um cara para mim. — Ele riu baixinho. — Sem vento ou sinos, mas alguma coisa ia parecer diferente e, por causa disso, porque sei que é ridículo, sou muito tranquila quanto a homens, não fico fazendo planos mirabolantes.

— Talvez ainda vá sentir tudo isso quando perceber o que tem.

— Um *gourmand* gringo que não precisa de financiamento e, ainda por cima, é romântico? Sorte grande!

Ele riu.

— Sabe que estou gostando de ter babá? — Ela sorriu de lado e arriscou olhar para o rosto dele. — O problema é ficar viciada — Ele ainda ficou calado. — Você tinha que me encorajar a ficar viciada em você.

— Não sou traficante.

— Ainda assim me paparica todo dia.

— Quero seus nudes.

Ela riu e se debruçou na mesa para beijar-lhe o canto da boca. — Todos seus!

— Bom — Ele sorriu e eles comeram em silêncio por uns minutos. — Não quero ser uma figura paterna para você.

Ela levantou os olhos do telefone franzindo a testa. — Como é?

— Cuidar de você é na verdade uma poupança, gostaria que cuidasse de mim quando estiver assoberbado como você está agora. Pedir comida ou te preparar um banho à noite não é esforço, Abi. É um prazer agradar a mulher com quem estou saindo.

— Namorada — Ela desafiou.

— Namorada — Ele prendeu um meio sorriso.

Ela balançou a cabeça. — Não tem nada de paternal em você além da idade — Ela bebeu da sua água. — Meu pai já tinha quase trinta quando eu nasci. Mais velho que você. E ele não era do tipo que fazia de tudo para agradar os outros. — Ele piscou, mas não tirou os olhos do rosto bonito e ficou surpreso com o aparecimento de um sorrisinho safado nos lábios dela. — O que fizemos esta manhã antes do café não deixa dúvidas de como te vejo.

Ele sorriu de volta. — Vou pagar essa noite.

— Ôba! — Os olhos dela brilharam, ele balançou a cabeça satisfeito. Ele era bonitão mesmo, os pés de galinha no canto dos olhos e a barba por fazer lhe davam um gostinho especial. Ela alcançou e roubou um *chip* de batata doce do prato dele. — Não tenho complexo de Electra, se está se perguntando.

— Não seria eu quem iria te ajudar se tivesse. Desisti de ser pai há muito

tempo.

Ela mordiscou a batata com os dentes da frente e mastigou pensativa. — Sou sã.

— Percebi — Ele apontou com o garfo para o último *chip* no prato dele e ela pegou. — Suas férias?

— Minha chefe concordou, ficou feliz com a maneira como organizei a convenção toda praticamente sozinha.

— Tinha que ficar mesmo, você trabalhou demais essas duas semanas. Vamos fazer força para você ficar o mês todo sem fazer nada.

Ela fez bico. — Não quero ficar com você sem fazer nada!...

Ele sorriu grande, ele também não queria isso.

— Não faz ideia de onde está, Mãe? — Ela perguntou do chão onde estava ajoelhada ao lado da cômoda, a gaveta de baixo aberta.

— Acho que no meu *closet* tem um caixa de coisas de gato no fundo — A mãe torceu as mãos olhando para o homem no sofá com Constelação no colo, suas mãos grandes massageando as patas peludas uma de cada vez, a traidora ronronando feliz como um chafariz mostrando a barriga para ele.

— Vamos lá, então — Ela levantou. — Quero dar a coleira pequena para Stella.

— Miau.

— É, vai ganhar uma coleira, gatinhazinha — Ela apontou para a gatinha que olhava para cima. — Já volto — Ela deu um selinho nele e passou pela porta da frente com a mãe nos seus calcanhares.

— Ele é mais velho! Muito mais velho!

— É! — Ela sorriu.

— Parece velho o bastante para ser meu namorado! — A mãe bufou abrindo a porta do seu próprio apartamento. — Ele é mais velho que eu?

— Alguns anos mais novo — Ela disse distraída se enfiando no meio das roupas da mãe para achar a caixa. Tinha uns brinquedos, um arranhador de bebê meio destruído, laços de cabeça, a coleira branca de *strass* com letras prateadas e um coletinho de tricô.

— Quantos anos mais jovem que eu? Ele parece ter mais que quarenta e cinco.

— Ele tem cinquenta e dois.

— Meus Deus! É sério isso, garota?

Ela balançou a cabeça levantando com a caixa sob o braço. — Eu poderia

te dar razões excelentes para explicar por que o escolhi, mas foi ele quem me escolheu.

— Claro que foi! — A mãe bateu palmas rindo. — Corpinho com tudo no lugar, essa bundinha e peitos empinados! Claro que ele te escolheu! Um homem com idade para ser seu pai!

— Como se quem eu sou não tivesse valor nenhum? — Ela fechou a cara corando. — Ele só quer uma novinha na cama e por acaso eu sou facinha?

A mãe revirou os olhos, a filha prendeu os dentes. — Você é mais esperta que isso.

— Ou você está com ciúmes ou quer o melhor para mim, não consigo entender o que é mais forte. Mas sabe o quê? Odeio isso que você faz com meus sentimentos; diminui e amassa tudo até ficarem como caprichos de criança que cabem em caixas de fósforo. Não aceito isso.

— Ótimo! Então, você deixa ele te usar e depois volta para mim chorando. Vou ficar esperando.

— Posso não precisar do seu consolo, ele pode ser bom para mim.

— Só podemos torcer, né?

Ela balançou a cabeça e saiu. A mãe ficou horas olhando pela janela tentando se acalmar.

— Prontinha, mocinha — Ela soltou a gatinha e ela andou cambaleando.

— Não me parece agradecida, Abi.— Ele prendeu os lábios observando a filhotinha andar reclamando do capuz quase cobrindo os olhinhos até parar para amassar os pompons pendurados do seu pescoço.

— É tão fofo! — Ela sorriu ainda sentada no chão. — Aqui, gatinhazinha, outras heranças de Constelação.

Ouvindo seu nome, a gata adulta pulou do colo dele para o dela e curiosamente inspecionou a caixa.

— Posso ficar calado se preferir.

— Por que iria abrir mão do prazer de ouvir sua voz de veludo? — Ela franziu a testa.

— Está chateada — Ele pressionou os olhos admirando suas três felinas brincando no tapete. — Sua mãe não é minha fã.

— Ela acha que você poderia ser meu padrasto.

— Entendi. Poderia mesmo — Ele resmungou suspirando e ela virou o rosto para olhá-lo com desconfiança. — No que diz respeito à idade — Ele correu para se explicar.

— Fico pensando se isso te incomoda demais.

Decidir

— Mas não tem fim!... Parece que quanto mais ando, maior este corredor fica.

— O quarto é ali — Ele apontou para a última porta. — Esses outros são um escritório e hóspedes.

Ela balançou a cabeça olhando em volta. Seu apartamento de um quarto que o pai havia deixado de herança provavelmente caberia no quarto dele, e ainda tinha o resto do apartamento todo. — Engraçado, não consigo te ver nessa cama grande.

— Por quê? — Ele levantou uma sobrancelha já esperando a brincadeira safada que estava vindo, já conhecia aquela expressão no rosto bonito dela.

— Sei lá... É enorme.

— Fico meio solitário às vezes.

— Imaginei — Ela sentou na beirada vendo-o estacionar as malas dela e dele perto do armário de várias portas. — Por isso deixou suas namoradas mobiliarem e decorarem o apartamento todo?

Ele parou e piscou olhando para ela. — Já veio com a maioria da mobília.

— Quais? Essa cama?

— Não, essa eu comprei — Ele prendeu os lábios antes de falar demais.

— Comprou porque...

— Porque a que estava no apartamento rangia.

— Ah... — Ela sorriu de lado. — Incomodava quando você se mexia durante o sono.

— Pois é.

— Só que você dorme quietinho, acorda na mesma posição que adormeceu.

— Abi...

Um miado muito estridente veio de algum lugar entre a sala e a cozinha acompanhado do barulho do mundo caindo no chão.

— Titica! — Ela levantou correndo. Quando voltou vários minutos depois, ele estava sem camisa e descalço lavando o rosto no banheiro da suíte. — Você vai precisar de redes nas janelas e na varanda. Cobertura é muito perigosa para uma gatinha encrenqueira. Ainda mais com a ajuda de uma gata adulta sem nada na cabeça. As duas já derrubaram tudo que estava na pia da cozinha — Ela se jogou na cama e quicou no colchão macio. — Redes. Logo. Tranquei todas as janelas e as portas da varanda, mas queria ficar lá. A vista é

linda.

Ele se encostou no portal entre o banheiro e o quarto admirando a mulher bonita tirar as sandálias de salto e se aconchegar nos travesseiros dele. Quando ele saiu há mais de um mês nunca pensou que traria de volta uma beleza dessas com ele. — Gostou da cama?

— Olha, gosto de você, sabe?

— Que bom! — Ele sorriu.

— Não vou mentir.

— Prefiro assim, sincera — Os lábios dele suspenderam de lado quando ela se virou e o vestido levantou deixando-o ver um pedacinho da calcinha.

— Quando você se descolar dessa porta e vier aqui ficar do meu lado, de preferência nu, vou gostar mais.

— Basta convidar, Abi.

Ela chamou com o dedo e ele riu balançando a cabeça.

Quando já estava abraçado com ela, a mão dentro do vestido segurando a cintura, ela colou os lábios no ouvido dele. — Tudo aqui me deixa desconfortável, porque em todos os cantos te vejo pegando uma mulher diferente.

Várias respostas diferentes passaram pela cabeça dele, mentir, amenizar a verdade, ficar calado. Todas pareceram erradas, fracas. Ele tinha tido muitas parceiras no decorrer dos anos, não havia como esconder isso. — Sinto muito.

— Concordei em vir passar esses dias com você aqui sabendo do risco que estou correndo, mas morro de medo de cair na cilada de encontrar uma mulher na rua e receber de volta aquele risinho de superioridade de quem diz: “Já colhi dessa horta antes, era até mais verde, boas... Cenouras vindo daí” — Ele riu tão alto e por tanto tempo que chegou a engasgar, ela se soltou dele e sentou contra a cabeceira da cama grande. — Pode rir, sabe que é bem possível.

— Não tenho como evitar que isso aconteça um dia — Ele correu os dedos nos olhos. — Nem você.

— Verdade.

— Vamos fazer assim, quando virmos que algum... *Jardineiro* está por perto, avisamos um ao outro.

— Fechado — Ela lhe deu a mão para apertar selando o acordo, ele apertou forte e puxou para beijar o pulso fino. — Agora diz que posso trocar todos os móveis.

Ele franziu a testa. — Claro que não.

— Romântico, cavalheiro, rico... Deveria dizer isso, quis tanto que eu viesse para cá.

— Quis e quero, você e Constelação. Estou tentando achar uma maneira

de não deixar vocês irem embora, na verdade — Ele colocou a mão dela no seu peito para fazer carinho amorosamente. — Você fica bem aqui, parece que a casa é sua.

— Não é, não. Minha casa é o apartamento onde mal dormimos noite passada.

— O voo era muito cedo, melhor te manter acordada — Ele beijou o braço lembrando o quanto tinha se divertido com a namorada nua no apartamento pequeno. — Posso me mudar para lá se quiser, ou você pode se mudar para cá. Achei que ia gostar da novidade. Já morou aqui alguma vez?

Ela sacudiu a cabeça olhando para ele como se tivesse três cabeças.

— Uma cidade nova, talvez um emprego novo ou possa pedir transferência. Sua chefe me disse que o escritório central é aqui.

— Achei que ela estava dando em cima de você, mas, na verdade, você estava tirando informações da idiota...

— A chefe tem que ser você, é claro que tem capacidade para o cargo. E viaja bem menos.

— Eu gosto de viajar.

— E está cansada da rotina, me falou isso na semana passada.

— Quer uma esposinha dona de casa?

— Quero você — Ele se virou e a puxou pela cintura para ficarem de rostos colados de novo. Quando ela parou de rir e deu o beijo que ele exigia, ele acariciou as sobrancelhas dela. — Posso te amar? — Seus dedos contornaram as bochechas com muito carinho. — Você deixa? ? — Ela balançou a cabeça. — Consegue me amar de volta?

— Fácil — Ela sorriu, todos os pelos do corpo em pé com o calafrio que lhe tomava conta.

— Vem morar comigo. Liga para sua chefe e pede transferência.

Ela mordeu o lábio inferior, ele esperou. — Não é muito rápido?

— Inesperado, talvez.

— Ela pode sentir a mudança... Ficar deprimida, fazer serenata por dias.

— Tenho certeza que vamos dar certo.

— Mal me conhece, Torto.

— Me conheço bem, eu quero você e vou fazer dar certo. Basta você me deixar te amar.

— Já não estamos quase lá?

— Estou bem adiantado. — Ele beijou-a apertando os lábios contra os dela, um beijo que traduzia tudo que ele esperava ter dito em poucas palavras tão eloquentemente. Sua mão achou o quadril feminino e a calcinha pequena. — Encontra comigo aqui no meio do caminho.

As pernas torneadas lisinhas cruzaram nas dele aproveitando as sensações que lhe tomavam o corpo todo enquanto ele a beijava devagarinho. Tão doce, nenhum esforço, simples, amoroso...

— Vem?

— Sabe o meu amigo que estava na convenção? O que trabalha na concorrente? — Ela perguntou o vendo beijar seu ombro. — Ele já me cantou várias vezes.

— Ele não é gay?

— Sim, não é isso. Me cantou para mudar de empresa, trabalhar aqui.

— Liga para ele, diz que está interessada em ouvir uma proposta. Depois, liga para sua chefe e diz que pode ouvir uma oferta melhor dela.

— Que plano maquiavélico!

— Vai dar certo.

— Mas morar nesse antro de ex-amantes...

— Vamos reformar esse apartamento aqui.

— Ué?...

— Nossa casa vai ser limpa de fantasmas, seu apartamento também. Não traga nada de alguém que foi especial um dia.

Ela balançou a cabeça, assim que lhe pareceu certo, balanceado.

Sim, ela poderia amá-lo de volta. Iria.

— Vocês dois estão bem confortáveis aqui na sua cabaninha de amor.

— Estamos. — Os dois falaram juntos e riram.

— Não que esse casarão tenha alguma coisa a ver com cabanas.

— Mamãe está muito preocupada?

— Preocupadíssima. — Seu irmão revirou os olhos. — Sabe como ela é, preocupação é o que mantém o sangue dela correndo nas veias. Se você está sendo assim tão irresponsável, vou fazer o mesmo logo já que são só nove meses e meio entre nós.

Ela concordou em silêncio, ele olhou de um irmão para o outro. — Um final de semana conosco na serra foi demais para ela?

O irmão levantou as sobrancelhas. — Mamãe estava ansiosa para vir meter o bedelho nas semanas de amor de vocês, mas não conseguiu desmarcar as consultas marcadas no consultório. Ela trabalha demais.

— Estou até aliviada, sabe? Detesto quando brigamos — Ela terminou seu vinho em um longo gole. — Vou pegar outra garrafa. Já volto.

Os dois homens perderam minutos admirando a paisagem, o teto da

varanda os protegendo da garoa fina na tarde preguiçosa.

— É muito calmo aqui.

— Muito — Ele bebeu da sua taça. — Nem me lembro da última vez que vim aqui para ficar mais que um dia. Sua irmã estava entediada na cidade, queria voltar ao trabalho, então, a trouxe para cá.

— Ela me falou do emprego novo, disse que ter você na negociação do contrato foi fundamental, fazem um bom time. Aumento de cargo e salário, uau!

— Ela merece, é uma excelente profissional.

— Sempre achei que aquela empresa não dava valor a ela. Ofereciam bônus quando o certo era dar-lhe a chefia...

— Agora está resolvido — Ele sorriu satisfeito. — O *wi-fi* é uma droga por causa das montanhas, ela não pode trabalhar e teve que dar uma reduzida no ritmo. Na volta, ela pega no tranco, tudo novo.

— Esse é o maior defeito desse lugar, sem *wi-fi*. O outro é sua mãe do outro lado do jardim — Ele sorriu maleficamente. — Não para mim, a gente se deu bem, mas para minha irmã... — Ele estalou a língua. — Sogra por perto... E você não quer ver minha irmã com a macaca. Um saco!

Ele riu. — Minha mãe adorou sua irmã também, e a casa dela é bem longe; pelo menos quinze minutos a pé daqui até o vale. Constelação derreteu o coração dela completamente.

O irmão se apurou na cadeira. — Eu vi! Que cachorra safada, desfilando de lá para cá na sala da sua mãe para ser elogiada!

— Abi disse que ela faz isso quando está satisfeita.

— Ela não faz isso quando fica na minha casa, só se esconde para atacar meu pé quando estou distraído — Ele fez bico. — E não entendo por que chama minha irmã de “Abi”. Por causa de quando jogamos na Associação de Basquete Internacional? Éramos crianças, a gente nem gostava tanto assim; passamos para natacão logo.

Ele achou graça e tentou segurar a risada, o corpo moreno sexy bem claro na sua cabeça.

— Ah, entendi. É um lance de cama... — O irmão balançou a cabeça devagar tentando adivinhar de onde viria um apelido tão incomum enquanto o namorado bonitão da irmã corava. De repente, ele grunhiu alto. — Torto?...

Dessa vez, ele não segurou e riu com gosto. — Sua irmã é perfeita, estou perdido.

— Parece é que foi achado.

Ele sorriu carinhosamente. Era verdade, ele se sentia acolhido, animado e determinado a sair do coma que se permitiu carregar todos os relacionamentos que teve nos últimos anos. — Nunca tive um amigo gay antes.

— Agora tem família — O homem mais novo deu de ombros e levantou os olhos para a irmã lhe oferecendo mais vinho. — Estou tomando branco.

— Vinho branco é para maricões, frutinha.

— Engorda menos, machona — Ele deu a língua, a irmã também.

— Torto? — Ela ofereceu, ele levantou a taça e o rosto oferecendo os lábios.

Depois do beijo, ela encheu a taça dele e sentou para encher a sua. Ele a pegou pelo braço para ajustar as costas dela no seu peito e ela esticou as pernas no sofá. — O que é família agora?

— Ele nunca foi exposto a gays antes.

— Coitadinho... — Ele acariciou a barba, já fazia dias que ele não se preocupava em usar o barbeador.

— Nada diferente até agora.

— Desapontado? — O irmão perguntou e ele deu de ombros. — Nós escondemos as escamas direitinho. Rabos e chifres também.

Ele quase cuspiu o vinho que estava bebendo, ela riu. — E quanto aos que se vestem de mulher? Nada discreto ali. — Ele desafiou tossindo.

— Trans são outra espécie. Eles também se disfarçam bem, o que você vê não é nem de perto como eles são de verdade!

Ele sacudiu a cabeça enquanto os irmãos debochavam.

— Meu irmão vai nos ouvir.

— Não vai.— De conchinha, ele sussurrou no seu ouvido, dando-lhe calafrios e sorriu. — O quarto dele é virado para o outro lado da casa.

Ela esfregou seu traseiro na virilha dele e olhou sobre o ombro para vê-lo vidrado no que ela estava fazendo. — Prefere bundas...

— Prefiro essa bunda — Ele encostou a palma da mão nela enquanto ela se esfregava nele. — Você gosta de fazer isso comigo — Ele agarrou uma das bandas com vontade usando os cinco dedos e forçou seu quadril para frente para ouvi-la gemer. — Faz de novo — Ela guiou a mão dele para seus seios e moveu a lombar para seu bumbum mexer languidamente. — Mais — Ele pediu abaixando a calcinha até as coxas dela para admirar as bandas redondas o deixando louco.

— Tira sua *boxer* também — Ela pediu sentindo o coração perder o compasso. Era tão incrível ser venerada daquela forma, um homem gostoso olhando seu corpo com tanto respeito e desejo ardente.

É claro que ele fez o que ela pediu, faria qualquer coisa que ela pedisse.

Uma vez livre, seu membro imediatamente achou o espaço entre as pernas dela, tão quente e confortável. — Continua — Ele disse, seus dedos explorando entre as bandas redondas para acariciar até tocar seu tesouro úmido. Um tremor correu o corpo dela quando ele fez o que ela o instigava a fazer. — Quer um pouco disso antes de mais nada? — Ele ofereceu deixando a ponta dos dedos tocarem a pele delicada enquanto ela mexia os quadris.

— Quero... — Ela levantou um braço sobre a cabeça para segurar a dele e trazê-lo para um beijo quente. Na cama, de conchinha, na penumbra, os gatos dormindo no andar de baixo, brisa fria vinda da janela entreaberta encontrando a pele pegando fogo da barriga dela, quadris movendo para direcionar os dedos dele para onde ela queria: como poderia ser mais excitante?

— Eu gosto muito de você.

Ela riu. — De mim ou do meu tesão? — Ele riu também. — Não ia me amar?

— Não dá para notar o quanto? — Seus dedos contornaram a entrada apertadinha com muito carinho, ela balançou a cabeça. — Onde você está? Já me ama de volta?

— Faz por onde — Ela desafiou e sentiu a mão grande no seu quadril a forçando a deitar de costas, a calcinha deslizando até seus pés, suas próprias pernas dando espaço para as dele e encostaram deliciosamente.

— Já te falei que estou te esperando aqui. Quanto mais demorar, mais vou avançando — Seu peso forçou as costas dela contra o colchão, ela segurou a cabeça dele e o beijou enquanto ele entrava devagar. — Vem logo — Ele sussurrou no ouvido dela e sorriu quando ela tremeu da cabeça aos pés.

Ele acordou com patadas fofas no seu rosto e peito, e, devagar, foi se concentrando em um trinado perto do seu ouvido. Estava escuro, ele estava com sono, tinham comido e bebido muito na noite anterior, ele queria dormir por mais algumas horas pelo menos, mas a patinha e o trinado continuavam. Ele sacudiu a cabeça contra o travesseiro e virou para alcançar sua mulher bonita, tateou o cobertor vazio e abriu um olho.

— Abi?

— Miau...

Um trinado... Um segundo depois, um sibilar nervoso e um fuzz... E a pata bem na sua boca.

— Ella, para com isso — Ele virou de lado e ouviu o miado dolorido de Stella e um barulho horrível vindo do banheiro. — Abi?

Ela estava nua ajoelhada no chão, rosto no vaso sanitário tendo espasmos, as duas gatas rodando em volta dela nervosamente. Coberto de preocupação também, ele ajoelhou atrás dela, abraçou seus ombros e segurou a testa. — Tudo bem, Abi. Calma.

Ela balançou a cabeça, mas uma nova onda de náusea lhe atacou como um tapa no rosto e seu corpo se dobrou em outro espasmo. Ela miava sem parar andando de um lado para outro, ficou irritada com o abraço apertado na sua humana. O corpo grande dele a segurando era bom, reconfortante, ela tentou relaxar deixando seu organismo se livrar da quantidade de macarrão que tinha comido na noite anterior.

— Calma, Abi. — Disse com voz suave e firme. — Calma...— Ele alcançou uma toalha de rosto e, meio sem jeito, molhou na pia para passar na testa dela.

— Você é péssimo cozinheiro.

— Não sou. Você disse que minha comida estava deliciosa noite passada, até me beijou várias vezes dizendo que o cozinheiro merecia. Por isso acabamos nus.

— Olha o que sua comida fez comigo — Ela se dobrou de novo, mas não havia mais nada a ser purgado.

— Calma... — Ele sentou a trazendo para seu colo e passou a toalha encharcada no rosto lívido. — Não estou sentindo nada, as gatas também.

Ela grunhiu de olhos fechados. — Você me intoxicou!

Ele sacudiu a cabeça.

— Quando meu irmão estava aqui você só fez comidas seguras, uma semana depois de ele ir você é pura maldade.

— Nunca entendi por que Deus teve tanto humor negro fazendo homens tão tarados e mulheres tão bonitas, mas cheias de TPM — A mão pesada dele penteou o cabelo suado para longe do rosto dela e lhe deu um beijo na testa. — Você é tão gostosa e tão megera quando está perto da menstruação...— Ele disse as últimas palavras e franziu a testa.

— TPM? — Ela piscou. — Foi sua comida, Torto. Eu estava ótima...

Os dois pararam de respirar por longos momentos, cabeças girando na velocidade da luz, mentes chegando à mesma conclusão.

Ela sentiu ânsia e espasmo tão violentos que se jogou para frente e sentiu todos os seus órgãos lhe abandonarem. Pareciam horas de desconforto mental e físico sem esperança de alívio depois que passasse. Respirando com dificuldade, ela apoiou os dois cotovelos no assento do vaso e segurou a testa. — Como pode isso?

Ele não fazia nenhuma merda de ideia. Tinha sido no dia 25 de Fevereiro

– ele sempre foi bom com datas, 25 de Fevereiro o dia que ele levou Stella para sua primeira vacina sozinho porque Abi estava trabalhando, e quando ele voltou para o hotel, ela estava ainda em horário de trabalho, correndo de um salão para o outro na convenção enorme. Quando ela não apareceu para jantar, ele foi ao quarto dela e a achou doente, contorcida na cama segurando a barriga. Sem saber se precisava cuidar mais da gatinha febril e molenga contorcida na caminha no quarto dele ou a mulher sensual e cativante contorcida na cama, ele pegou a gata e passou a noite no quarto dela com as duas na cama sob os edredons. Isso tinha sido há mais de cinquenta dias, já estava quase chegando a data da próxima vacina de Stella.

— Vasectomizado! — Ela gritou. — Como?

— Quase quinze anos desde que fiz o procedimento — Ele resmungou.

— Explica! — Ela levantou cambaleante e entrou no chuveiro, abriu a água na temperatura mais alta possível e deixou o jato contínuo lavar a dúvida aterrorizante da sua cabeça. — Não pode ser. É o tomate seco que você passou o dia fazendo. Não pode ser mesmo!

Ele ficou em silêncio por todo o tempo que ela manteve água esquentando sua pele. Cinquenta dias e ele tinha estado tão feliz, tão exultante com a atenção da garota sensual e das gatas e com o despertar do seu coração em coma...

Ella miou até que sua humana saiu do chuveiro e se enroscou nas pernas molhadas sem se importar com a água. Precisava fazer de tudo para ajudá-la.

— Vou sair — Disse se secando, muito desesperada para dar atenção à sua gata adorada. — Vou comprar um teste de farmácia.

— Eu vou. Vai descansar.

Ela sacudiu a cabeça. — Não consigo ficar aqui.— Ela apoiou as mãos na bancada e pendurou a cabeça. — Desde que nos conhecemos não saí com nenhum outro cara.

— Você nem teria como, estamos grudados desde que tomamos café da manhã juntos pela primeira vez — Ele estava sentado no chão ainda, coração e mente doendo. A única maneira que ela poderia ter feito sexo com outro homem seria durante as horas de trabalho porque qualquer outro minuto foi dele nos últimos meses.

— Como, droga? — Ela gritou de novo e, desta vez, Ella atacou Torto acordando a ira de Stella.

Para distrair a briga, ele pegou a primeira coisa que viu – o rolo de papel higiênico e jogou, mas só Stella seguiu a longa linha branca. Ella ainda o ameaçava com dentes de cobra e raiva aguda. Ele sacudiu a cabeça.

— Nos exames que seguiram a vasectomia, eu tive alguns

espermatozoides inativos; nada que precisasse me preocupar, me disseram. A chance de engravidar alguém era perto de zero, então, eu relaxei.

— Perto de zero não é zero! — Ela não aguentou mais e chorou. — Você disse que eu podia parar a pílula! Eu deveria ter sido consultada, eu deveria ter opinião sobre quando teria um filho!

— Nós não temos como ter certeza que está grávida.

— Estou apostando no pesto de tomate seco... — Ela choramingou. — Porque não vou interromper de jeito nenhum e você não quer ser pai de ninguém e... — Ele a abraçou tão inesperadamente que ela pulou.

— Aborto não, sem possibilidade de eu te deixar sozinha e não vamos mais comer tomate seco de novo.

Ela riu chorando, os joelhos fracos e coração dilacerado.

Depois do teste de farmácia, houve consultas com ginecologistas da região e exames laboratoriais. Ele tinha mesmo alguns poucos espermatozoides inativos, ela era tão fértil quanto as demais mulheres da família, como a mãe vivia se gabando.

Os dois estupefatos, ficaram praticamente calados por dias. Qualquer conversa era entre as gatas que perambulavam em volta.

Ele estava aterrorizado. Olhava a mulher linda, segura de si e sensual e jovem e tão grávida. Deus e seu humor negro... O que ele ia resolver disso? Ela era nova, ele até já tinha se informado sobre fertilização *in vitro*, estava confiante que seria possível dar-lhe filhos um dia, mas um dia quem sabe não era imediatamente. Do coma para estado de choque. Foi um direto no queixo para ele sair do marasmo.

Ela o procurava de vez em quando e ele a abraçava tão forte quanto ela o abraçava, outras vezes, ela se escondia dele. Estava magoada, ele tinha dito que era seguro parar o anticoncepcional. O que eles tinham era ainda muito recente; ninguém com alguma coisa na cabeça, além de titica, teria um filho com um namorado de três semanas. Ele tinha praticamente lhe feito uma proposta naquela época, mas ela não tinha levado a sério... Sua mãe ficou tão surpresa que riu e fez planos esquecendo de brigar, a mãe dele tentou esconder as lágrimas, seu irmão estava orgulhoso. Ela estava... chocada.

— Ela saiu de carro, mãe. Não sei onde foi — Ele disse olhando a lista de compras na sua mão.

— Sozinha? No estado em que está?

— Dirige bem, precisava arejar a cabeça. Talvez tenha ido até o mirante.

— Essa tranquilidade toda só engana a ela que é novinha e não te conhece direito. Sei que está uma pilha.

Ele balançou a cabeça pegando as chaves do carro da mãe no suporte perto da porta. — Está tudo aqui, não vai me ligar depois dizendo que esqueceu Maisena?

— Vou lá em cima na sua casa pegar as meninas.

— Traz no colo, sabe que ela não gosta quando você deixa as gatas andarem pela grama. Ela tem medo que peguem carrapato.

— Eu lavo as patinhas aqui — A mãe dele abanou as mãos na frente do rosto.

Ele sacudiu a cabeça achando graça de sua mãe já grisalha e ainda se arrumando tanto para ficar em casa. Penteada, perfumada, joias, unhas feitas e chinelos felpudos como as gatas por quem tinha se apaixonado perdidamente. Quando ele comprou Stella, tinha pensado nela, ia lhe dar de presente assim que não estivesse mais precisando de tantos cuidados. Depois, viu que seria impossível ficar longe da gata Persa tanto quanto da gata morena e pensou em dar à mãe um filhotinho de Stella. Que ironia!...

— Olha, vem ver — A mãe o pegou pelo braço. Na sala de jantar que quase nunca era usada porque ficavam sempre na cozinha, ela mostrou uma caixa de joias. — Juntei os anéis de família — Disse orgulhosa. — Da vovó, da minha mãe, esses vieram do lado do seu pai. Esse ele me deu quando você nasceu. Qual acha que ela vai escolher?

Ele piscou olhando as joias arrumadas em linha dentro da caixa, todas limpas e brilhando; ela devia ter passado a noite escolhendo e polindo.

— Ela é uma garota moderna, tão bonita e simpática... Acho que os de pedra ela vai achar de velha. Vai preferir de brilhantes, não é?

— Sei lá — Ele prendeu os lábios.

— Você está nas nuvens, aposto que nem pensou em comprar uma joia para ela. Meu Deus! Vou ser avó de novo! — Ela sentou pesadamente em uma cadeira e se abanou piscando para parar as lágrimas. — Vou ao médico segunda pedir vitaminas. Cálcio. Vou ter que ter mais disposição. E escolher brinquedos para colocar no jardim, um monte. A casa da vovó vai ser a Disneylândia!

Uma cidade pequena assim não teria mesmo muitas joalherias, era de se esperar. Ainda assim tinha sido uma boa escolha, ele pensava dirigindo pela rua principal. Teria sido melhor levá-la junto, ela era ótima fazendo escolhas; mas se sua mãe ia surpreendê-la mais tarde... Não diria nada, mas torcia para ela

escolher o anel do seu nascimento. O aro de ouro quase triangular era interrompido por uma pedra coral no mesmo formato e terminado por três brilhantes de cada lado. Achava que ela ia gostar desse, tinha apostado nisso comprando a aliança cravejada de brilhantes com “Torto” gravado por dentro e “Abi” gravado na lisa, para ele.

O sinal fechou e seus olhos perdidos focaram em uma silhueta agradável entrando no café do quarteirão seguinte, ele prendeu um sorriso. Tão bonita... *E se mais do que minha namorada, você quer ser minha amada; minha amada, mas amada pra valer, aquela amada pelo amor predestinada...* Ele cantarolou estacionando.

— O quê? — Ela se virou assustada vendo o braço comprido esticar uma nota dobrada para o atendente do café.

— Está pago — Ele prendeu um sorriso.

— Não! — Ela sacudiu a cabeça esticando o cartão de crédito. — Pague daqui, por favor.

O atendente olhou de um para o outro. — Moço, ela disse não.

Ele apertou os olhos e balançou a mão de novo.

Ela pegou a nota, enfiou na caixinha de gorjeta dos funcionários e entregou o cartão para o atendente. — Pague daqui.

O rapaz deu um risinho irônico, passou o cartão dela e a entregou o cappuccino duplo em um copo com tampa.

— Pelo menos posso abrir a porta para você?

— Obrigada.

— Sozinha aqui?

Ela deu de ombros provando o café com cuidado e fez careta.

— Muito quente?

— Muito leite.

— Quer outro? — Ele perguntou já pronto para entrar na loja de novo e pedir outra bebida. — Café puro... — Ele prendeu os lábios inclinado a cabeça com cara de pena.

— Não posso café puro — Ela grunhiu e provou mais um pouco.

— Estômago fraco?

Ela sorriu de lado. — Tipo isso...

Ele indicou a mesa vazia perto da porta, um ombrelone grande dando sombra. — Já te vi por aqui?

Ela sacudiu a cabeça. — Passando férias.

— Em que hotel?

— Casa de amigos.

— Ah!... No vale? — Ele perguntou, ela balançou a cabeça. — Gostando?

— Tem sido muito inesperado... Imaginava algo diferente.

Ficaram em silêncio por algum tempo

— Já provou o festival de *fondues*? Muito famoso por aqui.

— É um convite?

O sorriso lindo, sensual, recheado de promessas apaixonantes lhe tirou o fôlego de novo, como no bar quando ela fez o perfil dele no Tinger. Mas ele teve que sacudir a cabeça. — Casado — Ele disse. — Muito bem casado.

— Ah! — Ela balançou a cabeça devagar e esticou a mão sobre a mesa, palma para cima. Ele encostou palmas com ela. — Sem aliança, nem mesmo tem marca de anel.

— Somos um casal diferente.

— Que idiotice! Toda mulher gosta de anéis e alianças... — Ela arregalou os olhos e depois apertou. — Entendi. Ela usa e você inventou uma bobagem qualquer dizendo que te incomoda. É isso, não é?

— Somos especiais, pode acreditar — Como ela ainda parecia incrédula, ele ficou de pé, sorriso impossivelmente charmoso no rosto. — Na verdade, talvez possa me ajudar.

— Duvido. Sou péssima mentindo, nunca aprendi a blefar.

Ele tirou a caixinha de veludo preto do bolso e colocou aberta na mesa em frente a ela. — Acha que escolhi bem? — Ela piscou, o rosto enrubesceu, mas ficou muda. Era um *straight flush*, todas as fichas em uma jogada de risco. — Tentador?

— Nossa!... — Ela murmurou ainda congelada, olhos grudados nos anéis brilhando ao sol da tarde.

Ele considerou a aposta ganha, guardou a caixinha de volta no bolso e achou graça que ela pareceu triste. — É para mais tarde — Ele disse. — Noite especial para um casal especial.

Ficaram se namorando em silêncio por alguns segundos até que ela se recompôs do susto e da emoção.

— Me dá sua mão de novo? — Pediu e virou a mão dele. — Puxa, essa linha da vida é comprida... — Ela debochou correndo o polegar sobre qualquer linha da palma. — Mas a linha do amor me parece interrompida em vários pontos.

Ele já sentia um comichão lhe correr o corpo, adorava como ela flertava lindamente, tão provocante e tão sutil. Linda, sua mulher. — A vida nem sempre é gentil conosco.

— Ah, não! — Ela sorriu. — A linha da vida é essa — Ela apontou para

qualquer lugar na palma do namorado bonitão, só por graça. — Parece que vai viver uns mil anos, que nem Matusalém. A linha do amor é essa — Ele balançou a cabeça, olhos na própria palma. — Outra coisa...

Lá vinha o sorrisinho diabólico que ela lhe dava logo antes de fazer alguma coisa impossivelmente sensual, como impedi-lo de usar as mãos quando sentava nele, ou morder seu rosto todo antes de enfiar a mão na sua calça. — Ai — Ele reclamou quando ela apertou a almofadinha da sua mão bem rente ao pulso.

— Aqui diz quantos filhos você vai ter na vida, cada bolinha que aparece é um rebento. Com esse tempo todo para viver e essa linha do amor tão alquebrada...— Ela o manteve atento aos seus olhos, sabia que ele gostava quando ela falava assim. Mas quando abaixou os olhos para ver o que estava apertando, soltou a mão dele como se tivesse levado um choque de mil volts. — Credo.

— O quê? — Ele franziu o rosto.

— Nada — Ela sacudiu a cabeça, tomou mais um pouco do cappuccino intragável e levantou. — Vou indo. Muito prazer.

— Prazer foi meu — Ele levantou também. — Posso te acompanhar?

Ela sacudiu o dedo e andou na direção de onde tinha estacionado o carro dele.

Ele sacudiu a cabeça vendo-a rebolar a bunda bonita sem saber por que ela tinha ficado tão incomodada com as sete bolinhas que apareceram no pulso dele.

Manhãzinha e ele estava sentado na cozinha, cotovelos no tampo da mesa, mãos na cabeça; olhava para o celular sem piscar tentando achar força na luz que o amanhecer trazia. Iriam embora dali a dois dias, não havia mais como adiar.

— Oi.

— *Oh, oi! Quem é vivo sempre aparece!*

— Pois é... Como vai?

— *Bem! Até o queixo com trabalho e dilemas pré-adolescentes. Anos para o Enem e já estamos sofrendo! Você?*

— Conheci alguém — Ele prendeu a respiração. — Ela é linda e inteligente, estou apaixonado.

— *Que bom.*

— Estamos grávidos.

Silêncio.

— Aconteceu, ainda tenho espermatozoides capengas, muito poucos. Ela é jovem. Aconteceu — Ainda silêncio. — Não planejamos. Até pensei em oferecer a ela algum tratamento no futuro — Ele engoliu as emoções lhe subindo na garganta. — Estou fazendo as pazes com a dor. De vez por todas. Por isso estou te ligando.

— *Bom para você* — A ex-mulher dele disse com voz embargada. — *Para nós dois.*

— Você me ligou quando decidiu ter outro filho. Achei que ia querer saber.

— *Obrigada* — Ela pausou. — *Mas eu não me casei de novo.*

— Eu sim. Vou ter uma esposa oficialmente. Logo.

— *Desejo tudo de bom.*

— Tem notícias da criança que recebeu o coração dela? Como está passando?

— *Não desde que se mudaram. Combinamos de não incomodá-los, lembra?*

Ele balançou a cabeça. — Não vou traí-la, vou ter gêmeos. Dois meninos — Ele parou. — Idênticos.

— *Uau...* — Ela fungou. — *Tenta dormir enquanto pode. Não vai ter esse luxo nos próximos vinte anos.*

Ele riu baixinho, o peito ardendo. — Alguma dica?

— *Seja feliz. A gente merece.*

Ele fungou também e sentiu uma mão delicada no seu ombro, depois o cabelo dela tocando suas bochechas e, logo, o queixo de sua Abi estava apoiado no topo da sua cabeça. — Estou feliz — Ele pegou a mão dela e beijou a palma, os anéis pesando no dedo delicado. — Muito feliz.

Mulher-Gato & Doutor

Terra da Chatice

— Vamos lá... — Ela disse para si mesma em silêncio. — Negro, altura mediana, bem-humorado, educado, tem profissão e emprego bom... Isso já deve bastar para achar uma boa namorada para ele. — Os olhos dela focaram no tal homem dormindo ao seu lado e ela suspirou. Dois anos namorando o mesmo cara, pelo menos um, achando desculpa para adiar o término: inverno, verão, muito frio para dormir sozinha, muito quente para ir à praia sozinha, festa de família, casamento de amiga...

Ela suspirou. Parecia que sua vida estava em compasso de espera, nada nunca acontecia. Quase um ano desde que os comerciais de pasta de dentes começaram a passar na TV e fora o blog de moda, não tinha muito trabalho. Ela culpava o contrato de exclusividade bianual que teve que assinar se convencendo de que a grana na poupança valia a pena o tempão fora das agências de modelo. O blog pagava as contas, especialmente depois que a blogueira teve que reconhecer que usava uma modelo nos tutoriais de maquiagem, o cachê ficou maior, mas era um trabalho chato que de bom só lhe dava amostras de produtos caros.

Seu telefone zumbiu na sua mão com um torpedão da própria blogueira adiando a gravação daquele dia. — Ah, putz... Outro dia na Terra da Chatice. — Ela apertou os lábios e voltou à tarefa de achar uma namorada nova para o namorado, seria mais fácil dar o fora nele se ele tivesse outra pessoa; ela se sentiria menos culpada. Uma morena bonita, cabelo em camadas na altura do ombro, franjão, sorriso doce, trabalhava viajando como ele. É, ele ia gostar, mas... Ah, não! Ocupada no Tinder. — Desculpa aí, queridão, essa já tem dono. — Será que seria mais difícil achar alguém para ele do que para ela?

Vencida por hora, muito agitada para ficar na cama com um cara que ela chamava de namorado e deixava dormir como uma pedra ao seu lado quando ele aparecia uma ou duas vezes no mês, ela decidiu sair para correr.

Dentes escovados com pasta vermelho brilhante que ela não fazia propaganda na TV, roupa de ginástica, tênis, monitor cardíaco, radinho... Espera. Ela poderia tentar ser valente e aventureira e irresponsável: sem música, sem pulseira de identidade, sem chaves. Seus pensamentos estariam livres para voar, ela seria uma Zé Ninguém por uma hora e quando voltasse para casa, seu futuro-ex-namorado estaria esperando de qualquer maneira. Ele sempre estava.

Vacilando entre vibrante e aterrorizada, ela correu mais rápido algumas vezes com um sorriso idiota na boca, e mais devagar franzindo a testa preocupada em cair e se quebrar toda quando não tinha nada que a identificasse. Sem telefone, relógio, nada, ela correu por uma hora e meia, endorfinas rolando solta nas suas veias e, ao voltar para casa, ela sentia vontade de rir à toa. De repente, ouviu um miado bem baixinho.

Olhou para a esquerda, para a direita, andou poucos passos para frente e achou dois gatinhos dentro de uma jardineira. O vaso era alto, eles eram mínimos, alguém deve tê-los colocado ali... Pobrezinhos!...

— Oi para vocês dois... — Ela disse chegando perto, os gatinhos se encolheram para longe da mão dela. — Não fiquem com medo, gatinhos... Não sou chegada a gatos, mas posso ajudar... — Ela tentou alcançá-los, mas eles choraram de puro medo. Ela apertou os lábios com pena e sacudiu a cabeça. — Que dia para dar uma de *Mulher Maravilha* e sair de casa sem dinheiro, não posso nem comprar leite para vocês... — Ela olhou de um lado para o outro tentando achar ajuda, mas era muito cedo pela manhã, não tinha nada aberto ainda. — Ah! O veterinário no final da rua sempre abre cedo. Vem, vou dar uma carona para vocês.

Com muito cuidado, ela pegou primeiro a bolinha de pelo cinza, depois, a marrom com rajadas pretas como um tigrinho e quando abriu a porta de vidro do veterinário com o traseiro, os gatinhos já tinham parado de chorar.

— Oi? — Ela disse alto na recepção vazia. — Tem alguém aí?

— Sim? — Apareceu a cabeça dele de trás da parede do fundo, testa franzida.

— Ah, oi, bom dia! — Ela sorriu, ele balançou a cabeça piscando várias vezes. — Acabei de achar esses gatinhos dentro da jardineira alta lá no início da rua, em frente ao prédio grande com um monte de apartamentos, sabe qual? — Ele balançou a cabeça de novo. — Então, trouxe para você. — Ela estendeu as mãos, os coraçõezinhos dos gatinhos batendo tão forte que dava para sentir nas palmas.

— Não tenho clientes por agora.— Ele limpou a garganta e checkou o relógio. — Posso examiná-los para você. Mas para as vacinas, vai ter que marcar consulta com minha secretária e ela vai chegar tarde hoje.

— Não! — Ela riu. — Trouxe para você! — Ela sorriu, ele sacudiu a cabeça. — É o veterinário, não é? Ou só trabalha aqui?

— O veterinário sou eu, sim.

— Dr. Frajola?— Um risinho escapou dela. — O gato de jaleco desenhado na vitrine?

— Poderia ter sido Dr. Rex, mas tenho pouco vidro e o dinossauro é grande.

Ele disse sério, mas ela riu. Estava de bom humor, tinha sido uma corrida ótima, estava fazendo uma boa ação danada de boa e quando chegasse em casa ia terminar com o queridão. — Então, Doutor, salvei os gatos para você.

— Isso aqui não é um abrigo. — Ele levantou da cadeira e cruzou os braços no peito. — Não acolho bichos abandonados.

O rosto dela derreteu. — Ah, não... — Ela olhou para os gatinhos adoráveis nas suas mãos, eles piscaram e o cinza bocejou. — O que faço agora? Não posso levar de volta, está frio...

— Fica com eles.

Ela se assustou. — Não posso!

— Tem alergia?

— Huh-huh. Só minha mãe, ela tem alergia a tudo!

— Isso é um problema.

— Moro sozinha.

— Então não é problema. — Ele torceu a boca. — Outros bichos?

— Não.

— Bichos de estimação são proibidos no seu prédio?

— Não.

— Resolvido. — Ele deu de ombros.

Os três tinham a mesma expressão: testa franzida, lábios comprimidos, incerteza nos olhos felinos. Ele tinha notado os olhos dela assim que viu o rosto bonito da garota bonita, eram lindos, brilhantes, cheios de vida e travessura.

O rabo de cavalo comprido chicoteou os ombros dela enquanto ela sacudia a cabeça. — Não posso. — Esticou os braços de novo.

— Parecem saudáveis; posso examinar para você de graça. Hoje você dá leite. Não é o indicado, mas deve ter em casa. E passa o dia no Goodle, amanhã vai saber tudo que tem que saber para criar Persas.

— Minha tia tem uma Persa, meus pais tiveram uma...— Ela levantou as mãos para trazer os dois para o nível dos seus olhos. — Eles têm pedigree ou coisa assim?

— Não tenho como dizer, mas parecem ser puros. Vão te fazer companhia por uns quinze anos no mínimo. Quietos, amigáveis, limpos, adoram

os donos. — Ele apertou um sorriso vendo o tormento claro nos olhos tão bonitos. — Vem, me deixa examinar.

Eram duas meninas, provavelmente irmãs porque tinham a mesma idade. A cinza ia escurecer a cor um pouco, ele disse; a dourada tinha pelo perfeito. Tinham sido bem cuidadas até então, desmamadas, dentinhos em ordem, pareciam estar com fome e já gostavam dela porque não paravam de chamar toda vez que ele tirava uma dela para examinar na grande maca de inox. Orientou do que esperar de gatinhos recém-adotados, o que precisaria providenciar: ração de bebê por causa das vitaminas, liteiras, banhos eventuais e escovação diária, possível esterilização, vacinas e vermífugos, tela nas janelas.

— Rede nas janelas é um horror. Parece prisão. Odeio.

— Tem gato que abre janelas de correr.

— Quais? Gatos ninja? — Debochou. — Essas são Persa, certo?

Ele deu de ombros. — Já vi acontecer.

Ela suspirou. Muita coisa complicada para ela. — Olha, são fofas e tudo, esses olhos azuis e patinhas, mas como vou cuidar de outro ser além de mim? — Os olhos dela estavam tristes. — E dois gatos de uma vez!

Ele levantou os ombros enquanto lavava as mãos, enxugou, passou os dedos nos caracóis longos para tirar dos seus olhos e sorriu. — Vai ver é destino.

— Hein?

— Gatos são boa companhia.

— Pareço jogada fora? Tenho namorado. — Tipo. — E você nem me conhece! — Ela ralhou.

— Ficaria surpreso se estivesse jogada fora, é uma mulher bonita. — Ele coçou a barba cheia, ela corou.

Aqui, caro leitor, é sua chance de escolher os nomes. Veterinário gato, modelo gata, relacionamentos falidos abrindo espaço para novos desabrocharem. Entendeu? Fique à vontade para assumir o lugar dessas pessoas nessa cilada do destino.

— Só estou dizendo que gatos são ótimos bichos de estimação, é reconfortante ter esse amor. — Ele sorriu.

— Obrigada. Acho. — Ela fez bico. — Mesmo assim. — Cruzando os dois braços sobre a maca, ela apoiou o queixo nas mãos; as duas gatinhas escorregaram para perto do rosto dela e deitaram. — Não posso colocar vocês de volta na jardineira. Seria crueldade.

— Miau...

— Poderia tentar achar crianças para adotarem vocês... — Ela pensou

alto. — Crianças podem ser cruéis também, colocar fogo nos seus rabinhos, dar chocolate e tal...

— Eu amarrava latas de refrigerante no rabo da gata da minha mãe. Era uma gata gorda grande, Persa também, velha e muito ranzinza.

— E como virou veterinário? — Ela perguntou horrorizada.

Ele riu baixinho. — Consciência pesada. É o que minha mãe diz. — Ele se virou e entrou em uma porta escura no fundo, logo voltou com uma caixa e jornais. — Aqui, me deixa ajudar vocês com uma cama. Em casa, você coloca uma camisa velha sua e um bichinho de pelúcia que algum namorado te deu, de preferência um de braços compridos como um macaco ou coisa parecida.

Assim que ele arrumou a caixa, as duas gatinhas pularam para dentro miando, mas a garota bonita ainda estava indecisa.

— Vai abandoná-las na esquina, não vai?

— Não... — Ela franziu o nariz.

— Te levo em casa para ter certeza. Você não me inspira muita confiança.

Ela arfou de raiva.

Silêncio os acompanhou pelos dois quartos do consultório dele até a porta do prédio dela. Lá, ela pegou a caixa dos braços dele e olhou das gatinhas para o prédio alto com olhos tristes.

— Você tem olhos de gato. — Ele disse incapaz de parar de admirar.

— Eu sei. — Ela piscou. — São minha profissão no momento. — Ele franziu a testa. — Sou modelo, basicamente de tutoriais de maquiagem ultimamente.

Ele balançou a cabeça. — Bem, estão entregues. A gente se vê por aí.

— Tchau. — Ela viu o veterinário gato de cabelo selvagem meio encaracolado e barba farta ir embora e pensou na cilada que o destino tinha lhe trazido.

Havia um bilhete na porta dizendo que o futuro-ex-namorado tinha ido embora, mas como tinha visto o chaveiro de corrida na mesa, tinha deixado a chave com o cordão comprido sob o tapete. — Ele deixou um bilhete dizendo para o ladrão onde encontrar a chave, não é fofo? — Ela perguntou e as gatinhas miaram. — Bem-vindas, meninas, ao lugar onde nada acontece! Aqui, vocês podem achar um cantinho para deitar e deixar a vida todinha ir embora. — Ela colocou a caixa no chão e chutou a porta para fechar. — Tinha esse cara, vocês podem sentir o cheiro dele por aí, mas ele já era – não oficialmente, mas vai ser hoje ainda, por telefone até. Talvez venha aqui para pegar as tralhas dele, mas vamos ser só nós, gatinhas. — Se jogou no sofá. — Oba!

— Miau.

— Miau.

— É isso aí, miau.

A primeira semana vivendo um relacionamento poligâmico não foi fácil. Tinha o fim de namoro, as noites choramingando, lágrimas, adaptação à liteira e a comida com cheiro esquisito, mas elas conseguiram. “Sal” e “Pimenta” lhe deram força e coragem para superar o fim do relacionamento falido e razão para voltar para casa correndo depois do trabalho. Elas gostaram do seu seriado de TV favorito sobre zumbis, e não cochilaram nem uma vez assistindo emboladas na cama o especial de final de temporada de duas horas. Mas elas eram trabalho duro.

Ela ainda estava tendo dificuldade de dar conta da comida dela, da comida das gatas, limpar, escovar, treinar usar a liteira e em uma hora particularmente enrolada, a campainha tocou.

— Doutor!

— Oi. — Ele apertou um sorriso.

— Que luxo, consulta em domicílio! — Ela saiu da frente da porta para ele entrar. — Demorei para atender ao interfone, desculpa. Tivemos um problema com leite na cozinha.

— Beleza. — Ele se equilibrou nos calcanhares, mãos nos bolsos. — Só queria checar como estão as gatas. Você não marcou as vacinas.

Ela franziu o nariz. — Deveria, né?... Sou uma pessoa horrível, mas tenho tido muito trabalho e vivo correndo de um lado para o outro. Na verdade, estou de saída.

— Poderia ter trazido comigo, mas não tinha certeza se você ia preferir ir a outro consultório, ou se já tinha dado.

— Huh-huh. — Ela sacudiu a cabeça, pulou sobre uma das gatinhas que chegou perto dele para cheirar enquanto a outra dava bote na cortina e a voz dela veio do outro quarto. — Se eu puder pagar e se estiver disponível, vou querer. Obrigada.

— De nada.

— Mal te conheço, mas você está aqui na minha casa e, por favor, pode me ajudar? — Ela voltou para a sala onde ele estava agachado para alcançar as gatas e abanou o braço esquerdo impotentemente, a camiseta preta enrolada sob os seios, top de ginástica aparecendo.

— Quer uma vacina também?

— Não. — Ele virou as costas para ele. — Você me fez ter gatos e o risco é imenso.

Ele começou a levantar a camiseta e ela se retorceu. — Nossa! Que

queimadura feia! — Ele tirou a camiseta dela com cuidado e se inclinou para examinar a ferida.

— Estava tentando cozinhar ontem à noite, mas elas ficaram nos meus pés e eu me abaixei. Nem me pergunte como consegui encostar a parte de trás da axila na frigideira que estava no fogão. — Ela se torceu para olhar a linha vermelha com uma bolha amarela. — Consigo alcançar para passar a pomada, mas não consigo fazer um curativo decente.

— Eu faço. — Ele pressionou a área em volta e ela deu um passo para longe dele.

— Ai, isso dói! Você nem é médico de verdade, é só um veterinário. — Ela debochou.

— Você é parte gato, posso tratar você.

— Não sou, não. Sou 100% humana! — Ela franziu a testa.

— Tem olhos de gato, e os olhos são a janela da alma.

Ela sorriu, ele era fofo e bonito.

Enquanto ele cuidava da ferida e ela reclamava de dor, eles conversaram sobre histórias tristes de animaizinhos feridos e quando ela se trancou no quarto para se trocar, eles tinham uma semi-intimidade confortável.

— Esse apartamento não parece de uma especialista em maquiagem — Ele levantou a voz olhando em volta da sala e cozinha pequenas.

— Não sou. — Ela disse e explicou do contrato com a blogueira famosa que foi desmascarada no Zwitter e teve que admitir que usava uma modelo. — Também não sou uma amante de gatos e olha só! — Ela apareceu na porta com um vestidinho camuflado e botas pretas. Ele riu baixinho. — Tenho que sair de novo. — Ela se ajoelhou no chão e abaixou o rosto para as gatinhas lhe darem lambeijinhos de até logo. — Por favor, se comportem dessa vez. — Ela coçou a cabeça das duas. — Podem fazer isso por mim?

Ela trancou a porta e fez o sinal da cruz, ele riu. — Elas são impossíveis! Ontem, eu as achei trancadas no armário do banheiro. — Ela corou. — Destruíram tudo. Sabonetes, absorventes...

Ele ainda estava rindo. — Você as deixa sozinhas sempre.

— Tenho que trabalhar... — Ela queria controlar o sorriso, mas ele levantou as sobrancelhas a encorajando a falar. — Fui convidada para fazer teste para um papel muito bacana!

— Conseguiu?

— Ainda não. Mas acho que tenho chance porque me pediram para voltar amanhã de manhã. É um seriado de *streaming*, produtores conhecidos na internet... Estou muito animada! — Ele respondeu o sorriso dela. — Mas se conseguir, elas vão ficar mais sozinhas ainda.

— Seu namorado não pode ficar com elas?
— Ex. Não quero ele aqui.
— Por causa de Sal e Pimenta?
— Que terminamos? — Ela perguntou, ele balançou a cabeça. — Não, um ano tarde demais na verdade.
— Ah...
— Então, passo lá amanhã de tarde para as vacinas, ok, Doutor?
— Beleza.
— Elas vão sofrer? — Seus olhos ficaram tristes e caíram um pouco nos cantos.
Ele queria esticar a mão e fazer carinho no cabelo longo. — Não sei, Mulher-Gato. Alguns gatos ficam moles, outros nem se dão conta. Vou fazer o possível para Sal e Pimenta terem o melhor.
— Obrigada de novo.
— Boa sorte amanhã.

Ele desenhou uma estrela bem discreta no calendário de papel da sua mesa para não esquecer quando ela voltaria com as gatas para a segunda vacina, por semanas manteve a marquinha vermelha sob vigilância. Claro, ele sabia onde ela morava e poderia aparecer sem avisar, mas isso seria muito audacioso, era melhor esperá-la vir até ele. Para sua surpresa, ela veio uma semana antes.

Ruiva, olhos arregalados, rosto molhado de lágrimas, desarrumada.

— Por favor, me ajude! — Ela soluçou segurando a gata marrom pela barriga com as duas mãos, as patinhas esticadas para frente. — Por favor, pega, fica com ela! — Ela estendeu a gata que também estava de olhos arregalados.

Ele piscou, sua sala de espera latindo em protesto contra a interrupção do atendimento. — Calma. — Ele pegou a gata que chorou infeliz por ter sido tirada das mãos da dona. — Vem. — Abraçou a garota pelos ombros e a sentou no seu consultório particular. — Quer água? Café? — Ele ofereceu baixando a voz para ficar mais grave e suave.

Os ombros dela sacudiram, ela chorou e tentou falar, mas não conseguiu. A gatinha curiosa e cuidadosamente cheirou o que pôde em volta: armários de remédios, mesa, maca.

Encostado na mesa, ele pegou a mão dela entre as suas e pressionou com carinho. — Calma, não tem pressa. — Ela ainda soluçava, aqueles olhos felinos desesperados e cheios de lágrimas. — Quero te ajudar, mas precisa me dizer o que houve.

— Sal. — Ela soluçou. — Cheguei em casa e ela não veio falar comigo, só Pimenta. Eu chamei, mas ela não veio e eu procurei no banheiro... — Ela soluçou. — Na cozinha... Ela não estava em lugar nenhum. Daí, eu olhei pela a janela...

— Ah... Ela caiu?

— Não sou capaz de ter gatos, te falei isso! — As lágrimas eram mais grossas.

— Eu vi redes nas suas janelas.

— Coloquei, custou caro... — Soluçou. — Até mais barato do que eu esperava, mas mesmo assim... Economizei no banheiro e na cozinha porque as janelinhas são tão pequeninhas, achei que não precisava.

— Ela também.

— Sou uma pessoa horrível, está vendo? Deixo elas sozinhas o tempo todo, esqueço de limpar a liteira, eu...

— Você é uma dona sem experiência, vai se acostumar.

Os olhos felinos arregalaram ainda mais, ela sacudiu a cabeça veementemente fazendo uma nuvem ruiva quase esconder seu rosto. — Não posso ficar com a outra!

— Ela é sua. — Ele apontou para a gatinha encostada nos pés dela. — Ela nem fica longe de você.

— Mas eu consegui o papel, os horários de gravação são uma loucura... — Ela ofegou e seu corpo todo tremeu com uma ideia terrível.

— O quê? — Ele ficou de pé pronto para defendê-la de qualquer perigo.

— Você acha que o meu ex pode ter jogado Sal pela janela?

— Ele é esse tipo de pessoa? Você estava em perigo, ele te ameaçou ou atacou alguma vez?

— Não, ele é um amor. — Ela mordeu o lábio. — Por que ela ia pular?

— Talvez ela só tenha caído. Gatos são curiosos, ela pode ter estado lá antes ou queria ver o que tinha lá fora, se você estava chegando.

— É tudo minha culpa, não é? — Os olhos se encheram de lágrimas de novo. — Seria mais fácil se a pessoa horrível fosse ele.

Ele riu e tirou o telefone do bolso. — Liga para ele. — Depois, se chutou vendo-a ser confortada por outro homem usando seu próprio telefone na sua própria sala. Ao menos ficou aliviado a ouvindo dizer que não queria que o cara viesse para ajudar.

— Ele não esteve aqui, está fora da cidade. — Ela devolveu o telefone.

— E ele te acalmou.

— É bom saber ao certo que não namorei um gaticida. — Ela piscou, ele concordou. — Ele não deixa de ser um assassino; come carne, qualquer tipo, é

um defeito grave. Mas ele não é tão cruel a ponto de jogar um gato pela janela.

— Vegana?

— Vegetariana.

— Eu também.

— Verdade? — Um sorrisinho fraco escapou dos lábios dela.

— Parabéns pelo papel. — Ele apontou para o cabelo ruivo.

Ela concordou. — Obrigada. — Suspirou, limpou os olhos com os dedos e levantou com as pernas fracas. — Vai achar uma casa boa para ela, não vai?

— A casa dela é onde você está. — Os dois olharam para baixo e a gatinha estava olhando para cima com olhos azuis arregalados. — Vai precisar de rede nessas janelas, só isso.

— Mas ela vai ficar sozinha...

— Talvez deprimida, pode ser preocupante, você tem que se preparar. — Ele tentou usar um tom de voz mais carinhoso que profissional. — Pode perder o apetite, precisar ser alimentada como um bebê, tente comida úmida.

Ela torceu o nariz. — O cheiro de cadáver podre é horrível. Estivemos experimentando comida caseira vegetariana para elas. — Fungou.

— Gatos são carnívoros, Mulher-Gato. Precisam de taurina, não conseguem sintetizar sozinhos. Dá mais certo com cachorros. — Não queria contradizê-la em nada, mas tinha que dizer a verdade. — Continua dando o que ela está acostumada, não é hora de fazer mudanças radicais. Se ela ficar olhando triste para a porta esperando a companheira voltar, tente consolá-la. — O olhar que recebeu de volta cortou seu coração. — Treina ela, Mulher-Gato. Vocês são da mesma espécie, não são? — Tentou fazer graça.

— Estou destruída e ela vai sentir falta da irmã e...

— Vou te ajudar. — Ele segurou a mão dela de novo. — Vou passar lá sempre, logo de manhã ou quando fechar aqui. Ou depois da sua corrida, passa para me pegar.

— Por que faria isso por mim? — Ela piscou, olhos ainda vermelhos e inchados. — Você tem outros clientes.

— Me sinto quase responsável, te convenci a ficar com elas. — Ele apertou um sorriso que foi praticamente escondido pela barba cheia.

Ela balançou a cabeça sorrindo fraco e pegou a gata com a mão livre. — Está falando sério, não está?

— Passo lá amanhã, eu prometo. Levo umas caixas, podemos fazer uma casa para ela brincar.

Com um rápido aperto, ela soltou a mão dele e se virou para sair, mas parou e olhou para ele de novo. — Acha que faço um funeral, Doutor? — Os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Qualquer coisa que te traga consolo. — Ele levantou as sobrancelhas.
— O que seu coração quer?

Morrer, ela pensou. Olhou a gata na mão e deu de ombros.

Sal foi enterrada na jardineira onde havia sido encontrada. Já eram mais de dez da noite quando ela saiu de casa com uma caixa de sapatos debaixo do braço e o zelador armado com suas ferramentas de jardinagem. Mas o que trouxe conforto para a garota e a gatinha foi a maratona da primeira temporada dos zumbis na cama naquela noite, doze horas ininterruptas, as duas bebendo leite morno com baunilha, algumas lágrimas as escapando de vez em quando.

Ele manteve a promessa, mas antes de aparecer no dia seguinte, ela foi acordada por um construtor querendo subir com uma equipe para instalar redes nas janelas pequeninas. Era primo dele, recusou pagamento, sorriu simpático. — É coisa de família. — Ele disse. Ela corou.

Aquela noite, quando ele chegou perto das nove, ela tentou pagar, mas ele só sacudiu a cabeça e sorriu.

— Tem que haver uma maneira de retribuir. — Ela argumentou e corou.
— Não com sexo, não foi isso que eu quis dizer.

Ele riu baixinho. — Claro que não. — *Que pena*, pensou segurando firme a gatinha para dar a vacina.

— Que isso? — Ele perguntou uma noite, alguns dias depois. — Tigresse? — Segurou a coleira com a plaquinha antes que a gata escapasse para se esconder embaixo da cadeira.

— Sim, decidimos por outro nome. Somos osso duro, mulheres fortes, guerreiras. Tigresse! — Ela disse mostrando os dentes e o bíceps, a gatinha também mostrou dentinhos brancos. — Viu? E a coleira azul Tiffany fica linda no pelo dela.

— Entendi. — Ele sorriu de lado. Parecia que as guerreiras não iam precisar do apoio dele, afinal de contas. — Vem, Tigresse.

— Tig.

Ele olhou para ela e de volta para a gata. — Vem, Tig. Não tenho vacina nenhuma hoje. — Ele mostrou as mãos. — Juro. — A gatinha ainda se esquivou dele.

— Não tem jeito, você é o malvado! — Ela riu. — Deve ser a barba!
Ele levantou as sobrancelhas. — Te incomoda também?

— De maneira nenhuma. — Ela ainda estava sorrindo. — Para Tig é uma ameaça. O homem barbudo está sempre espetando e beliscando ela!

Penteando a barba com os dedos, ele a observou se mover na cozinha pequena. — A gente decidiu pela barba juntos, é para ser uma coisa da banda.

— Você tem uma banda? — Ela sorriu olhando para ele enquanto abria o forno com cuidado.

— Deixa que eu faço, não queremos que você se queime de novo. — Ele tirou a bandeja e colocou na mesa enquanto ela ligava o telefone na caixa de som e a voz de Seu Jorge encheu o pequeno *flat*. — A gente toca junto desde moleques, paramos por um tempo por causa da faculdade, alguns se casaram, filhos, trabalho.

— São bons?

Ele sorriu. — Gosto de pensar que sim, somos bons *pra caralho*. — Seus olhos foram para a bandeja cheirosa. — O cheiro é ótimo.

— Miau.

— Ela também acha. — Ele olhou a gatinha no chão, e como seus caracóis caíram nos olhos, ele empurrou para trás com os dedos e olhou de volta para a bandeja salivando.

— Antepasto de berinjela. — Ela lhe deu uma fatia de pão. — Fica melhor quando é de véspera, mas passei o dia no estúdio ontem. Quando o azeite tem tempo para curar, fica divino. Infelizmente, não consegui fazer antes. — Ele mordeu um pedaço grande, olhos fechados. Ela observou o Doutor gato pensando que ele ia parecer bem novinho se não fosse a barba. — Gosta?

— Perfeito. — Ele mordeu de novo equilibrando um pedaço de berinjela na torrada. — Me conta do seriado, já está no ar. Posso assistir?

— Ainda não. Vai ser que nem um seriado de TV, só que para *sites de streaming*, por isso pude fazer. — Ela mordeu sua torrada com antepasto e ele rodou a mão para ela continuar. — Tem esse comercial de pasta de dentes que eu fiz...

— Eu sei. — Ele engoliu. — Uso a marca que você diz que é mais saudável.

Ela sorriu quase como fazia no comercial. — Obrigada, eu acho. Para esse trabalho tive que assinar um contrato de exclusividade por dois anos, não posso fazer nada de mídia comercial aberta enquanto a campanha estiver no ar. — Ela mastigou por um momento. — O *set* de gravação é tão bacana, a equipe é o máximo e os cenários!...

Comida vegetariana, boa companhia, uma garota muito bonita... Ele se divertia muito quando a visitava com a desculpa de ajudar a lidar com um único gatinho e a dor da perda do outro. Enquanto ele comia, percebeu que poderia

facilmente fazer isso todo dia.

— ... Quer?

Ele sacudiu a cabeça. — O quê?

— Visitar o estúdio amanhã. — Ela corou. — Para ver a gravação?

— Que horas?

— Mmm... Quatro? — Ela levantou as sobrancelhas. — Mais ou menos.

— Talvez mais tarde, por volta das seis. — Eles sorriram um para o outro. — E, depois, você vem no meu show. Adoro ter fãs bonitas.

Terra dos Sonhos

Vê-la trabalhar era uma surpresa interessante para ele que tinha uma queda pela garota bonitinha desde que a viu andando pelo bairro, depois a achou fazendo propaganda de pasta de dentes na sua TV e, de repente, dentro do seu consultório. Mas a garota de verdade era diferente da do comercial; mais doce e arredia, infantil algumas vezes, inconsequente e ingênua quase que irresponsavelmente.

Trabalhando ela era o que queriam que ela fosse. Ele ficou de pé nas sombras encostado na parede do estúdio enquanto o diretor a dizia para ficar feliz ou triste ou desconfiada, e ela respondia, argumentava sua opinião, estava se divertindo, ele notou. Tinha uma diferença óbvia em vê-la representar ao vivo e no monitor; ela iluminava a tela, era fotogênica, bonita, charmosa, adorável.

Na pausa, ela mostrou como a edição dos episódios já gravados estava ficando, o primeiro quase a ponto de ser liberado e, por fim, o *teaser* que iria ao ar naquela noite. Ela estava muito animada.

— Vamos comemorar no meu show mais tarde. — Ele sorriu. — Vai comigo?

Ela franziu o narizinho bonito. — Acho que vai atrasar aqui. Te encontro lá?

Ela não conseguiu chegar, a gravação atrasou demais. Já era o intervalo e ela ainda não tinha chegado ao bar, ele estava frustrado e triste. Quando os caras saíram do palco para tomar alguma coisa ou ir ao banheiro, ele bebericou sua cerveja e brincou de tocar uma das músicas de Seu Jorge que tinha ouvido na casa dela encostado em um banco alto com o baixo apoiado na virilha pensando na garota bonita que não tinha vindo.

Os caras voltaram, os “Straits & Stones” recomeçaram o show, a noite seguiu até que, perto do final, ele percebeu movimento no fundo do bar. O *barman* pulou o balcão e empurrou um homem alto para a porta, a banda parou e acenderam as luzes.

— O babaca colocou uma bolinha no copo de uma garota; ela viu e me avisou. Vamos dar uma salva de palmas para ela não nos marcar no Zwitter como um lugar de merda para garotas. — Ele apontou para o fundo, todos aplaudiram. — Vamos lá, pessoal. Toca aí, porra! — O *barman* gritou levantando as mãos e voltando para onde tinha saído.

O coração do Doutor estava batendo acelerado.

O dela descompassado na garganta. — Obrigada pela vergonha. — Ela

resmungou para o *barman*, as bochechas pegando fogo.

— Não ia deixar aquele cara ficar aqui, não quero esses merdas no meu bar. — Ele ofereceu um chope novo. — Por conta da casa.

— Obrigada. — Ela apertou um sorriso sem graça e seus olhos voltaram para o palco pequeno onde estava o Doutor quase irreconhecível. Camiseta sem manga, *jeans* velho, um baixo grande, rabo de cavalo no alto da cabeça tirando o cabelo dos olhos – não um penteado de mocinha, arrumadinho, mas um rabo de cavalo bagunçado masculino de um cara que não quer ser distraído enquanto faz uma coisa que ele gosta. E tatuagens! Os bíceps eram cobertos de *tattoos*, grandes que ela não conseguia distinguir de longe. Uau!

— Somos todos amigos aqui, desde sempre. — O *barman* disse. — Os caras tocando são meus amigos de escola.

— Mesmo?

— Sim. Você é nova por aqui.

— O baixista — Ela apontou para ele, os olhos dele nela enquanto tocava “*Sultans of swing*” — Ele é veterinário da minha gata.

— Ah! — O *barman* balançou a cabeça. — Aproveita o show.

Ela aproveitou. Eles tocavam bem, ótima seleção de músicas, bar legal, gente bonita, Doutor gostoso. Ela estava cansada do dia gravando e da excitação de já ter seu trabalho novo no ar, apesar de ser apenas um curta, os produtores eram famosos e as visualizações subiam a cada momento. Cansada, animada, surpresa, excitada pela real identidade do Doutor... O dia resumia o que tinha sido seu último mês: de marasmo total para tudo acontecendo ao mesmo tempo.

A última música terminada, as luzes acenderam perto do palco, ela pulou do banco alto, arrumou o cabelo e foi falar com ele. Infelizmente, as diversas fãs sentadas pertinho do palco tiveram a mesma ideia e quando ela chegou, ele já tinha uma mulher colada no seu braço. Quebrou o coração dela.

Um simples aceno foi tudo que ele recebeu antes que ela chegasse à porta.

— Espera! — Ele segurou a garota pelo braço já na calçada.

— Ai, caramba! — Ela pulou assustada. Se olharam por longos momentos, para ela era como se tivesse acabado de conhecê-lo. — Oi, parabéns!

— Pensei que você não vinha.

— A gravação foi atrasada para esperar o episódio entrar no ar. — Ela sorriu. — Já tenho cem novos seguidores no Fotogram.

— Isso é bom, né?

— Muito. — Ela riu e, sem jeito, desviou os olhos. — Parabéns. — Repetiu. — A banda é muito legal.

— Obrigado, mas não gostou, né? Está indo embora.

— Você está ocupado, estou cansada...— Ela levantou as sobrancelhas.
— O Seu Jorge foi muito legal, eu adorei.

— Era para você. — Sua mão deslizou pelo braço para segurar a mão dela. — Não sabia que tinha ouvido.

Tiveram um constrangimento momentâneo.

— Volta. — Ele apontou para a porta do bar atrás dele. — Vamos tomar umas guardando os instrumentos.

— Você já tem companhia.

— Ciúmes? — Ele sorriu sacudindo a cabeça, ela franziu a testa. — São amigas que vêm aos nossos shows sempre.

— Que ótimo. — Ela apertou a mão dele e soltou. — Talvez passe no seu consultório essa semana. — Ela ofereceu delicadamente pedindo para que ele não fosse mais à sua casa. — Com Tig.

Tomei um pé na bunda. Ele colocou as mãos nos quadris, cabeça abaixada e olhou para ela por entre os cílios. — Ok.

Ela entrou no taxi e foi embora. Ele voltou ao bar.

Que dia ela tinha tido! Começou cedo filmando três tutoriais de maquiagem com a blogueira que agora tinha mais visualizações, depois, comeu qualquer coisa e foi direto para o *set* de gravação da série. O tempo todo Tig se comportou como uma mocinha educada dentro da bolsa, foi absurdamente paparicada no *set* e até apareceu em um episódio no colo de um personagem secundário.

Oito e meia e elas estavam mortas! Ela tomou um banho longo, escolheu uma camiseta velha, calcinha confortável e um pedaço da lasanha de legumes do dia anterior para ver TV na cama, Tig dormindo na sua própria caminha sem nem comer nada. Ela não tinha terminado de jantar quando o interfone tocou.

— Doutor? — Ela sorriu franzindo a testa, o *jeans* incomodando suas pernas.

— Oi, Mulher-Gato. — Ele sorriu. — Tudo bem? Tig?

— Estamos bem, cansadas — Ela o deixou entrar. — Fomos trabalhar juntas hoje.

— Você sabe que pode deixá-la sozinha. Ela não pode pular nem cair.

— Eu sei... Ela é boa companhia como você disse que seria. — Ela olhou para baixo. — Estava jantando lasanha de ontem. Quer?

— Espero que não seja de frango. Não como frango.

— Ah... E calabresa? — Ela riu.

— Desculpe, também não como calabresa. — Ele riu.

— Cogumelo.

— Isso eu como!

Ela o serviu um quadrado, colocou no micro-ondas, foi buscar seu prato na cama e voltou para sentar com ele na mesa da cozinha. — Que surpresa, faz mais de uma semana desde que te vi.

— O consultório ainda está no mesmo lugar.

Ela pegou o prato dele e lhe deu talheres. — Desculpe, não tem vinho nem cerveja. Mate. Pode ser?

Ele sacudiu a cabeça tentando mastigar a comida quente. — Água está bom.

Ela mal tinha colocado um pedaço de lasanha na boca quando ele tirou uma tira de plástico do bolso.

— Me dá seu braço. — Ele estendeu a mão.

— Por quê?

— Para isso. — Ele fechou a pulseira em volta do pulso fino. — É acesso ao *backstage* para o show de hoje, vai ser grande, um bar enorme no centro. — Ele olhou o relógio. — Temos uma hora para chegar lá.

— Hoje? — Os olhos felinos bonitos arregalaram. — Estou morta!

— Para mim está ótima. Adoro seu cabelo longo, deixa solto. — Ele sorriu e comeu. — Vai usar isso? — Ele disse do canto da boca.

Ela riu enrolando o cabelo que quase chegava à cintura. — Hoje não vai dar, Doutor. Se soubesse mais cedo, eu...

— Ia inventar uma desculpa melhor, né? — Ele desafiou. — Vem comigo para o *backstage* desde antes do show, absolutamente nenhuma fã. Ensaíamos esta tarde, o lugar é enorme. Primeira vez para nós em um bar grande assim, vamos abrir a noite para outra banda.

— Uau, que bacana!

— Vai se arrumar se vai querer trocar de roupa. Está ótima para mim. — Cabelo longo molhado, camiseta grande sem sutiã, calça *jeans* velha... A única coisa faltando era maquiagem escura nos olhos e ela seria a perfeita namorada de roqueiro. E ele conhecia aquela expressão no rosto dela, a incerteza adorável como quando entrou no consultório dele segurando duas gatinhas: queria aceitar, mas achava melhor negar.

— Talvez saia. — Ela sugeriu, ele deu de ombros. — Olhos negros. — Ele concordou. — Roupa preta também?

— Branco fica lindo com seu cabelo e olhos. — Ele apontou para ela. — Eu gosto.

Ela corou, abocanhou o último pedaço de lasanha e sumiu para dentro do quarto. Em dez minutos voltou de camiseta *cropped* que parecia tão velha quanto a anterior, bota preta, o mesmo *jeans*, pulseiras e brincos de prata, linhas

egípcias ao redor dos olhos felinos, lábios vermelho escuro e um chapéu fedora tipo Frank Sinatra. — Achei. — Ela sorriu largo. — Muito over?

Ele pegou da mão dela para colocar na cabeça dele, a abraçou pela cintura e a trouxe para o seu peito. — Eu amei.

O beijo era inevitável, adiado desde a semana anterior quando as fãs a assustaram, desde que ela foi embora na porta do bar. E foi ótimo. Sem jeito a princípio, a aba do chapéu bateu na testa dela, a barba fazia cócegas, era esquisito ter tantos fios tocando seu rosto. Mas com uma inclinação discreta, uma risada dividida entre lábios grudados, línguas se tocando de leve, pronto: tão perfeito quando eles acharam que seu beijo seria.

Ele tinha gosto de jantar, ombros fortes que ela gostou de abraçar, não era muito mais alto que ela. O cabelo dele era gostoso, os caracóis sedosos se desmanchavam quando seus dedos acariciavam.

Deliciosa de abraçar assim como de olhar ou de ouvir: ela era adorável e delicada, da altura que ele gostava, do tamanho, do paladar, de tudo. Os lábios eram doces, maleáveis, ela beijava sem pressa o fazendo responder da mesma maneira.

Eles se beijaram por vários minutos no meio da sala de estar pequena. Abraçados bem apertados, as mãos dela no cabelo dele desarrumando os caracóis, as mãos dele dentro da camiseta curta segurando-a pelas omoplatas por cima do top de ginástica.

— Estou de olho em você há um tempão. Adoro quando aparece na minha TV me dizendo para ter dentes mais saudáveis. — Ele sussurrou nos lábios dela como se evitando acordar sua dona dormindo no quarto. — Mas você tem sabor de outra pasta.

— Eles já têm muito da minha exclusividade. — Ela sorriu, ele riu. Ela se inclinou nele para beijar seu lábio inferior. — Achei que a barba ia ser mais macia. — Os dedos dela correram no rosto dele. — É tão cheia... — Ele chupou o lábio inferior dela antes de beijá-la de novo. — Você é muito sexy no palco... As tatuagens que você esconde, o rabo de cavalo...

— Você achou? — Ele sorriu, ela concordou. — Hoje vai ver da lateral do palco.

— Aposto que é incrível.

— Vai ser.

E foi, para os dois. Ela nunca tinha estado tão próxima de um show apesar de sua curta carreira de modelo e atriz, ele não tinha uma garota que ele quisesse tanto assim o assistindo das coxias há muito tempo – talvez desde a faculdade. Tiveram alguns erros – um microfone danificado, algumas notas desafinadas, uma discussão no fundo do bar – mas de modo geral, foi uma ótima

noite.

Sempre que os olhos dele viajavam do baixo para a galera cantando junto, ele achava os olhos felinos sorrindo para ele, admirando como ele era no palco. Era uma situação muito excitante, a plateia lotada, o bar grande, a garota *sexy* de chapéu... Ele cruzou o palco durante um solo de bateria para parar no limite do palco, roubar um beijo e o chapéu. Ela riu encantada, o veterinário gato usou seu chapéu pelo resto do show; era uma pista de intimidade, um segredo.

Quando o show acabou, os caras saíram do palco por um lado e ele foi pelo outro, direto para pegá-la nos braços e a beijar.

— Eu amei! — Ela sorriu animadíssima.

— Ainda tem “*Satisfaction*”.

— *I can’t get no!* — Ela cantou sorrindo segurando o pescoço dele.

— Mais tarde. — Ele prometeu sorrindo da mesma maneira.

— Meu chapéu esconde o rabo de cavalo, menos uma coisa para as piriquetes ficarem de olho. — Ela fechou a cara.

Ele riu. — Eu fico com o chapéu, você escolhe uma das minhas camisetas quando acordar amanhã.

Ela arfou, ele chupou o lábio inferior dela e voltou ao palco.

— Tem certeza que não pode dormir aqui? — Ele perguntou no pescoço dela, dedos dentro do cabelo para segurar a cabeça perto da sua.

Ela balançou a cabeça. — Tig está sozinha.

— Ela se vira, Mulher-Gato. — Ele beijou o rosto perto dos olhos. — Ela já é uma menina grande.

Uma risadinha escapou dos lábios dela. — Ela é um bebê!

A calça dele aberta, os dois nus da cintura para cima e descalços enrolados no sofá, estavam ofegantes e excitados com a adrenalina do show e as poucas cervejas que haviam tomado antes de voltar para a casa dele. Ela queria ficar e parar de resistir, mas aquela época do mês era péssima para a primeira vez com um cara bacana. E não era fácil resistir; ele era muito *sexy* fora da persona do veterinário sério. Suas mãos brincando com os mamilos dela eram incríveis.

— Doutor... — Ela tentou, mas deu o beijo que ele exigiu. — Hoje não.

— A gente pode só dormir juntos. — Ele sugeriu e agarrou o traseiro dela sobre o *jeans*. — Podemos ficar de calcinha e cueca e dormir.

A proposta era tão perigosa, ela até tremeu. — Não posso.

— Por quê?

O sussurro quente no ouvido a fez arrepiar inteira. — Coincidências —

Ela sussurrou de volta, ele inclinou a cabeça para trás para olhá-la o rosto dela.
— Époça do mês.

— Chuveiro? — Ele sugeriu, ela sacudiu a cabeça e se contorceu quando ele a segurou pelos ombros. — Sua queimadura? — Ele a virou facilmente para checar, beijou em volta e a abraçou de conchinha segurando seus seios. — Por favor, dorme aqui.

— Não posso...

Ele suspirou. Era uma gatinha arredia, a sua Mulher-Gato.

— Vou para casa dos meus pais amanhã de manhã. Tenho que sair bem cedo. Você abre o consultório cedo também, né? — Ela sentiu o nariz dele no seu pescoço enquanto ele balançou a cabeça.

— Só a recepção, o resto fica fechado e só desço se tiver cliente.

— Morar perto do trabalho é bem prático, né? — Ela debochou e riu quando ele fez cócegas na cintura dela. — Se você tivesse um hotelzinho, eu poderia deixar Tig aqui. Minha mãe tem alergia demais a pelo.

— Passo lá que cuido dela.

— Jura? Seria ótimo, Doutor. — Ela se virou para lhe dar uma bitoca.

Ele sorriu. — Estou acostumado com Persas, meus pais sempre tiveram.

— Os meus também, que coincidência!

— Outra... — Riram de lábios colados. — Se ela sempre teve gato, como fazia com a alergia?

— Meu pai diz que ela era imune à nossa gatinha.

Ele balançou a cabeça com olhos colados nos lábios dela. — Cuido de Tig, vai ser como estar em casa.

— Você é muito fofo.

Um grunhido. — Exatamente o que um cara quer ouvir de uma gostosa dessas. — Ela riu. — Quase duas da manhã, fica só mais um pouco. Vamos para a cama.

A resposta dela foi um beijo apaixonado e um puxão na barba. — Não posso.

Apertando as mãos nervosamente, ela trocou o peso de pé para pé na recepção do consultório dele, as roupas justas de ginástica de repente lhe deixando muito desprotegida. Inconfortável, era assim que se sentia. Seu coração bateu rápido na garganta quando ela ouviu os passos dele chegando perto.

— Oi! — Ela levantou a mão constrangida.

Ele parou surpreso por um segundo antes de continuar andando até a porta de vidro. — Bom dia.

Depois da noite excitante no show e namorando no sofá, ela esperava que

estivessem saindo e não agindo assim tão friamente. Um final de semana fora, dias afastados e ela era uma estranha para quem ele fechava a cara daquela forma. — Bom dia. — Ela respondeu.

Houve silêncio. Ele não sabia o que ela estava fazendo no seu consultório. Ela não sabia o que dizer.

— Eu, hum... — Ela tentou. — É bom te ver. — Ele balançou a cabeça, cruzou os braços sobre o peito e pressionou um sorriso contrariado. — Você desapareceu.

— Você sabe onde me encontrar — Ele levantou as sobrancelhas. — Me achou agora, quase uma semana depois.

— Achei que fosse te ver segunda, ou até no domingo à noite...

Ele bufou e ela ficou com raiva. Então, ele estava contrariado porque ela não tinha lhe dado sexo quando ele quis? Que guarde sua raivinha ridícula para si mesmo e fique bem longe dela. Melhor dizer o que ela precisava e ir embora o mais rápido possível.

— Olha, estava correndo e perdi minha chave. — Ela mostrou o chaveiro pendurado no pescoço com o clipe quebrado. — Não posso entrar em casa e tenho que ir trabalhar.

Ele inclinou a cabeça e deu de ombros. — Precisa usar meu telefone para chamar um chaveiro?

— Preciso da minha chave de volta.

Ele franziu ainda mais a testa, ela segurou a cintura. A guerra silenciosa durou tanto quanto sua paciência.

— Pode me devolver, por favor?

— Não está comigo como você bem sabe. — Ele prendeu os lábios. — O que você quer, Mulher-gato?

— O que quer dizer, “não está com você” ? Eu te dei na sexta de noite quando me levou em casa... — Ela corou lembrando quão difícil tinha sido mandá-lo embora para longe da sua cama.

— Seu namorado disse que ia tomar conta da gata.

— Como? — Os olhos felinos tão bonitos arregalaram.

— Sábado de noite.

— Merda.

— A gata gosta dele, estavam abraçados na sua cama.

Ela pressionou as mãos contra os olhos. — Merda, merda, merda.

Ele esperou.

Ela suspirou, era por isso que ele tinha desaparecido e a estava tratando tão mal... — Eu não menti para você, ele não me avisou que vinha pegar as coisas que deixou no meu apartamento, e como eu não estava, ele me esperou

para conversar. Eu fui mesmo para casa, meu pai até me trouxe de carro no domingo à noite e só foi embora depois do meu ex sair. Tig gosta de qualquer um que não belisca e fura ela o tempo todo. — Razão quase nunca anda com o coração, parecia, e ela estava quase tremendo vendo toda a esperança ir pelo ralo. — Ele não é meu namorado, você não tem minha chave. Que dia ótimo. — Ela coçou os olhos e se virou para ir. — Tchau.

Ele a viu sair tão graciosamente, mas na mente tinha a imagem do cara quase nu esticado na cama dela. Que cena horrível de se achar na casa da garota linda, o ciúme lhe devorou o coração vendo a gatinha abraçada com o cara grande e imaginando sua Mulher-Gato ali com eles. Ele apertou os dentes de novo, seu estômago queimou: ela não tinha achado sua cama boa suficiente, seu ex-namorado, obviamente, estava esperando por ela, ela queria a chave de volta. O veneno da rejeição era difícil de engolir.

Agora que ela sabia que ele sabia, ele poderia esquecer dela de vez ou acabaria com uma úlcera.

Ela se odiava pela bagunça, por ter perdido a chance de namorar o Doutor gato. Tig não sentia falta dele, ela nunca tinha gostado do cara... Parecia que os resmungos dela na cama na noite anterior eram sua maneira de repreender a garota boboca de fossa pela possibilidade perdida.

Durante o final de semana na casa dos pais, ela esteve ansiosa por vê-lo de novo, sonhou com o show e o quão excitante foi, o chapéu dela, a camisa dele que ela usou para ir para casa naquela noite apesar da sua própria, o rabo de cavalo. Ela suspirou, pegou o chaveiro novo na bolsa e subiu os poucos degraus para sua portaria.

— Boa noite!

— Boa noite. — Ela prendeu um meio sorriso educado para o zelador que abriu a porta. — Obrigada.

— Teve um rapaz aqui perguntando por você.

— Jura?— Ela perguntou sem muito interesse enquanto abria a caixinha de correio.

— Juro. — O Doutor respondeu com o coração acelerado.

— Ah, foi ele mesmo.— O zelador disse. — Estou indo embora, mas posso ficar mais um pouco. Melhor, né?

— Não, tudo bem.— Ela prendeu os lábios tristemente por um momento olhando de um homem para o outro. — Boa noite.

Sozinhos na portaria, eles se olharam com mágoa.

— Fiquei devendo alguma coisa? — Ela franziu o nariz. — Alguma

vacina da Tig ou qualquer outra coisa?

Ele sacudiu a cabeça. — Só queria falar com você. — Ele pausou para admirá-la. — E tentar conquistar Tig mais uma vez. — Do bolso da calça ele tirou um pacotinho de biscoitos para gatos.

— Ela bem que merece um mimo, perdeu os dentinhos de leite semana passada — Um sorriso muito triste tomou o rosto dela. — Meu pai comprou um brinquedinho para ela, daqueles que rolam e soltam biscoitos, mas tive que esconder. Ela descobriu como o troço funciona e comeu tudo em vinte minutos, depois ficou pelos cantos com a barriga inchada.

Ele riu baixinho. — Tenho um presente para a Mulher-Gato também. — Ela piscou. — Posso te levar para jantar?

Os ombros dela caíram. — Tão cansada...

— Gravou tutorial de maquiagem? — Ele apontou para os olhos dela com maquiagem pesada nas pálpebras e vários pontinhos sob os olhos.

— Sim. Foi a terceira da tarde. Teve penas, depois sereia dourada e, finalmente, esse retrô. Não aguento mais o demaquilante; preciso do chuveiro e meu pijama.

— É um convite? — Ele sorriu gaiato.

Ela levantou as sobrancelhas. — É até legal saber que não guardou rancor e tudo, mas você me deu um fora. — Inclinou a cabeça.

O sorriso dele morreu. — Não disse isso.

— Em palavras, não.

— Você está guardando rancor, Mulher-Gato.

— Você foi grosso.

— Tinha um homem nu na sua cama.

Eles sabiam que era um empate, os dois tinham razão para justificar suas reações e ações. A questão era quem jogaria a toalha antes.

— Vou pedir pizza enquanto você toma banho.

— Sozinha.

Ele concordou com a cabeça. Ela repetiu.

Ela estava catando azeitonas pretas das fatias de pizza vegetariana que sobraram enquanto ele contava uma história complicada sobre os *Rolling Stones* nos anos oitenta, Tig no chão olhando para ele com expectativa já que ele enchia o brinquedo dela com mais uma dúzia de biscoitos e o telefone tocou. Ele ficou em silêncio ouvindo a linda Mulher-Gato confirmar os horários de gravação da série no dia seguinte, considerando suas chances.

— Quanto tempo vai durar a gravação?

— Amanhã? — Ela voltou para sua cadeira em volta da mesinha da

cozinha. — Sexta, então... Até as três ou quatro.

— Na outra semana foi até tarde.

— Não é comum. Tivemos problemas naquele dia. — Ela piscou devagar querendo que ele a convidasse para sair logo e fosse embora, ela queria ir deitar. Para dormir como uma pedra. Sozinha.

De repente, apareceu um envelope grande e gordo de papel caro na frente dela, amassado porque estava no bolso dele, parecia importante. Ela levantou uma sobancelha inclinando a cabeça para o lado, ele apontou.

— De última hora, eu sei. O plano era falar no domingo de noite.

— Congresso de Veterinários?

— Tudo pago, *resort* na praia, final de semana longo. — Ele prendeu um sorriso nos lábios. — É um convite.

— Uau!... — Os olhos dela passearam pelo panfleto caprichado, mergulho em alto mar, praias de areia branca, luaus, pessoas jovens felizes e bonitas com seus animaizinhos. — Não posso.

— Você fala isso à beça.

Ela riu baixinho. — Tenho outra gravação de maquiagem na segunda de manhã.

— Nunca me dei conta de que trabalhava tanto assim para esse blog. — Ele resmungou bebendo seu mate.

— Ela é famosinha, especialmente agora com a série.

— Você é famosa, ela está se aproveitando do seu sucesso. — Ele se inclinou para frente e pegou a mão dela. — Vem comigo.

— Tem a Tig.

— Miau.— A gata reclamou olhando para ele de cara feia.

— É coisa de veterinários, animais são permitidos. E eu sei que você está puxando meu saco por causa dos biscoitos. — Ele olhou para baixo de cara fechada também.

— Miau.

— Seja boazinha e te trago erva de gato na próxima vez.

— Miau.— A gatinha levantou nas patinhas de trás.

— Sua vendida! — A garota acusou.

— Uma gatinha conquistada. — Os olhos dele voltaram para os dela. — Agora você.

— Ia ter que te dar sexo, imagino.

— Me deixa te dar agora para você não achar que vou querer o que você não vai ter. — Ele beijou a palma da mão dela, sentiu-a tremer e puxou o braço para alcançar os lábios. — Vem cá.

A garota sensual no colo dele, o pijama folgado parecendo ainda mais

provocante que as roupas de ginástica, ele segurou-a pela cintura para beijá-la de novo. Ela o tinha deixado na mão quase uma semana antes com a promessa de reencontrá-lo em dois dias, mas ao invés, ele tinha achado um homem na cama dela. Os olhinhos felinos tristes no consultório quando ele duramente a confrontou tinham lhe derretido. Ela era linda e naturalmente sexy, gostosa, tinha incríveis olhos de gato, empregos muito lisonjeiros, gostava de animais: era irresistível para ele.

Mas, infelizmente, estava muito cansada. Ele percebeu que ela não abriu os olhos imediatamente depois que a beijou, precisou de vários segundos para piscar devagar e sorrir com preguiça. Cacete, que garota difícil.

Ele ficou de pé facilmente com ela no colo. — Vou te botar na cama e vou indo.

— Não... — Ela ronronou segurando o pescoço dele. — Fica aqui.

— Você está praticamente dormindo.

Ela tentou controlar o bocejo, mas escapou. — Estou mesmo.

Na cama, ele se recostou na cabeceira com ela ainda no colo, o perfume do seu shampoo enchendo o nariz dele enquanto ela cobria seu rosto com beijinhos doces que só o faziam arder mais. — Amanhã de manhã passa no consultório depois da corrida. Quando pegar no sono, eu vou. Fecha os olhos, Mulher-Gato.

— Se ficar, a gente pode fazer umas coisas...

Um grunhido alto explodiu da garganta dele a fazendo derreter em risadinhas e a gata sibilar. — Eu quero. — Ele agarrou o traseiro dela para trazê-la ainda mais colada a ele e com a outra mão a segurou pelo ombro. O beijo longo durou vários minutos, a respiração dela falhou e os olhos arregalaram quando ele soltou. — Acorda!

Ela riu mais. — Estou acordada! — As mãos pequenas e delicadas rastejaram para dentro da camiseta dele. — Ia adorar se a gente fizesse umas coisas... — Ela levantou a camiseta e ele terminou de tirar revelando as tatuagens. — Detesto ficar de calça em casa, só coloco quando você aparece.

— Pelo amor de Deus, tira!

Apesar de querer muito ver a calcinha dela, era claro pelos olhos fechados e o sorrisinho safado que ela estava sonada. Talvez ele conseguisse só ficar abraçado a noite toda... Com certeza não ia conseguir ficar longe daquelas calçolas.

Percebendo os olhos dele nela, ela se virou no colo dele para mostrar a cara de gato no traseiro da calcinha tipo cueca. — Tem um gato na minha bunda! — Ele riu. — Tem outra que tem bem na frente...

— Põe na mala. — Ele a colocou na cama com cuidado e tirou a calça

jeans. Quando olhou de novo, ela estava embaixo do edredom com a gatinha lambeijando seu nariz enquanto ela se aconchegava de lado.

— Vem para perto, Doutor. — Ela meio sussurrou, meio gemeu.

— Cacete, é hoje que eu morro. — Ele resmungou.

— Morre amanhã, me deixa aproveitar de manhã... — Ela bocejou de novo e roçou as costas no peito dele quando ela a abraçou de conchinha. — Boa noite.

Primeira vez que ele dormia com uma garota antes de fazer qualquer coisa e isso era prova do quanto estava apaixonado. Ela conseguia mantê-lo por perto e longe ao mesmo tempo – na verdade, bem perto e, caralho, como ela cheirava bem e como sua pele era gostosa...

Dormir parecia impossível com a necessidade de manter sua excitação longe do traseiro dela, ele estava tenso e frustrado mesmo que contente por estar perto. Na sua tortura, acabou adormecendo para sonhos confusos sobre levantamento de peso.

Ele acordou devagar piscando para lembrar onde estava, identificar que seu braço estava dormente por causa do peso da cabeça dela e a sensação muito prazerosa o excitando era a linda Mulher-Gato beijando-lhe o pescoço onde a barba farta acabava. Ele grunhiu caindo de costas, ela se virou para deitar no peito dele.

— Acorda. — Ela sussurrou.

— É cedo. — Ele resmungou sorrindo.

— E daí? — Ela fez carinho no pescoço e puxou alguns fios da barba.

— Ei!

Os dentes dela acharam o lábio inferior dele, depois a barba de novo.

— Ai. Desconfio que não gosta da minha barba.

— É *sexy*. — Ela o beijou, as mãos dele acharam as costas dela e a puxaram totalmente para cima dele. — Eu gosto.

— Não deveria me acordar por aqui? — Ele pegou a mão dela e colocou entre suas pernas onde já estava bem acordado.

— Assim é como caras acordam garotas. — Ela se ocupada em beijar onde falava, o cabelo longo dela enrolando nos braços dele. — Mas já acordei.

— As pernas dela abriram para ficar ao lado das dele, sentou e tirou a camiseta. — Levanta!

Ele sacudiu a cabeça. Era muito cedo, a luz vinda na janela era fraca, mas finalmente estava vendo a garota quase nua. Com os polegares, ele puxou a cintura da calcinha. — O gato tem que ir também.

Totalmente nua... Ah, que linda! Ele sorriu. Finalmente, completamente nua.

Combinavam como queijo com goiabada, mistura perfeita. Foi lento e preguiçoso, doce e cheio de tesão, absolutamente prazeroso, entre os melhores que já haviam tido.

Mal acabaram e ela sorriu se aconchegando nele, olhos fechados. — Boa noite.

— Ah, não! — Ele fez cócegas na cintura fina. — Você me acordou e agora quer dormir de novo?

— Estou cansada de novo! — Ela riu tentando segurar as mãos dele.

— Já?

— Você não? — Ela perguntou e sentiu o nariz dele roçar no seu pescoço, os dedos acariciando seus seios.

— Eu tinha camisinha.

— Eu também. — Ela ronronou como uma gata quando as carícias dele chegaram na sua coxa. — Mas tomo pílula.

— Uma coisa a menos para colocar na mala hoje. — Ele beijou o ombro dela. — Que horas te pego no estúdio? Cinco?

— Doutor, eu...

— Não diz que não pode ou não quer ir comigo. — Olhos nos olhos, mas os lábios dele pairavam sobre o mamilo dela.

— Eu quero, mas tem o trabalho...

— Liga para a blogueira amanhã, remarca para a outra semana. — Ele se esgueirou sobre ela para dar-lhe um beijo. — Você é uma estrela agora. — Ela riu. — Cativante, me encantou em um comercial de pasta de dentes. — Lábios unidos em um beijo preguiçoso, suas línguas se tocaram carinhosamente. — Minha Mulher-Gato.

— Esse biquíni, não. — Ele sacudiu a cabeça, testa franzida. — Não.

— Qual é o problema? — Ela se torceu pela cintura para olhar as costas no espelho do banheiro, puxou o cabelo sobre o ombro e arrumou a calcinha. — Minha tia fez para mim, é tricô. Achei fofo. Me deu faz um tempo, mas nunca usei antes.

— É muito pequeno.

— Não acho.

— Engraçado. Você só usa calçolas, mas o biquíni tem que ser mínimo. — Ele a empurrou contra a pia e ela sentou para ele ficar entre suas pernas. — Não vou deixar você usar isso em público, tem que ser só para mim. Só eu posso admirar.

Ela segurou o rosto dele entre suas mãos e o beijou. — Está brincando, né?

— Não — Ele estava sério, o peso apoiado nas palmas aos lados dos quadris dela. — É muito pequeno, vou te comprar outro na loja da recepção.

Cabeça inclinada para trás, ela estudou a expressão no rosto dele. — Está falando sério — Ele piscou. — Mistério resolvido... Por isso está solteiro!... — Ele franziu a testa. — Eu uso o que eu bem quiser.

— Não estou solteiro, tenho namorada. Ela é linda *pra* cacete e tenho muito ciúme da beleza dela.

— Fofo, mas não vou aceitar ordens machistas. — Ela suspendeu as sobrancelhas, ele pressionou os olhos.

— Vou ficar incomodado.

— Como pode saber? Nós nem fomos lá fora ainda, são oito da manhã!... Acabamos de acordar.

— Mulher-Gato... — Ele deu dois passos para trás e se encostou na parede ao lado da porta. — Por favor, você poderia escolher outro biquíni porque eu acho que estará muito exposta neste de tricô?

Ok, assim era bem melhor. Se ele tivesse dito isso em primeiro lugar, ela poderia talvez ter considerado usar qualquer um dos outros quatro que havia colocado na mala. Verdade, eram todos mais ou menos do mesmo tamanho, mas ela teria trocado para agradar. Agora, ela provavelmente só usaria esse o final de semana todo para marcar território. — Não é tão pequeno. — Ela disse. — Vou usar uma sainha por cima no café da manhã.

— Só vai me manter tenso. E quando eu estiver nas palestras, não vai ter ninguém tomando conta de você.

A risada debochada dela o fez ainda mais chateado. — Me viro, pode acreditar.— Ela o abraçou pela cintura e beijou a tatuagem que cobria o peitoral até o cotovelo dele em escamas de dragão. — Vinte e quatro anos até você aparecer no mês passado.

— Por favor?

— Não.

— Praia combina com você. — Os olhos dele inspecionavam a marquinha dentro da calça, seu dedo indicador em anzol levantando o elástico da cintura. — Fica bonita bronzeada.

— O biquíni não era tão ruim afinal de contas... — Ela implicou olhando por cima do ombro como ele abaixava sua calcinha para admirar seu traseiro.

— Muito pequeno. — Ele suspirou, beijou a marquinha logo abaixo das covinhas das costas da namorada gatíssima, arrumou a calçola de volta e abraçou a lombar dela deitando do seu lado. Ela estava de bruços na cama dele, meio nua, tinha acabado de sair do chuveiro, mas alguns poucos minutos antes ela tinha chegado com maquiagem muito pesada nos olhos, um esfumado azul que combinava com o bronzado e ele ardeu por ela. Precisava de desculpa pequena para arder por ela normalmente.

Uma hora inteira bem quente no chuveiro até que deitaram na cama tentando escolher o que pedir para jantar. Na verdade, ele não estava com muita fome, o que tinha na geladeira seria suficiente, mas sua namorada queria algo diferente e ele faria qualquer coisa que ela quisesse.

— Alguém percebeu sua *tattoo* de gato? — Ela perguntou rindo.

Ele olhou para o rosto dela sorrindo. — Não, se alguém viu achou que estou com micose.

Ela riu alto. — Não ficou tão ruim! — Ela sentou para empurrá-lo de costas e abaixou o rosto chegando perto do peito dele onde ela tinha desenhado uma carinha de gato com protetor solar. — Parece um gato para mim!

Ele acariciou o rosto dela, o pescoço, empurrou mechas de cabelo para trás do ombro. — Vai fazer uma tatuagem de verdade? — As pontas dos dedos dele contornaram os cinco passarinhos que ele tinha desenhado nas costelas dela usando hena. Quando ela chamou o tatuador passando por eles na areia da praia, ele foi tomado por uma avalanche de ciúme feroz porque o cara era um negro alto e engraçado que a fez rir e, com medo dela conectar tatuagens como o ex, o Doutor tirou a caneta de hena da mão do tatuador e fez ele mesmo o desenho na namorada. — Acho que ficou um tesão.

— Eu gostei. — Ela levantou o braço para olhar a tatuagem e ele sorriu deixando os dedos acharem o mamilo durinho. — Doutor...

Aqueles olhos sorrindo para ele eram sempre sedutores. — Minha Mulher-Gato... — Ele a puxou para deitar de lado e a abraçou de conchinha. — Vai ter que acordar cedo amanhã? — Ele beijou o ombro dela.

— Não. Na verdade, vou ter o dia livre. — Ela remexeu os quadris para encaixar contra os deles. — Você pode?

— Acho que sim. — Ele olhou para o traseiro redondo roçando na virilha dele e mordeu o lábio. — Vou abrir o consultório e deixar o enfermeiro e a secretária tomarem conta de tudo. O que quer fazer?

— Ficar na cama.

— Aceito.

— A gente pode só ficar abraçado e fazendo coisinhas o dia todo que nem na semana passada no *resort*? — Ela perguntou virada para olhá-lo, os

olhos bonitos já caídos de sono.

— Para mim está ótimo — Ele a beijou preguiçosamente, um longo balé de línguas. — Quer que te traga um copo de leite morno? Parece que não tem energia nem para esperar a comida chegar.

Uma risadinha escapou da garganta dela.

— O quê?

— Ia amar leite com baunilha. — Ela ofereceu a língua.

Ele tocou com a dele. — Vou pegar.

— Miau — Ela riu, ele latiu, Tig respondeu.

Terra do Nunca

— Doutor?

— Aqui!

— Au, au, au!

— Oh, está atendendo. — Ela resmungou enfiando a cabeça pela porta da sala de exames. — Boa noite. — Corou cumprimentando a dona e o cachorro.

— Oi! — Ele sorriu, mas não saiu de perto da maca ou o cachorro enorme ia fugir. — Chegou cedo.

— Preciso passar em casa.

— Tig está aqui. — Ele sorriu para ela e olhou de volta para o cachorro. — Calma, rapaz.

— Já volto, então. — Ela lhe deu uma bitoca, sorriu sem jeito para a senhora sentada ao lado da maca e saiu.

— Sua namorada? — A cliente sorriu carinhosamente, ele balançou a cabeça. — Que menina linda, Doutor!

— Obrigado — Ele sorriu examinando as orelhas do cachorro.

— Acho que conheço de algum lugar.

— Provavelmente — Ele ficou cheio de orgulho. — Ela faz comerciais de TV e uma serie de aplicativo de *streaming*, também tutoriais de maquiagem em um blog badalado.

A mulher franziu a testa. — As estorinhas de detetives? A jovem Miss Marple no Tentflix? — Ele balançou a cabeça de novo. — Eu assisto de vez em quando, é uma graça.

— Ela é uma graça. — Ele checou o outro ouvido e o cachorro ganiu infeliz. — E arisca. Não consigo colocar na coleira.

A cliente riu. — Rapazes não sossegam até ter uma garota presa neles.

— Meu pai fala a mesma coisa. Anda conversando com ele? — Ele torceu os lábios para o lado. — Ela ligou para o meu pai, cara? — Ele perguntou e o cachorro abriu a boca para deixar a língua cair e respirar ofegante, estava tenso com a consulta.

Eles estavam juntos há meses e ela ainda era evasiva, parecia que não o levava a sério. — Tig! — Ele gritou do pé da escada. — Vem, Tig! — Sorriu vendo a gata descer como uma foca rolando devagar de um degrau para o outro. — Vamos para o apartamento porque ela não vai voltar, tenho certeza. — Ele resmungou pegando a gata pela barriga, desligou as luzes e trancou a porta. — Você está ficando pesadinha, moça. Chega de biscoitos.

— Miau.

— E nada de fazer queixa para ela. Vamos ficar juntos por muito tempo, lady Tigresse. Muito, muito tempo. — Ele pensou alto em seus planos audaciosos e quando começaria a colocar em prática.

— Já na cama, hein? — Ele pôs a gata ao lado da garota, se inclinou para chupar o lábio inferior dela e caminhou para a cozinha.

— Estava no telefone. — Ela disse indo atrás dele. — Estou com fome. Você?

— Poderia comer sua lasanha. — Ele abriu a geladeira para pegar cerveja. — Ainda sobrou berinjela?

— Você estava com um cachorrão enorme mastigando sua mão. — Ela pensou se tinha todos os ingredientes para cozinhar e se ia querer fazê-lo.

Ele deu de ombros. — Duque é meu cliente desde que era um filhote com intolerância a lactose.

— Viu a contagem do episódio de hoje? — Ela sorriu grande.

— Mais que o último? — Ele sorriu igual.

— Sim! Eu tuitei seu show, será que vai ficar cheio amanhã? — Ela o abraçou por trás. — Espero que só tenha homens.

— Sua audiência é praticamente feminina. — Ele bebeu e virou para abraçá-la de volta.

Ela inclinou a cabeça para trás e apontou a língua para fora, ele sorriu e botou a dele também para encostar na dela. Era um beijo desconstruído, uma bobagem que inventaram e que parecia nojento para qualquer outra pessoa. — Minha mãe perguntou se pode te trazer umas camisetas da Europa.

— Ué, pode... — Ela franziu a testa sorrindo por causa do sorriso safado dele.

— E se você machucou o cóccix ou coisa assim porque está sempre no meu colo! — Ele riu com ela.

— E vivo usando suas roupas?

— É! — Ele riu ainda mais. — Ela matou a gente de rir, meu pai e eu, ele teve uma crise de tosse, até! Depois, ele beijou o rosto dela e ficaram naquele chamego esquisito — Ele grunhiu.

— Eu acho fofo. E a gente faz chamego também.

— Quando a gente faz dá tesão, quando eles fazem é nojento. Seus pais são mais discretos.

— Ao menos quando estamos por perto.

— Exatamente! — Ele levantou as sobrancelhas.

Ela sentou na mesa ainda rindo. — Queria ter ido levá-los no aeroporto com você, desculpe.

— Eles entenderam que você tinha que trabalhar. — Ele tomou um gole grande e deu poucos passos para ficar entre as pernas dela. Em casa ela estava sempre sem sutiã, de calcinha tipo cueca e uma das camisetas dele; ele amava – mais ainda quando ela estava de cabelo molhado. — Ia dormir sozinha hoje?

— Não...

— Mentirosa.

— Ia te ligar para você vir ficar comigo.

— Sei... — Ele olhou para baixo, a mão dela o puxando para perto pela fivela do cinto.

— Não vai ficar triste de não ir com seus pais visitar seu irmão?

— A gente se fala o tempo todo, ele vai vir para cá um dia. — Ele sacudiu a cabeça. — Tenho o consultório e você não pode ir.

— Desculpe... Melhor economizar e seria difícil fugir das gravações do seriado...

Ele beijou os olhos dela, um de cada vez. — Vai chegar cedo amanhã?

— Ainda não sei.

— Tenta, por favor?

Ela balançou a cabeça abrindo a calça dele. — Ai! — Ela reclamou quando os dedos frios dele invadiram a camiseta que ela usava. — Que gelo!

— Você está pegando fogo. — Ele a beijou se inclinando para frente até que ela deitou na mesa e ele pôs o peso nos cotovelos. — Gostosa.

— Adoro como você me olha quando está com tesão... Fica todo sério, compenetrado. — Ela o ajudou a tirar a camisa. A gata cheirou a roupa e espirrou sentindo cheiro de cachorro.

— Eu te amo.

— Eu também.

— E aí, já estão se divertindo? — O cantor perguntou e o bar lotado fez barulho. — Estamos só começando aqui! — Ele bebeu um pouco do seu copo apoiado na caixa de som enquanto os outros membros da banda ajustavam os instrumentos ou também molhavam a garganta. — O quê? Um beijo? Claro! — Em meio à risadaria, ele se inclinou para o limite do palco e deu um selinho em uma garota, depois sorriu para a *selfie*. — Com foto é mais caro, querida! — Ele riu. — O quê? Quer um beijo desse babaca?

O Doutor levantou os olhos do seu baixo sorrindo e ficou surpreso em ver que “o babaca” era ele e que havia duas garotas de olhos compridos na sua

direção.

— Esse babaca de chapéu, esse mesmo? — O cantor perguntou no microfone e roubou o chapéu para colocar na sua própria cabeça.

— Minha namorada está logo ali! — Doutor respondeu usando o microfone do cantor, pegou o chapéu de volta e apontou para uma mesa ao lado do palco onde ela estava, pés balançando contra os apoios do banco alto. — Posso, Mulher-Gato? — Ela sacudiu a cabeça de cara feia e levantou o dedo indicador em ameaça. — Viram? Minha namorada não deixa! — Ele sorriu largo, satisfeito.

Sua namorada era absolutamente linda, ciumenta, gostosa, celebridade na internet, cabelo comprido e olhos felinos... Eles estavam de roupa igual: calça *jeans*, camiseta branca, chapéu, mas nela ficava muito melhor. Sem *soutien*, cabelo ruivo, uma echarpe em volta do pescoço. Ele estava perdidamente apaixonado.

Desde que ela começou a ir a todos os seus shows, ele começou a ficar impaciente para chegar à última música para receber os beijos quentes e a pegação ardente. Ela amava a banda dele e ele amava que ela o amava.

— Procura um quarto! — Alguém gritou quando passou por eles no *backstage*. No escuro corredor lateral, ele a tinha contra a parede, uma de suas pernas entre as dela, as mãos acariciando a virilha sobre o *jeans*, as mãos dela no cabelo dele, beijos longos e sensuais.

— Por dentro da calça. — Ela pediu em um sussurro.

— Em casa. — Ele a apertou só para ouvi-la gemer.

— Você fica tão gato tocando.

— Só você acha.

— Todas as garotas... Queriam te beijar!

— E depois pediram *selfies* com você.

— Imagina no Semana de música! — Ele franziu o nariz com raiva.

Ele sorriu, olhos atentos na boca gostosa. Uma namorada linda e ciumenta, convite para participarem de um Festival de música dali a alguns meses, consultório próprio: sua vida era ótima.

— Vamos embora. — Ela insistiu. — Para a cama?

— Não espia, Doutor! — Ela riu excitadamente, as mãos pequenas de dedos longos cobrindo os olhos dele.

— Se você quer mais, basta pedir, Mulher-Gato! — Ele riu com as mãos nas coxas da namorada sentada nas dele. Os lábios dela tocaram os dele de leve;

ele abriu a boca para dar-lhe o beijo que ela não pediu.

— Seja bonzinho. — Ela sussurrou no ouvido dele e soltou seu rosto. — Não abre os olhos.

Ele balançou a cabeça encantado, já excitado de novo pelo joguinho bobo, o peso dela nos seus quadris, sua pele pinicando por sentir as pontas dos dedos dela traçando suas tatuagens. Ela beijou seu ombro, bíceps, lambeu a cabeça do dragão enquanto seus dedos acariciavam a parte de dentro do cotovelo e quando os lábios encontraram seus dedos, ele tremeu dos pés à cabeça.

— Você nunca resiste quando beijo aqui. — Ele murmurou.

O fato da outra mão dela estar acariciando sua ereção não tinha nenhuma importância, ele estava convencido de que era incapaz de resistir às carícias e jogos sensoriais daquela garota. Ela havia descoberto que ele tinha um ponto fraco logo onde terminavam suas *tattoos*, mais no braço esquerdo que direito e sempre que ele estava distraído, ela o beijava ali só para vê-lo tremer. Quando ele sentiu os dentes dela mordiscando, ele se virou de surpresa e deitou por cima dela.

— Vou fazer outra tatuagem ali. — Ele grunhiu na boca da namorada enquanto ela ria.

— Outra?

— É. Você também vai fazer outra, na nuca onde eu gosto de beijar. — Ele a virou para alcançar a base da cervical dela. — Vamos fazer a mesma *tattoo*. Nossa data de casamento.

— Ah, Doutor...— Ela resmungou.

— Sim. — Ele a beijou de novo, um pouco forçosamente até. Havia uma urgência nele que infelizmente ela não sentia. Mas ele era um homem paciente, estava acostumado a lidar com bichinhos mimados.

Sua estratégia naquela noite era negá-la chance para discutir ou respirar. Ele a amou com voracidade, acariciou e excitou deliciando-se em receber o amor que dava livremente.

Ofegantes e sorridentes, esparramados na cama, exaustos depois de se amarem, os dois olhavam para o teto acompanhando o movimento das pás do ventilador.

— Mulher-Gato?

— Mmm?

— Quando acha que vai querer dizer sim?

Grunhido.

— Só para eu acertar meus planos.

Silêncio.

— Esperando.

Suspiro. — Tem cerveja?

— Sim. — Ele franziu a testa, ela raramente bebia em casa. — Quero uma também.

Ele esperou até ela voltar bebericando e estender a *long neck* para ele. — Bebo muito devagar, podemos dividir.

— Com prazer. — Ele sentou, apontou a língua, ela tocou com a dela e ele bebeu.

— Não me entenda mal, Doutor. Eu te amo.

— Eu sei.

— Mas casamento... Já conversamos sobre isso. — Ela estava franzindo o nariz enquanto ele concordava. — Sou muito nova, tem muita coisa bacana acontecendo. — Um sorriso pequeno e safado apareceu no rosto dela ao sentir o polegar dele acariciar entre seus olhos felinos para dissolver a preocupação. — Podemos esperar.

— Estamos.

— Então, está resolvido.

— Seus pais me adoram, os meus estão encantados com você. Tig e eu temos um caso secreto. Só preciso que você me dê uma data.

Ela rosnou. — Vinte anos! — Pegou a garrafa da mão dele e tomou um gole longo. — Preciso ir para casa.

— Vinte anos é muito tempo. Dois. — Ele tentou tratar o assunto com humor para controlar a própria frustração. — E combinamos de dormir aqui hoje. Tenho cliente amanhã cedo.

— Eu vou, você pode ficar.

Ele levantou as sobrancelhas olhando-a andar nua pelo seu quarto, abrir a gaveta para tirar uma camisa dele limpa, a calçola do chão, o *short*. — Me deu um fora. — Ela levantou os ombros. — Sabe que não vou se não me convidar.

— Não vou comprar briga, Doutor.

— Então fica, Mulher-Gato. — Ele bebeu da garrafa a encarando. — Eu não falei nada para te chatear assim.

— Você fica insistindo.

— Eu te amo.

— Eu te amo também. — Ela suspirou e sentou de lado perto dele.

Ele colocou a garrafa na mesinha de cabeceira, deu um selinho na boca bonita e gentilmente a forçou a deitar para conseguir abrir o *short* e tirar dela. — Assim é melhor. — Ele beijou o elástico da cintura da calcinha perto do umbigo. — Você é filha única muito querida, está acostumada a conseguir tudo do jeito que quer. — Ela arfou. — Tudo bem, eu te amo do jeito que você é. Só quero poder fazer planos.

— Tipo assim, uma pirralha mimada idiota e você é o adulto responsável? Você é tão mimado quanto eu, não aceita que não quero o que você quer quando quer!

— Vivo com medo, sabe. Penso que você está ganhando tempo. Que se outro cara te pedir em casamento, sua resposta seria a mesma. — Ele apertou os lábios.

Seus olhos felinos arregalaram. — Você não acredita que te amo...— Ela sussurrou horrorizada. — Estamos juntos há um ano e meio! Tudo foi tão bom para mim e ainda assim, para você...

— Eu sei que me ama.

Ela piscou, cabeça virada para o lado deitada na cama dele enquanto ele olhava para baixo sentado. — Sabe mesmo?

— A gente se conheceu por acaso, você escolheu meu consultório porque achou gatos na rua. Foi o destino que trouxe você para mim, eu já estava caído por você antes de te levar em casa naquele dia e, para ser honesto, ainda sinto da mesma maneira. — Ele prendeu a respiração. — Como se você estivesse prestes a me deixar e nunca mais voltar. — Ela fechou a cara. — Você é arredia, evasiva, parece que sempre existe a chance de você sumir da minha vida.

— A gente fica junto quase todo dia. — Ela sentou. — Praticamente vivemos juntos!

— Só que você nunca se mudou para cá.

— Gosto do meu apartamento. — Ela olhou para baixo, ele levantou as sobrancelhas e bebeu da cerveja. O coração dela apertado, ela lentamente subiu no colo dele tirando os caracóis dos olhos e acariciar a barba. — Não quero te deixar.

— Não quer ou não vai?

Ela nunca tinha considerado isso uma possibilidade, até aquele momento. — Não vou.

— Se está pensando nisso, se só está comigo para passar tempo, fala logo.

Ela piscou. Ele estava terminando com ela? Era essa sua maneira de mandá-la embora? Ela, de repente, se sentiu perdida. Seu céu azul se encheu de nuvens pretas e trovões e chuva torrencial, algo de ruim encheu o ar. — Está frustrado que não consegue me controlar. — Acusou.

— Não quero te controlar.

— Você quer me dizer o que vestir, vive dizendo que estão me explorando no trabalho, quando casar. — Ela fez bico. — Tomo minhas próprias decisões.

— Quero o melhor para você e quando achar que está em risco, que

alguém vai tirar vantagem de você, vou te proteger.

— Você quer é me colocar na coleira.

— Isso não é uma coisa ruim. — Ele inclinou a cabeça para o lado e bebeu sem interesse.

— Como não?

— Uma coleira é prova de amor para um bicho de estimação. — Ela arfou e engasgou na cerveja que estava bebendo. — Quando você compra uma coleira nova para Tig, quer dizer que ela é amada e bem cuidada. Quero casar com você pelas mesmas razões.

Silêncio. Longo e pesado silêncio.

— Você quer esperar, vamos esperar.

Ele pensou que estava sendo magnânimo, ela achou que tinha sido subjugada.

— Eu estou dando chique, é isso que está dizendo. Você, o cara quatro anos mais velho, adulto maduro, está tendo paciência comigo, a imatura menininha boboca.

— Maturidade tem pouco a ver com idade, Mulher-Gato. Tive que crescer rápido por causa da comparação com meu irmão. Você pode continuar como é, adorável para mim. Uma mulher apaixonante, mas mimada, sim.

Ele estava acostumado a ter medo que ela lhe escapasse pelos dedos e como ele não confiava nela, agora ela não confiava nele.

Com uma beijoca triste, a discussão acabou e ela saiu do colo dele.

Demorou dez semanas até que se viram de novo.

PARTE 4

— Eu vi sua ex na rua hoje, Vagabundo. — Ela disse como quem não quer nada, passeando pelos corredores da mega loja de material de construção, ele levantou as sobrancelhas. — A dos nudes.

— Existem milhares de mulheres e você acha que viu uma com quem saí, Bruxa? — Ele perguntou incrédulo.

Ela deu de ombros. Não que ela esperasse que ele tivesse outra reação, era um assunto delicado mesmo.

— Como pode ter certeza que era ela? Nunca conheceu em pessoa, pode ter sido qualquer mulher, e como você me ama, instantaneamente conectou comigo.

— Eu a vi nua.

— Não viu.

— Vi a foto.

Ele ficou mais incomodado. — Ela estava nua na rua?

— Não!

Ele deu de ombros.

— Ela está bonita, cabelo mais escuro, magrinha... Estava empurrando um carrinho. — Ela olhou para ele de canto de olho, ele tinha os lábios presos em uma linha fina. — Meninos gêmeos, eu acho. Era um carrinho duplo azul, o marido dela tirou os bebês para colocar nas cadeirinhas do carro, um daqueles grandões caros, sabe? Ele tirou um bebezão, beijou a testa e colocou na cadeirinha, depois fez o mesmo com o outro, fechou a carrinho, colocou na mala e a beijou.

Ah, era essa a razão verdadeira... — Onde você estava, Bruxa?

— No estúdio de balé.

— Levou sua bola de cristal para o balé? Não vi você sair de casa com uma bolsa grande. — Ele perguntou com ironia, ela revirou os olhos e pegou o catálogo de cores de tinta no balcão. — Como pode saber se ela casou?

— Deixa para lá, Vagabundo. — Ela suspirou.

Ele observou sua mulher bonita escolher cores para as paredes do seu apartamento novo que seria pintado um mês antes que ela se mudasse de volta, tinha uma varanda grande com portas de vidro para Bureau ter um grande

playground e cômodos arejados para todos respirarem com segurança. — Olha para mim. — Ele pediu, ela levantou os olhos tristes para ele com o rosto inexpressivo. — Vamos ter um bebê assim que quisermos.

— Seis meses sem a pílula, Vagabundo.

— Você não é alérgica a mim. — Ele segurou o pescoço dela. — Seu corpo não luta contra os meus espermatozoides.

— Foi o que os exames disseram. — Torceu os lábios para o lado.

— Relaxa. — Ele bateu o dedo indicador na cabeça.

Ela balançou a cabeça, ele beijou sua testa tentando se convencer do mesmo. Eles eram compatíveis, não tinha nenhum obstáculo no caminho deles. Ninguém, nada, nem mesmo a biologia. — Não estamos nem vivendo juntos, nos encontramos duas vezes no mês no máximo. Da última vez você estava menstruada. — Ela ainda não dizia nada. — Mês que vem vamos ter nossa casa, as coisas vão se acertar, teremos oportunidades mais frequentes... — Ele balançou as sobrancelhas para ela rir, mas ela deu-lhe uma única risada. — E suas gotinhas vão ajudar, como chama a florzinha da dureza? — Balançou as sobrancelhas. — Tronco de castânea?

— São florais para controlar as emoções; não são afrodisíacos. — A bruxa bonita riu baixinho para agradar o vagabundo charmoso tentando animá-la. — É que não parece natural, não acha? — Ela fez bico. — Estamos juntos há um tempão, nosso casamento é ótimo, somos boas pessoas... Deveríamos ter um bebê, é o curso natural da vida.

— Eu adoraria. Nós vamos ter filhos.

— Você parece tão certo.

— Estou. — Beijou seus lábios de leve. — O que sua analista fala?

— Para não me preocupar demais. — Ela suspirou. — E que não vai me dar remédio nenhum.

— Boa menina.

Ela bufou. — A analista te disse para repetir isso?

— Você sabe que não me meto na sua terapia. Só apareço nas poucas sessões que sou convidado.

— Eu sei... Desculpe, é que estou... Minha irmã ficou grávida logo que parou a pílula.

— Sua irmã não é dona da verdade, você mesma diz isso sempre que ela insiste que suas alergias são emocionais.

— E não são! Você já me viu em crise.

No fundo, ele achava que a ansiedade agravava as crises, na maioria das vezes; começou a desconfiar dessa tese quando viu a amizade da bruxa com a princesa felina. — As pessoas são diferentes, Bruxa. — Insistiriam nos

remédios naturais, não só para alergias, mas também para fertilidade. — Que tal a gente ir a algum lugar romântico hoje à noite? Bem erótico?

— Não estou ovulando. — Ela se desculpou.

— Melhor ainda. — Ele a pegou pela cintura e a inclinou para trás em um beijo cinematográfico que teve que cortar por causa da risadaria que ela não conseguiu controlar. — Vou ter você só para meu prazer, nada de negócios. — Ela ainda ria enquanto as outras pessoas na loja os olhavam com curiosidade. — Vamos acampar na sala da nossa casa vazia com velas e cobertores. — O novo apartamento espaçoso que era presente de casamento do pai dela para o casamento oficial no ano seguinte, velas que seriam sem perfume, cobertores hipoalergênicos, mas iriam se divertir a noite toda.

Somente dois anos depois eles finalmente olharam nos olhos de sua adorável filhinha, os mais impressionantes olhinhos de gato que uma recém-nascida tinha exibido em todo o universo. Houve muita falação, várias teorias da irmã dela, das irmãs dele, do pai dela, dos pais dele e ninguém chegou a nenhuma conclusão sobre qual lado da família ela tinha puxado os incríveis olhos verdes amendoados, mas sempre que a bebê piscava, todos à sua volta ficavam imediatamente encantados.

Vagabundo foi o único que não se surpreendeu com o charme de sua filhinha. Se tinha vindo de uma bruxa; claro que teria poder.

— Acha que ela tem minhas alergias? — Perguntou olhando com adoração para a criança dormindo calmamente enroladinha em seu cobertor especial. Tinha levado meses procurando os cobertores certos, kits de berço e roupinhas seguros para alergias porque sabia que iria ficar grudada na filha o tempo todo.

— Tomara que a cadeia de DNA dela tenha derivado mais da minha, da sua só tenha vindo charme para temperar.

— Que Deus te ouça...

Seus olhos nunca deixaram o charutinho rosa na cama entre eles, a chupeta movendo preguiçosamente de vez em quando.

— Eu deveria ficar grávida *forever*, quase não tive crises... — Ela suspirou e deitou de costas. — Vem, me engravida de novo antes que eu precise recomendar os remédios pesados.

Ele bufou. — Mesmo o convite sendo assim tão tentador, vou ter que declinar. Obrigado. — E sorriu. — Talvez mais tarde.

— Ela vai achar um homem melhor do que o meu.

— Aos seus olhos, possivelmente; para ela não haverá homem melhor que eu. — Ele disse convencido, abaixou o rosto para acariciar as bochechinhas

com seu nariz e beijou o narizinho. A bebê se remexeu, piscou e espirrou antes de voltar a dormir. — Ai, merda! A campainha mais uma vez. — Ele grunhiu.

— Sua família, aposto.

— Ou a sua... — Ele levantou relutante em deixar a esposa e filha sozinhas na cama e logo tinha um batalhão de parentes babando nela.

— Olha que lindeza!

— Ai, minha nossa! Os olhinhos dela são tão lindos!... Ela não parece uma gatinha?

— Seu problema acabou, irmão! Sua mulher não pode com pelo de gatos, então, ela deu à luz a uma!

— Esses olhinhos apertadinhos, tão fofos!

— São amendoados, acho que são amendoados.

A bebê piscou olhando de um adulto para o outro em volta dela e chutou os pezinhos forçando o cobertor.

— Arredondados, eu acho. Tão lindos!...

— Amendoados e inclinadinhos para cima nos cantos. Acho que ela tem os olhos dos dois misturados.

— Não, só são bem proporcionados.

— Mas esse narizinho!...

Uma cócega no nariz e um espirro.

— Aí está nossa gatinha!

A família riu junta espantando a criança que precisou do colo do pai para acalmar. Sua esposa estendeu os braços sentando na cadeira de balanço e ele caminhou para ela. — Vocês parecem as madrinhas da Bela Adormecida! — A Bruxa pegou a filha e ajustou no seu colo para dar de mamar.

— Liguei para minha amiga da agência de publicidade, ela ficou louca com as fotos da nossa gatinha! — A irmã dela ofereceu uma toalhinha. — Minha sobrinha vai ser uma modelo logo.

— Deixa ela em paz, todos vocês... — Vagabundo reclamou empurrando a família para a sala.

— Não vai conseguir esconder essa bebê linda! — A irmã implicou.

— Ela vai ser modelo com certeza, se não enquanto bebê, um dia. Tenho certeza! — O cunhado riu.

Viver

— Liga para minha mãe, Pai.

— Sim, senhor. — Ele sorriu na cadeira do passageiro e clicou na foto dela da sua lista de preferidos. — Se é que Abi já pousou. — Ele esperou com o telefone no ouvido. — Ainda não.

— Ela vai ficar muito orgulhosa de mim. — O adolescente disse, olhos atentos ao para-brisa, mãos agarrando o volante com tanta força que as juntas estavam brancas.

— Relaxa. — Ele mandou, o menino balançou a cabeça. — Ela está orgulhosa de você, nós dois estamos.

— Foi sorte!...

— Não mesmo, você foi muito esperto e teve uma grande ideia. Trabalhou bem, o aplicativo é valioso bastante para fazer os chefões te oferecerem tanto dinheiro.

— Tô rico! — O adolescente sorriu de orelha a orelha.

— Vai ficar quando fizer vinte e um. — O pai clicou na foto de seu outro filho. — Oi, garoto. Seu irmão fechou negócio! Sim, ele está feliz! Vamos chegar em casa logo. Olha, a Mamãe já chegou? Não?... Ok. Te vejo logo, te amo.

— O voo dela deve estar atrasado, Pai.

— É.

— Você queria que ela parasse de viajar toda hora, né?

— Ela não tem que trabalhar tanto, a gente não precisa do dinheiro. Gostava mais quando ela deixava os gerentes juniores tomarem conta de tudo e ficava no escritório.

— Ela odiava! — O menino riu, o pai balançou a cabeça. — O cabelo novo ficou bom, eu achei.

— Também gostei muito. — Ele sorriu. Ele amava poder surpreender Abi com um beijo na nuca sempre que passava atrás dela. O cabelo mais curto emoldurava seu rosto bonito perfeitamente. — Presta atenção, garoto. Você tem

que reduzir assim que vir a luz vermelha, não quando o carro da frente parar. Se aparecer um guarda, fica frio e troca de lugar comigo. — O telefone dele zumbiu na sua mão e ele suspirou aliviado. — Abi!

— *Oi, Torto! É tão bom ouvir sua voz!*

— Problemas?

— *O voo mais terrível da história da aviação. Nunca fiquei tão feliz em pousar...* — Ela suspirou e pôde ver na sua mente a expressão de desaprovação no rosto dele. — *Me conta como foi.*

— Você é mãe de um milionário. — Ele prendeu um sorriso e olhou para seu filho dirigindo com tanto cuidado que até suava.

— *Ai, meu Deus, nem acredito! Ele repetiu sua história!*

— Ele fez melhor, eu fiz aos vinte e cinco, ele, aos dezesseis.

— *Estou tão orgulhosa do Vareta número dois... Deixa eu dar um beijo nele.*

— Ele está dirigindo, Abi. — Ele abaixou o telefone. — Mamãe manda um beijo. — Ele disse e o menino sorriu largo.

— Ela já está indo para casa?

Ele voltou com o telefone para o ouvido. — Abi?

— *Sim! Meus dois carcereiros podem ficar tranquilos. E o meu outro carcereiro?*

— Em casa.

— *E a festa surpresa?*

— Tudo certo.

— *O Vareta número um vai conseguir dar conta de tudo sozinho, Torto?*

— Espero. —

— *Ai, cacete...*

— Te vejo logo?

— *Logo. Te amo.*

— Te amei antes.

— Meu primogênito se escondendo no fundo do quintal. É melhor eu não sentir cheiro de erva... — Ela tocou a cabeça dele para esconder os dedos no cabelo comprido. — E não é que sinto mesmo cheiro de erva?

Ele lhe deu um sorrisinho de lado. — Não sente nada.

— É o orégano que seu tio trouxe para o rodízio de pizza, certo? — Seu filho balançou a cabeça e ela apertou o nariz dele antes de sentar ao seu lado no

sofá do gazebo. — Você não tem que se sentir mal, meu amor. O sucesso do seu irmão não é o seu fracasso.

Ele balançou a cabeça de novo, mas não se virou para olhar para ela. Como o pai, ele era calado e calmo, o gêmeo doce de poucas palavras e coração grande.

— Estamos muito orgulhosos dele, claro. Ele fez todo mundo acreditar que o aplicativo bobo para espionar os pedidos de comida das pessoas valia dois milhões e é claro que o trabalho do Papai o ajudou a mostrar para as pessoas certas. Mas você não precisa se matar para ganhar dois milhões até o final do ano para competir com ele, não está ficando para trás.

— Bem que parece.

— Tudo parece muito complicado quando temos dezesseis, quase nada é cinza, a gente só vê preto e branco. — Ela abraçou os ombros dele enquanto ele franzia a testa. — Parece ruim agora, mas é assim que as coisas são. Dinheiro não será problema para você, sua herança é maior que isso. Sei que Torto já conversou com vocês.

— Ele não está doente, está?

Ela sacudiu a cabeça com veemência. — Saúde melhor que a minha, outra competição de *Ironman* semana que vem, lembra?

— O tio disse que podemos convidar uns amigos para vir aqui.

Ela arfou. — Não conta para o seu pai ou ele desiste da competição com medo de vocês três destruírem a casa!

Ele riu. — A gente consegue ficar sozinhos, sabia? Três gatos para tomar conta da gente.

— Miau. — Uma Persa muito gorda e preguiçosa pulou para se aconchegar no colo da dona adorada.

— Já falei para Torto, mas sabe como ele é... — Ela fez carinho na barriga da gata. — *‘Seus filhos têm muito dos seus genes baladeiros, Abi. Quero ter uma casa quando voltar.’* — Ela imitou o sotaque leve que o marido tinha para seu filhinho rir.

— Espero que ele traga mais uma medalha.

— Eu também! — Ela sorriu lembrando que o marido bonitão começou a correr logo após o nascimento dos filhos preocupado que sua idade não o deixasse vê-los adultos. De corridas matinais, ele evoluiu para competições de triatlon e ela tinha orgulho de ver como ele se manteve gostoso e saudável, forte e bem disposto. Ela pensava que ele se exercitava assim para manter a saúde, mas, na verdade, ele fazia para evitar que ela o trocasse por dois homens de trinta e cinco. Também as competições davam desculpa para viajarem sozinhos sempre. — Vareta número um, tem uma coisa que pode fazer para virar a

comparação a seu favor.

— O quê?

— Seu irmão gosta de farra, dá para ouvir a risada dele daqui... — Os dois olharam para a casa onde o gêmeo que nasceu por último estava se divertindo com os amigos. — Seja o mais responsável, aquele em quem a gente pode confiar. Você já é sério e calmo. — Ela beijou a testa dele. — Você é o Torto, número dois sou eu.

Ele suspirou.

— Sabe que é o meu amor, nada que fizer vai me deixar menos orgulhosa de você. Basta deixar meus gatos em paz.

Ele riu, a gata se revirou no colo dela.

— Deveria estudar para ser um bom veterinário e trabalhar na área por pelo menos vinte anos.

— Tenho a banda!

— Toca nas horas livres. Ser um veterinário é sua penitência por fazer os últimos anos de vida da Stella tão movimentados... Coitadinha. — Ela debochou, ele riu balançando a cabeça.

— Meus dois amores fugindo do milionário. — Veio a voz grave, sedosa e bem-humorada.

— Fica com a gente, Torto. — Ela convidou levantando a mão.

Ele pegou, beijou a cabeça do filho e a boca da mulher e sentou ao lado deles espantando a gata que saiu em passos rápidos. — Vai demorar mais quanto?

— Temos cerveja para a noite toda.

— E orégano?

— Não sei, Mãe.

Ela prendeu os olhos, o marido travou os dentes, o menino deu de ombros e levantou para voltar à festa antes que o pai tivesse certeza de que esse tipo de orégano não era para cozinhar.

— Abi?

— Deixa para lá, amor. — Ela beijou o canto dos lábios dele. — Temos filhos maravilhosos.

— Inacreditável para espermatozoides danificados, hein?

— Incrível! — Ela riu. — Sempre achei que iam passar a vida plantando orégano para subsistência!

— Jura? — Ele desafiou.

— Juro! Eles vieram dos espermatozoides mais patetas do mundo, prejudicados pela medicina e olha! Um milionário já!

— Só mostra o quão determinados eles são, nem a medicina conseguiu

bloquear. Eu só precisava da mulher certa para fazer acontecer.

— Ah!... — Ela sorriu e o beijou os lábios. — Que lindo isso.

— A mais pura verdade. — Ele a segurou pela cintura para aumentar o beijo. — Cinco dias que não te vejo nua.

— Mentira!... — Ela encostou a ponta do nariz na bochecha dele.

— Ainda adoro seus nudes.

— A dieta está dando certo, viu? Notou que estou um pouco mais magra?

Quer conferir?

— Nunca achei que precisava, mas vou checar, sim, claro. É minha obrigação. — Ele a segurou pelo traseiro para trazê-la para o seu colo com facilidade. — Seu irmão poderia achar um homem bom e sossegar. Fumo para adolescentes, que absurdo!

— Feijão com arroz, amor.

— Fumo e adolescentes?

Ela deu de ombros distraidamente arrumando o colarinho dele. — Você deveria falar com ele, Torto.

— Seu irmão ou Vareta número um?

— Nosso mais velho... Ele está preocupado em viver a vida na sombra do irmão. — Ela apertou os lábios enquanto ele parecia considerar o assunto. — Talvez dar algum dinheiro a ele, para dar um gás na banda ou sei lá.

— Não vou dar dinheiro a ele para isso.

— Músico é uma profissão como outra qualquer, te disse isso.

— Músico é uma profissão como outra qualquer. — Ele repetiu, já tinham discutido o assunto várias vezes. — Ele tem todos os instrumentos que quer, nunca negamos nada.

— Para outra coisa, então. Aquela escola de verão de veterinária, que tal? É inegável como ele tem jeito com animais.

— Não sei, Abi. Porque ele resolveu ser paciente e atencioso com viralatas agora não quer dizer que será um bom médico veterinário. — Ele beijou a testa dela. — Sei que ele é seu favorito, mas vai ter que aprender a lidar com as coisas sozinho.

— Não disse isso!...

— Claro que não disse, mas sabemos que ele é o nosso favorito.

Ela suspirou e se perderam em seus pensamentos silenciosos por um tempo.

— E se ele ficar invejoso e ciumento? É nossa responsabilidade fazer dele um bom homem.

— Nenhum problema ainda, ele é um adolescente normal que tem um irmão fantástico. Vamos todos comemorar e aproveitar do sucesso de nosso

filho.

— Meu Deus, estou tão orgulhosa dele! É tão esperto, não é? — Os dois sorriram como bobos. — Ele bolou uma maneira de espionar os pedidos dos outros e descobriu que alguém fosse gostar de saber... E ainda conseguiu vender a ideia! Ele é um gênio! Puxou isso de você.

— De nós dois. Ele é um sedutor e isso veio de você. Tinha que vê-lo na reunião, os velhotes ficaram encantados com o entusiasmo dele.

— Ficou orgulhoso?

— Explodindo. — Ele corou de leve sorrindo de lado, muito charmoso. — Todos lá têm filhos adultos, netos, e era o meu moleque dando um banho de inteligência.

— Nós temos um gênio esnobe e um cavalheiro doce, digo que estamos bem servidos. — Ela bateu as palmas e ele riu. — Nosso menino doce te lembra sua menininha, não é? — Ela beijou as pálpebras dele.

— Sim... É quieto, tem minha personalidade.

— Ele tem. — Ela pausou. — Acha que sua menina ia ter gostado deles? De mim também?

— Tenho certeza que sim.

— Mas eu roubei o papaizinho dela...

— Você me deu uma vida muito mais feliz do que pensei ser possível. — O olhar firme dele era tão apaixonado que o coração dela acelerou, mesmo depois de tantos anos. — Ninguém resiste a isso.

Ela ficou feliz por não ter resistido de todos aqueles anos antes e o deixou lhe comprar pães doces e gostosuras sempre. Gritos altos fizeram com que quebrassem o olhar apaixonado em que se mantinham e viraram para a casa grande de onde vinham as primeiras notas da guitarra de seu filho número um. — Está na hora de nos trancarmos no nosso quarto.

— Vamos logo antes que o garoto da bateria chegue. — Ele levantou sério.

Terra do Futuro

Dez semanas se passaram e a Mulher-Gato ainda sentia que vivia a vida de outra pessoa.

Ela trocou a estação de metrô que usava regularmente para chegar em casa pelo outro lado do bairro e desistiu de correr no parque, voltou às aulas de balé. Era caro, mas o custo alto era na verdade bom porque a deixava constrangida em faltar e o estúdio era bem longe da veterinária do Doutor, a fazia evitar cruzar com ele sem querer. Ao menos Tig estava saudável e não precisava de consulta nenhuma.

Encontrá-lo ia destruir com ela.

Ela sobrevivia. As gravações do seriado tinham acabado, só restavam dois episódios finais para ir ao ar, a blogueira visitava a Ásia por alguns meses: ela estava, tipo, de férias até a semana seguinte quando o tal contrato da pasta de dentes terminaria. Cabeça vazia era mesmo oficina do Inimigo.

Ela chorava às vezes ainda triste por causa do Doutor.

Bebericou seu cappuccino, olhos perdidos por longos momentos até que sua mente forçou seus olhos a acharem foco. Foi uma sensação tão poderosa que ela sentiu as pupilas dilatarem.

Doutor!

Tão gato, sorrindo... sem barba! Ah, que diferente ele ficava sem a barba! Mais novo, parecia feliz, cabelo mais curto. Um Doutor diferente, certamente para agradar a garota muito bonita atracada no braço dele. Era linda, alta, loura – talvez loura natural – sorrindo para ele, disse alguma coisa que o fez rir, ele parou, ela tirou o cabelo louro curto que o vento jogou nos seus lábios para poder beijá-lo. Ele segurou a cintura dela enquanto a beijava... Ela disse alguma coisa rindo, ele concordou, eles continuaram caminhando em direção ao consultório. Era domingo... Ele ia levá-la para a cama.

Um gato tem nove vidas, diz a lenda, mas ela era só humana e humanos têm uma chance, um coração. O dela estava em pedaços. Ela piscou tentando entender, não fazia nem três meses, como ele já estava apaixonado de novo?

Quando ela o conheceu, ela tinha um namorado e precisou de menos que isso para se apaixonar por ele; o raciocínio lhe paralisou os pulmões, ela arfou. Doutor! Ela tinha perdido seu Doutor!

Dez minutos ou dois segundos, a caminhada em transe do café até o consultório dele poderia ter levado dois dias, ela não tinha ideia de quanto tempo gastou para estar ali de pé na recepção dele vendo os lábios da loura bonita se movendo dizendo que ia chamar o Doutor, já voltava logo. Era estrangeira, a loura alta. De pertinho era ainda mais intimidante.

A garganta dela fechou quando ele apareceu. Sem barba, de *short* e camisa de manga longa que ela não conhecia, um sorriso de lado. — Ah, é você! — Ele levantou as sobrancelhas. — Olá.

— Oi, Doutor. — Ela engoliu em seco. — Tempão que não nos vemos.

— Espera longa.

— Acabei de te ver na rua. — Ela teve que pigarrear para limpar a garganta. — Com aquela garota.

— Minha noiva — O sorriso dele ainda estava firme enquanto via os olhos felinos caírem nos cantos.

— Oh! — O coração dela doeu e o ar pareceu queimar seu nariz. — Eu vim conversar com você, ficou um monte de coisas a serem ditas... Mas vai se casar assim mesmo.

— O que quer dizer?

— Você me acusou de um crime que você estava cometendo. — Ela engoliu com dificuldade. — Não importa quem pedisse quem em casamento. — Uma pausa rancorosa, dolorida. — Não é mesmo?

— Acusações, hein? — Ele pressionou os olhos a estudando. — Sabe de uma coisa, lindinha? Você está muito acostumada a ter o que quer, só vê o seu lado. Isso é egoísmo de filho único, essa necessidade de só fazer o que te agrada sem se importar com os sentimentos dos outros. Uma mulher bonita sempre consegue o que quer, claro. — Ele enfiou as mãos nos bolsos. — Mas agora que perdeu o que achava estar no papo, está arrependida.

Ela piscou tentando ver através das lágrimas, os olhos felinos arregalados estudando o rosto dele com atenção.

— Você queria conversar. — Ele ficou firme se sentindo um babaca por fazê-la chorar. Ela era linda mesmo, meiga como uma gatinha que se quer pegar no colo. Ele ia adorar tê-la na família. — Agora quer discutir possibilidades?

— Você não é o Doutor. — Ela sussurrou.

Ele franziu a testa.

— Você não é o Doutor! Acabei de te ver na rua com a loura bonita. — Ela piscou, seus olhos ardendo. — Mas você não é o veterinário.

— Não, sou o cientista da computação. — Ele apertou os lábios.

— Não é o Doutor!...

— Mulher-Gato? — Ele teve que fechar a boca ou seu coração ia pular para fora.

— Doutor! — Era um miado cheio de alívio, de dor e desespero. — Sem barba.

Ele passou a mão sobre a sombra rala se sentindo como um *Poodle* depois da tosa. Ainda tinha bigode, cavanhaque fino no queixo, mas a barba cheia não existia mais. — A banda — Ele levantou os ombros. — Esse é meu irmão, já se conheceram. — Ela balançou a cabeça, olhos cheios de lágrimas atentos nele. — Por que está chorando, Mulher-Gato?

Ela correu para ele, braços em volta do seu pescoço e apertou o nariz contra a bochecha dele. Era estranho, ela estava acostumada a cheirar a barba. — Acabei de te ver na rua com uma garota, você parecia feliz, eu quis morrer. — A voz dela era um fiapo de volume.

— Não era eu. Estava ensaiando o show de hoje, acabei de chegar.

— Eu sei — Ela sussurrou. — Estou tão feliz.

— Meu irmão trouxe a noiva para conhecer a família.

Ela inclinou a cabeça para trás e notou que o irmão tinha sumido. — Tenha uma também — As lágrimas correram pelas bochechas dela. — Casa comigo.

Ele queria a abraçar com toda a força que tinha, queria amassá-la contra ele e nunca mais largar, mas estava com medo. — Mulher-Gato, não precisa...

— Eu quero. Seu irmão está certo, é medo infantil. Mereci a bronca.

— O babaca te deu uma bronca? — Ele apertou os olhos em fúria olhando atrás dele.

— Ele já foi.

— Nem se minha casa queimar ele vai descer as escadas para nos incomodar. Ele vira churrasco, mas não volta.

— Doutor? — Ela piscou. — Doutor?

Ele inclinou a cabeça para baixo para olhar para ela e não resistiu mais. Descruzou os braços para segurar o rosto tão lindo tirando os fios de cabelo da frente dos olhos felinos. Não era ruiva mais, estava próxima da sua cor natural, louro escuro quase castanho, uma mistura perfeita dos pais dela, só que mais claro e mais bonito. Diabos, ele sentiu falta dela. — Sim, Mulher-Gato?

— Me aceita de volta, Doutor.

Os olhos dele sorriram, mas o coração ainda sangrava. — Eu quero.

Os braços dela cruzaram em volta da cintura dele enquanto outras lágrimas escapavam. Ela piscou, ele passou o polegar para limpar. — Seu irmão

parece muito com você.

Ele achou graça. — Gêmeos, te falei isso. — Ela balançou a cabeça. — Você pensou que eu estava com outra pessoa e, ainda assim, veio aqui.

— Eu morri, Doutor.

— Mulher-Gato boba. — Ele deu uma bitoca nos lábios dela de novo e provou as lágrimas no terceiro. — Só quero você.

— Casa comigo?

— Sabe a resposta.

Os lábios se encontraram tímida, cuidadosamente. Dez semanas podem ser muito tempo se o sentimento que elas separam for grande demais. Eles se entregaram à saudade um do outro e trocaram beijos profundos, longos, doloridos e apaixonados.

— O show grande já aconteceu, você me deu um bolo.

— Eu estava lá no mês passado, fui te ver tocar...

Ele piscou. — No Festival de música Indie?

Ela balançou a cabeça fungando. — Alguém conseguiu convites e a produção toda foi junta direto da gravação, mas não consegui ficar... Saí logo que você começou.

— Estava lá, Mulher-Gato, e não viu como eu estava triste.

Mais lágrimas correram pelas bochechas dela. — Eu estava com tanto medo de ver outra garota usando seu chapéu. — Ele a abraçou com força, as mãos dela agarraram a camisa dele nos omoplatas. — Podemos recomeçar?

— Temos que.

Sua Mulher-Gato, presa nos seus braços, não ia deixá-la escapar nunca mais. Semanas perdidas assistindo Tentflix com pena de não estar lá na gravação vendo-a atuar ao vivo, alimentar a gata dela e esquentar sua cama... Tudo que havia sido deixado no passado. E ele queria recomeçar imediatamente.

Ela deu um pulo nos seus braços quando ele gritou chamando o irmão, mas antes que o cara que parecia com ele ouvisse a reclamação por fazê-la chorar, eles foram surpresos por tapinhas nas costas dos dois.

— Quero um casamento duplo. — Seu irmão andou calmamente até o sofá da sala de espera. — Papai é velho *pra* caralho, assim ele vai nos ver com gatas de branco no altar de uma vez só e vai poder morrer em paz.

— Mamãe te mata se ouvir você falar isso. — Doutor ainda tinha os olhos atentos aos dela apesar de falar com o irmão. — E minha sogra vai querer um neto assim que casarmos. Melhor esperar um pouco.

O irmão riu apontando para a escada. — Vai lá para cima, irmão.

— Cala a boca. Está envergonhando minha noiva.

— No casamento duplo a gente tira fotos trocando de noivas, a gente até

pode parar a cerimônia no meio dizendo que nos confundimos!

Ela riu escondendo o rosto no peito dele sentindo vibrar enquanto ele grunhia. — Que bacana.

— Papai vai adorar, vai morrer de rir! — O irmão esfregou as mãos. — E economizamos bastante também. Vocês dois podem passar a lua de mel na Europa conosco. Seria ótimo.

— Não vou dividir minha noiva. — Doutor a segurou mais perto. — Nunca.

O show de costume no bar dos amigos seria especialmente bom naquela noite. Ele teria o irmão vendo-o tocar como quando estavam na escola com o prazer de ter também sua adorável Mulher-Gato ao seu lado. Sozinhos no apartamento dela por meras duas horas até que ele tivesse que começar o show, eles se mantiveram na cama nus e abraçados, sorrindo e tentando acalmar os corações partidos.

Tig os observava aconchegada na sua caminha sob a janela com certa mágoa. Alguns minutos antes, enquanto eles apaixonadamente faziam amor, ela pulou da cama para o pé da cama e foi acidentalmente chutada. Ela já era uma mocinha, sabia que o cara era boa gente apesar dos exames inconvenientes, mas, mesmo assim, preferia sua humana só para ela.

— Seu bronzeado está apagado. — Ele acariciou o traseiro dela. — Preciso te levar para a praia.

— Ia adorar.

— Talvez meu irmão e a noiva queiram vir conosco.

— Ia preferir ficar sozinha com você.

— Vamos ter muito tempo sozinhos, minha Mulher-Gato.— Ele beijou seus lábios com carinho. — Fica tranquila.

— Ele ficou com sua cama. — Ela penteou a barba fina no queixo dele.

— Dei minha cama para eles porque estava sozinho, não precisava de privacidade.

— Vai ficar aqui comigo...— Ela colocou a língua para fora.

— Vou. — Ele tocou com a dele.

Ela ficava ótima de chapéu, ele pensou aproveitando a sombra da aba larga nos seus olhos enquanto se apoiava na clavícula da namorada enrolada nele por trás: as pernas em volta da sua cintura, tornozelos cruzados sobre a virilha para as mãos dele acariciarem calmamente os pés finos dela enquanto ela traçava com a ponta dos dedos as escamas de dragão nos seus ombros. Ele olhava para a

direita para conversar com o irmão, ela olhava para esquerda para conversar com a futura cunhada que planejava o *website* para fazer propaganda da sua carreira de atriz e modelo.

Era uma tarde quente, o som das ondas os rodeando, eles bebericavam suas cervejas com preguiça e, na sua cabeça, Doutor fazia esforço para apagar a dor dos meses separado da adorável mulher que ele amava tanto.

Ele reclamou quando ela decidiu ir a algum lugar com a outra garota, se inclinou para frente para deixá-la levantar, eles tocaram as línguas e ele sorriu vendo sua Mulher-Gato andar rebolando muito sensualmente, as franjas do top do biquíni dançando no vento.

— Sua garota tem bom gosto para biquínis, irmão.

Doutor grunhiu de novo e bebeu da cerveja. — Ainda bem que ela deu esse de tricô para a sua em troca do chapéu. Prefiro quando ela usa os de Sinatra, mas esse grande tem sombra para mim também.

— Vocês dois até que ficam bem juntos, chapéus e roupinhas combinando para o show.

— Eu sei.

— Minha garota fica bem naquele biquíni, puta merda... — Os dois homens balançaram a cabeça enquanto as mulheres entravam no mar. — Não vai sentir falta?

Doutor sacudiu a cabeça. — Esse novo poderia ser maior um pouco, mas ao menos não é tão pequeno quanto os de tricô. No Natal falei para a tia dela não economizar em linha, mas só riram de mim.

— Ciumento para cacete, hein?

— Me fala que não preciso ser. — Ele olhou para o irmão gêmeo que, a não ser a barba e olhos ligeiramente mais arredondados, era sua imagem espelhada. — Me diz que ela não é perfeitamente linda.

— Ela é. — O irmão riu. — Quando assisti a série com a Mamãe, eu entendi logo porque você estava tão apaixonado.

— O comercial de pasta de dentes que te mostrei, foi ali que fiquei caído por ela.

— Sabe, estava de olho em vocês e vi porque a Mamãe reclamou. Vocês são nojentos! Sempre colados como macacos, ela está sempre te alisando. Rosto, cabelo, *tattoos*. — Ele fez careta enquanto o irmão sorria. — Parece que ela está catando piolho em você para comer.

Doutor riu alto. — Eu gosto!

Seu irmão gêmeo sacudiu a cabeça e bebeu da sua cerveja.

Olhos felinos arregalados, coração quase parando.

— Calma, não vamos entrar em pânico.

Ela balançou a cabeça, mas já estava em pânico.

— Não temos certeza. Vou te levar em um laboratório e vamos pedir um exame emergencial.

— Você não é médico, vão estranhar.

— Você é parte gato, vivo te falando que meu registro me permite tratar da sua saúde.

— Fofo.

— Muito animada, Mulher-Gato. — Ele abriu uma gaveta e passou uma das camisas limpas dele para ela.

— Só fico me lembrando da sua mãe falando de quão surpresa ela ficou com as duas barrinhas vermelhas no teste de farmácia.

— Quer tentar um desses antes do laboratório? — Ele sorriu vendo sua namorada linda balançar a cabeça em pânico. — Vou comprar agora. Não vai fazer xixi, espera.

Trinta minutos depois os dois franziam as testas para a pia do banheiro. O teste de gravidez que ele comprou poderia ficar vermelho ou verde, mas ficou marrom.

— Acho que foi só um susto, vai ficar menstruada logo.

— Mas o que quer dizer?

— Que precisamos consultar sua ginecologista.

— Agora? — Ela mordeu o lábio inferior. — Podemos esperar alguns dias para ter certeza?

— Prefiro ir logo.

— Acha que tem algum problema com o bebê?

Ele sorriu. — Não tem bebê nenhum, Mulher-Gato. Estou preocupado com você. Esse é um teste hormonal e os seus estão confusos. Quero ver o que está acontecendo aí dentro. — Ele apertou o nariz dela como uma campainha.

— Sei exatamente o que está acontecendo com o meu corpo. — Ela jogou água fria no rosto. — Estou pilhada porque voltamos, e essa nova propaganda. Esqueci de tomar a pílula um dia e tomei duas no dia seguinte. Foi isso.

Ele balançou a cabeça encostado na parede do banheiro, cruzou os braços sobre o peito e riu para si mesmo. — Meu pai ia ficar encantado. Minha mãe ia me matar por não usar camisinha... — Ele sacudiu a cabeça. — Se seu pai não me matasse antes por ter a audácia de engravidar a princesinha dele, talvez sua mãe pudesse me salvar. Ela ia gostar de um netinho, toda hora conta como foi

triste ter dificuldade para engravidar de você.

Ela piscou vendo o namorado através do espelho. — Está triste?

Ele sacudiu a cabeça devagar. — Não sei. Você está?

— Não! Espero que esteja certo e eu não esteja grávida. Iria perder a nova campanha, lançamento de um carro! É um contrato longo, nem precisa de exclusividade. Outras coisas bacanas vão vir também. — Ele concordou. — Somos muito novos, concordamos em esperar para nos casar, falamos isso para seu irmão.

— Me lembro.

— Mas você ia gostar de ter um bebê agora.

— Um bebê não pode ter bebês — Ele limpou a garganta. — Está no manual da Agência de Inteligência.

Ela riu baixinho. — Meu pai não diz que está no manual...

— Doutor?

— Sim?

— Vem aqui!

Ele rolou a cadeira para trás e, contrariado, a encontrou entrando no consultório.

— Diz “oi” para o Doutor. — Ela sorriu largo para o gatinho em suas mãos.

— Isso aqui não é um abrigo.

— Eu sei! É para minha mãe.

— Sua mãe não pode com gatos, Mulher-Gato. — Ele ainda não levantou da cadeira e falava com ela com a cara fechada, braços cruzados no peito.

— Ela não pode com Persas por causa do pelo longo. Esse é curto. — Ela virou a mão para olhar a cara do filhotinho.

— Siameses tem bastante pelo, ela não vai conseguir.

— Meu pai dá um jeito. Você é um Siamês, fofura?

O filhote abriu a boquinha, mas não saiu som nenhum.

— Ah, que fofura!... — Ela coçou entre as orelhas. — Tão educadinha!...

— Não temos espaço aqui para mais bichos. Tig já basta.

— Não é para nós, te disse! — Ela tentou, ele suspirou. — Examina para ver se ela está bem?

— Claro. — Ele estendeu as mãos. O gato tentou cravar as garras na

maca de inox com olhinhos arregalados. — Ah, Mulher-Gato, sua mãe vai querer ficar com esse bichinho mesmo. — Até ele queria. — Tem seus olhos.

Felino e garota se olharam com curiosidade.

— Você acha?

— Tenho certeza. — Ele beijou os lábios dela e sorriu quando ela sorriu para ele, mas teve que olhar de volta para o animalzinho quando sentiu que ia fugir da maca. — Só que os olhinhos encantadores aqui são meio vesgos. — Ele riu, o bichinho reclamou mostrando dentinhos branquinhos, mas o miado malcriado não saiu.

— Espera, menina. Ele é chato quando a gente conhece, mas a gente se acostuma com os apertos e cutucadas. — Ela riu enquanto a gatinha reclamava silenciosamente e, depois, pulou quando o Doutor cutucou sua cintura.

— Um Siamês lilás saudável, não sei por que é mudo e é macho.

— Um menino! — Ela arfou.

— Não acredito que ainda não consegue perceber. — Ele implicou, ela franziu o nariz. — Consegue perceber que eu sou um menino, né?

Ela revirou os olhos. — Poderíamos te chamar de Lilás, seria um nome ótimo. — O gato miou silenciosamente para ela. — Minha mãe não vai querer um menino... Vai?

— O fato de ser um gato é que vai ser o grande problema.

Ela subiu na maca e segurou o gatinho no colo. — E agora, rapazinho?

— De onde veio esse, Mulher-Gato?

— Da jardineira onde tem a árvore de gatos.

Ele bufou. — Queria que fosse correr em outro lugar, ou ao menos usasse outra entrada para o parque. — Ele pausou. — Fico pensando quem é que coloca gatos lá para você achar.

— Quando achei Tig, muita coisa mudou na minha vida bem rápido. Te conheci, fui escolhida para a série...

— Que boa sorte esse vai te trazer? — Ele espalmou a maca aos lados dela e se inclinou para roubar um beijo, mas o telefone tocou no seu bolso o interrompendo. — Fala, irmão. Boas notícias? — Ele levantou uma sobrancelha para ela sorrir. — Nossa, parabéns! Sim, estou feliz que vou ser tio! Não, não vou pagar o favor nem tão cedo. Olha, a Mulher-Gato está fazendo sinal aqui, ela quer falar com a futura mamãe.

Ele a viu entusiasmada no telefone sabendo com certeza que estava genuinamente alegre pela cunhada. O telefone dela vibrou, ela tirou da cintura da calça de ginástica, sorriu para a tela e mostrou a mensagem da produção confirmando a segunda temporada da série.

— Gatinho da sorte! — Ela sussurrou fazendo carinho no gato perto do

seu rosto.

Quando “Manekineko” foi oferecido de presente com uma bandana xadrez no pescoço, os olhinhos esverdeados estrábicos encantaram ambos os pais dela. Seus poderes mágicos também residiam na aura brilhante do Siamês lilás, era como se bons presságios pairassem em volta dele.

— Todos velhos, cara! É o final dos tempos, somos todos velhos!

Os cinco amigos balançaram as cabeças.

— Seus pais sabem que a gente vem ensaiar e deixam a gente sozinho na casa deles. — O baterista suspirou cheio de pena. — E sabem que a gente vai fumar!...

— Eles deixam porque confiam nas noras e nas gatas. — O Doutor levantou as sobrancelhas.

— Ou seriam noras gatas? — Um gaiato sorriu malandramente e todos riram.

— Pelo menos elas deixam a gente fumar...

— Fala baixo, se a gente acordar minha filha, vou passar por maus bocados — O irmão arregalou os olhos. — Minha mulher até fechou a janela do quarto. — Ele levantou os olhos para a janela do seu antigo quarto com luz acesa e cortina fechada.

— Você casou com uma leoa!

— E meu irmão com uma princesinha!

Todos riram.

— A minha eu conheci em uma reunião. — Ele disse depois de tragar o cigarro e passar para o amigo ao lado. — Ela bateu na mesa e botou o dedo na minha cara. — Ele abriu um sorriso.

— E ela estava certa?

— Não, mas eu gamei!

Os amigos riram tentando imaginar a cena do cientista da computação esnobe sendo desafiado pela loura bonita.

— Depois da vergonha que passei e de explicar que a minha solução era melhor que a dela, eu chamei a fera para sair. — Ele abriu um sorriso gaiato. — Agora conta da sua. — Cutucou o irmão com o cotovelo.

— Como conheci? — O Doutor perguntou tragando o cigarro que era passado como cachimbo da paz.

— Na TV! Otário!...

— Me lembro do primeiro show que ela foi, o chapeuzinho e o sorriso!
— O vocalista sorriu, se inclinou para frente e bateu nas costas do Doutor. — Esse cara estava de quatro!...

— Ela já tinha ido a outro show antes... — Ele sorriu prendendo os lábios, satisfeito com seu segredo íntimo. — Mas, na primeira vez que vi, ela estava na cafeteria da rua lendo um livro distraída, tinha cabelo bem longo e ficava trançando e destrançando sem parar. — Ele fez o movimento movendo os dedos perto do ombro direito. — Parecia que estava tocando arpa.

— Babaca, ficou encarando a garota.

— E ela não ficou com medo do tarado de olho nela... — O irmão riu.

— Nem me viu. — O Doutor deu de ombros. — Não levantou a cabeça e eu não vi os olhos de gato.

— Bicho, parece mesmo! — O guitarrista apontou para ele.

O cantor concordou com a cabeça. — É, parece que tem um gato dentro da mulher!

Doutor sorriu. — Depois, ela apareceu na minha TV, depois no meu consultório. — Ele piscou, o sorriso aumentando no rosto limpo de barba. — Linda com dois gatinhos nas mãos. — Ele apontou para Tig deitada no parapeito da janela mais próxima de olho nas gatas da mãe dele como quem tinha uma relação de amor e ódio. — Foi o destino. Ela é uma princesa, mas quando decide bater o pé... — Ele sacudiu a cabeça.

Ficaram em silêncio por uma rodada de tragadas.

— Desde que vocês se mudaram para essa casa, tem sempre três gatas de olho na gente. — O baterista apontou para as Persas fingindo que dormiam, apesar das orelhas em pé.

Todos balançaram a cabeça lembrando os anos de adolescência.

— Agora uma é minha. — Doutor apontou e chamou Tig que abriu os olhos, piscou e não se mexeu.

A Mulher-Gato apareceu na cozinha segurando mamadeiras para lavar e parou com as mãos na cintura vendo os cinco adultos brincando de adolescentes na varanda dos fundos da casa dos sogros. Eles levaram alguns minutos para notar que ela estava os observando até que um deles apontou para ela chamando a atenção da roda de cadeiras de jardim.

— Ei, vem cá, lindinha. — Ele apontou para os lábios fazendo bico.

Ela sacudiu a cabeça. — Sou boba, não.

Doutor riu da cara do irmão. — Ela não vai cair mais nessa. — Os irmãos estavam sem barba e corte de cabelo parecido, mas ele sabia que para ela eram completamente diferentes. Sorrindo, ele estendeu o braço para a esposa. — Vem, gatinha. — Ela sorriu de volta e foi ao colo dele. — Faz horas que você

não senta aqui, fico com saudades. — Ele cochichou para só ela ouvir.

Ela mostrou a língua, ele tocou com a dele e quando chegou a vez do marido, ela tragou antes de passar para ele e beijar-lhe o rosto enquanto ele tragava. — Vamos lá pra cima? — Ela pediu ronronando no ouvido do marido. — Já estamos meio altos...

— Vamos ensaiar. — Ele sorriu de lado, molhou as pontas dos dedos na língua e apagou o cigarro. — Guarda para mais tarde.

Vendo sua contravenção ser cortada sem serem consultados, todos os demais da roda reclamaram.

— Acende outro! — Doutor mandou rindo e viu encantado sua esposa, há seis meses, guardar o cigarrinho no *soutien*.

A reclamação continuou mesmo depois que outro foi acesso e, de repente, ouviram um rosnado tão irado que até as gatas resolveram sair de perto para achar um local de tocaia mais seguro. — Calados! — A mulher do outro gêmeo ordenou da janela do segundo andar.

Houve uma sinfonia de “desculpe”, mas o olhar que ela deu ao marido o fez ter certeza que estava encrencado.

— Tenho que levar as mamadeiras ou vai sobrar para mim também. — Mulher-Gato fez cara de medo.

— Vai, não. Pode ficar aqui e eu te protejo.

O irmão tragou fundo se preparando para o que teria que aguentar mais tarde. — Se for para cima e fizer outro neto para o meu pai nessa onda, ele vai morrer de ódio! — Ele esticou o braço oferecendo para o irmão e a cunhada.

Não fizeram. Não naquela ocasião, de qualquer maneira.

Mas o arranjo novo para a música de abertura da série dela que fizeram naquela noite com a bebê de 18 meses acordada no colo do pai o tempo todo foi tema da terceira temporada e campeã absoluta de *downloads* naquele ano, em todos os *sites* onde ficou disponível.

Cara de um, focinho de outro

Bruxa e Vagabundo tiveram bolo pelado sem glúten e lactose.

Nas alianças de ouro 22k, mais puro e menos propenso a causar alergia, estava gravada em números romanos a data do casamento.

Abi e Torto tiveram bolo quadrado de chocolate no topo e diversos quadrados de brownie recheado nos andares inferiores do suporte piramidal para agradar ao noivo que comeu vários. Como era café da manhã, ela pôde comer um dos vários *pain au chocolat* que ele encomendou para ela, mas mesmo sendo fresco, ela morreu de azia (ele desconfiou que fosse obra de seus meninos na barriga ainda magra brincando com o organismo dela).

Os bombons decorados com a data do casamento em números romanos foram guardados para a noite de núpcias.

Mulher-Gato e Doutor não tiveram bolo de casamento.

As tias perdiam dias discutindo detalhes de um casamento formal e a cada decisão que tomavam, eles ficavam mais infelizes com os preparativos. ‘Por que não casam escondidos?’, perguntou uma amiga dela – na verdade, a *Moriarty* para sua *Sherlock* na série – Acabaram por fugir para casar na praia perante dez amigos.

A data do casamento em números romanos foi tatuada no corpo deles, como ele queria.

Moiras Felinas

— Princesas Persas trouxeram recomeços, o menino Siamês: continuação.

— Então, vamos precisar de mais Siameses.

— O que ela tem no ventre?

— Uma sementinha até agora, nem vinte e quatro horas ainda.

— Dá para dividir?

— Acho que sim...

— Tive uma ideia! Faz ela achar outro Siamês...

— Não!

— Que grosseria me cortar assim, me deixa explicar...

— Espera, melhor se for um Siamês preto e um Persa preto!

— Ah! Gêmeos, mas fraternos. Que diferente!...

— Que ideia melhor ainda!...

— Não é dividir então, vamos precisar duplicar. Com um gostinho diferente.

— Faz logo, vai!

— Se adianta, ela já está acabando a corrida. Corre, põe os gatinhos na jardineira!

As Moiras, aquelas deusas irmãs famosas, caro leitor, tiveram essa conversa em uma série de miados e ganidos, talvez um trinado e um motorzinho de garganta; mas como seria difícil exprimir tal comunicação, apresento uma tradução (espero que fiel).

Quando a Mulher-Gato andou para casa naquela manhã mancando devido a uma passada em falso, ela achou dois gatinhos na jardineira alta. Porém, desta vez, ela não pegou.

Estava de mau humor, seu pé doía por ter corrido pela grama irregular e o tornozelo parecia que ia inchar. Na verdade, ela se sentia meio esquisita e descompensada, queria chorar por causa do tornozelo e dos gatinhos

abandonados e de alguma coisa dentro dela. Como tinha dinheiro para o pão fresco do café da manhã do marido, ela comprou leite e, com cuidado, alimentou os gatinhos. Também avisou à moça do caixa da nova padaria recém-aberta ali perto que havia anjinhos peludos querendo um lar e ela poderia oferecer ajuda de um ótimo veterinário.

A moça bonitinha sorriu encantada com os gatinhos pretos, eles miaram para ela e a Mulher-Gato foi embora para um banho longo e uma semana de cama. Doutor ficou preocupado que o resfriado simples tivesse virado uma pneumonia e tomou muito cuidado da esposa com ajuda da comida vegetariana da mãe dele e da mistura caseira de chás da mãe dela.

Houve muitas alegrias e desentendimentos, tristezas e reconciliações, comemorações e acordos ao longo de suas vidas. Também houve gatos ao longo dos anos, muitos. Mas as Moiras só se lembraram desta família anos depois.

Elas ficaram distraídas, os dois gatinhos pretos lhe deram muito o que conduzir. Mas esta é outra história.

FIM

Sobre a Autora

Moira Bianchi é arquiteta e urbanista de formação, escritora de coração. Começou porque tinha insônia, depois, passou a evitar dormir para ter mais tempo para escrever romances apaixonados e apaixonantes.

Pela editora Bezz, a autora tem um conto contemporâneo no livro *‘Desde a primeira vez’* e participou da homenagem pelo bicentenário de morte da autora inglesa através do *‘Querida Jane Austen, uma homenagem’* – este pelo selo Leque Rosa. Além desses, tem vários títulos autopublicados.

A autora mora na Zona Sul do Rio de Janeiro com seu marido, filho e o gatinho Almirante H. Nelson. Adora ver o sol nascer atrás do Pão de Açúcar, quando vai correr, e bater papo com amigos.

be22
EDITORA

NOS
BRAÇOS DO
ROQUEIRO

LIVRO 1 - SÉRIE THE ROCKER

TERRI ANNE BROWNING

Nos braços do roqueiro

Browning, Terri Anne

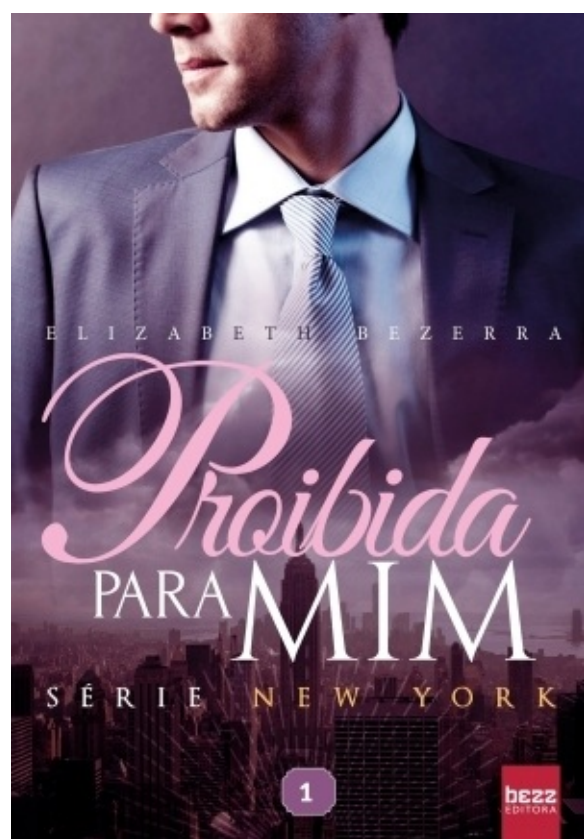
9788568695449

147 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sair em turnê com quatro roqueiros parece um sonho... pelo menos é o que as pessoas me dizem. Para mim, esses quatro roqueiros são a minha família. Cuidam de mim desde meus cinco anos de idade, protegendo-me da minha mãe e de seus episódios de fúria quando estava bêbada e drogada. Mesmo depois de famosos, continuaram cuidando de mim. E quando meu monstro de mãe morreu, eles se tornaram meus guardiões. Há seis anos eu cuido dos quatro homens que são tudo para mim. Tomo conta deles da mesma maneira que sempre cuidaram de mim. Resolvo tudo, até as sujeiras dos bastidores da vida de um roqueiro. Nem sempre é bonito. Às vezes, chega a ser quase repugnante, principalmente quando tenho que me livrar das transas aleatórias. Ugh! E se apaixonar por um roqueiro NÃO é inteligente. Tudo bem, então não sou inteligente. Eu amo os meus garotos, e um deles, meio que tem meu coração em sua, grande e calejada, mão roqueira.

[Compre agora e leia](#)



Proibida para mim

Bezerra, Elizabeth

9788568695371

310 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Neil Durant socorre Jennifer Connor durante um assalto em uma noite fria ele não sabe que sua vida mudará para sempre. Descobrir que a jovem é cega é uma surpresa para ele. Neil está preso em um casamento de conveniência e sabe que Jennifer é totalmente proibida para ele. O correto é afastá-la de seu mundo sujo, mas o destino insiste em aproximá-los cada vez mais. Passado e futuro se entrelaçam de forma surpreende e os dois se veem mergulhados em uma paixão incandescente.

[Compre agora e leia](#)

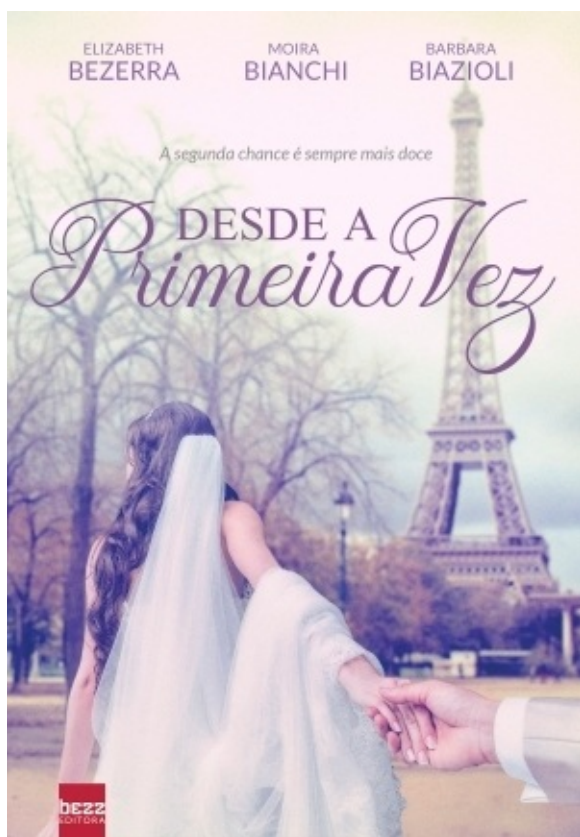
ELIZABETH
BEZERRA

MOIRA
BIANCHI

BARBARA
BIAZIOLI

A segunda chance é sempre mais doce

DESDE A *Primeira Vez*



Desde a primeira vez

Bezerra, Elizabeth

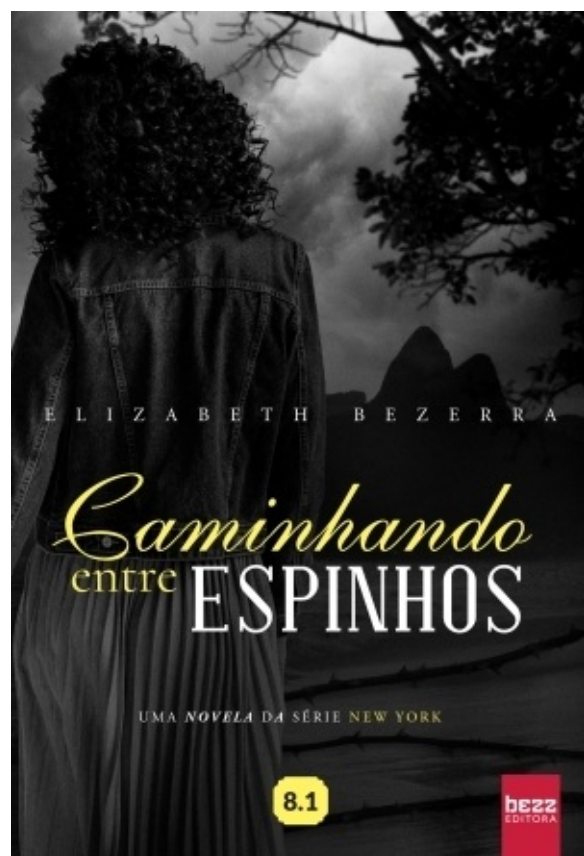
9788568695944

120 páginas

[Compre agora e leia](#)

Pela primeira vez, a Editora Bezz reúne três autoras bestseller Amazon e encanta com histórias de fazer suspirar...A Segunda Chance sempre é mais doceE agora, Sr. Alz?, de Elizabeth BezerraA música sempre esteve presente na vida de Elisa e ter suas canções entoadas por uma multidão era o seu objetivo. Isso fez com que ela tomasse por garantido o amor dos que a cercavam: o seu pai, sua avó e Jack, e partisse, com planos de nunca mais voltar. Quando oito anos depois, ela se vê obrigada a voltar à pequena cidade de Hope para cuidar de sua avó doente, sem a fama, sem o pai e sem o único homem que já amou, Elisa se depara com uma verdade que esteve diante de seus olhos todo esse tempo: há música nos pequenos gestos de amor.Bentô Emocional, de Moira BianchiAcaso ou controle? Equilíbrio na bagunça ou organização como numa marmita bentô? Coincidência ou sincronicidade?Durante uma chuva de verão no Rio de Janeiro, Tom, médico, se apaixonou à luz de velas; Cota, musicoterapeuta, deixou-se encantar pela ideia de moldar-se a um homem tão diferente daqueles com quem costumava sair.Porém, amar nem sempre é simples, pactos nem sempre são mantidos, alguns espaços vazios levam tempo a serem preenchidos. Impulsionada por uma desilusão amorosa, Cota cria um aplicativo de celular para unir pessoas através da música, mas é a chuva de verão que encaixa Tom na sua vida de novo.Esculpida em seu Coração, de Barbara BiazoliKate tinha o plano perfeito para o futuro. Para Michael, qualquer coisa ao seu lado seria maravilhoso. Diferente dela, ele não se imaginava num banco de aula da faculdade nos próximos anos. Sua arte o chamava e Kate era especial o suficiente para aceitá-lo como era.No entanto, dias antes de seu plano tornar-se realidade, Kate sente a decepção corroer-lhe a alma e não dá chance a Michael de se explicar.Dez anos depois, Paris é o palco de seu reencontro. Sem terem como se evitar por questões de trabalho, eles terão de superar o mal-entendido. Mas como deter tamanho sentimento, esculpido para durar para sempre?

[Compre agora e leia](#)



Caminhando entre espinhos

Bezerra, Elizabeth

9788568695821

184 páginas

[Compre agora e leia](#)

Era uma vez uma garota... Que acreditava nas pessoas, na beleza da vida e em um amor puro e bonito. Era uma vez uma garota... Que descobriu que pessoas são ruins. Que o mundo em que vive é cheio de maldade e de dor. Era uma vez uma garota... Presa em uma torre alta, por um homem horrível e cruel. Era uma vez uma garota... Que deixou de acreditar em sonhos, contos de fadas e que príncipes encantados existem. Era uma vez uma garota... Que pulava entre as nuvens. Agora... essa garota caminha entre espinhos. Aviso: O livro é uma introdução do romance entre Peter e Fabiana. Contém cenas de violência e linguagem indevido. Aborda temas polêmicos como preconceito, abuso, escravidão sexual e tortura. Não recomendado para menores de 16 anos.

[Compre agora e leia](#)



A voz do coração

Bezerra, Elizabeth

9788568695920

448 páginas

[Compre agora e leia](#)

O último dos solteiros do seleto grupo de amigos de Nova York estava feliz em continuar assim... solteiro. Muralha, Grandão, Mulherengo, esses eram alguns dentre tantos atributos que Peter Stone encarava com bom humor. Mas ainda que ele fosse visto como o "Don Juan", havia um traço em Peter do qual ele carregava com orgulho: o de Salvador. Ele era o que ajudava em tudo e a todos. A regra era clara: não mexam com quem ele amava e protegia. E quando a jovem carregando cicatrizes internas e externas, Fabiana Mendes, é colocada sob seus cuidados, a ideia era apenas essa, protegê-la. No entanto, a couraça que ele construiu ao seu redor e que o ajudava a caçar bandidos e eliminar qualquer ameaça, agora sobre Fabiana, foi vencida graças à fragilidade, doçura e força interior desta mulher que tinha tudo para não sobreviver a tantas adversidades. As cicatrizes de Fabiana faziam com que Peter encarasse as dele. Fantasmas de seu passado ressurgiam para atormentá-lo e, em meio a tudo isso, ele se vê lutando contra o fascínio e o desejo incontável por sua Honey... O oitavo e último livro da série New York traz doses explosivas de romance, drama e ação, que farão seu coração viver momentos inesquecíveis.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Uma Nota](#)

[Felinos e Felinas](#)

[PARTE 2](#)

[Bruxa & Vagabundo](#)

[PARTE 1](#)

[PARTE 2](#)

[PARTE 3](#)

[Abi & Torto](#)

[Conhecer](#)

[Namorar](#)

[Decidir](#)

[Mulher-Gato & Doutor](#)

[Terra da Chatice](#)

[Terra dos Sonhos](#)

[Terra do Nunca](#)

[PARTE 4](#)

[Viver](#)

[Terra do Futuro](#)

[Cara de um, focinho de outro](#)

[Moiras Felinas](#)

[Sobre a Autora](#)